



Revista da Academia Guarulhense de Letras

NÚMERO 17
ANO 2015

ISSN: 2237-4892





Copyright © 2015 Academia Guarulhense de Letras

Projeto Gráfico
Vanessa Rodrigues de Macedo

Preparação de Originais
André Figueiredo Rodrigues

Composição e Diagramação
Vanessa Rodrigues de Macedo

Concepção de Capa
Fabio Vicente

Arte da Capa
Maria Helena Gonçalves Rodrigues

Leitura Crítica e Revisão
Os autores

Arte da Capa
André Figueiredo Rodrigues – posse do acadêmico
José Manuel Mateos Martinez (15/03/2014)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Revista da Academia Guarulhense de Letras. – n. 17 (dez. 2015). – . –
Guarulhos: Academia Guarulhense de Letras, 1978 –

Anual

ISSN: 2237-4892

1. Contos brasileiros – coletâneas 1. Poesias brasileiras – coletâneas

CDD 869.9308

869.9108

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Endereço para correspondência:
Rua Alexandre de Oliveira Calmon, 98 – Centro
Guarulhos – SP – CEP: 07115-020

Foi feito o depósito legal
Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*
Novembro 2015





ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS

Diretoria (Gestão 2014-2016)

Presidente – Ary Baddini Tavares

Vice-Presidente – José Augusto Rodrigues Pinheiro

Secretário Geral – Teresinha Silva Maltez de Souza

1º Secretário – Mauro dos Santos Oliveira

2º Secretário – André Figueiredo Rodrigues

Tesoureiro Geral – Claudemir Pedroso da Silva

1º Tesoureiro – Lineu Roque Aceiro

2º Tesoureiro – José Roberto Machado

Conselho Fiscal – Clovis Domingues (Presidente), Aura Gold e Antonia Conceição Vaz Duarte

Suplentes: Espedito Pinheiro de Souza, Isabel Borazanian Macedo de Oliveira e Elmi El Haje Omar

Assessoria de Relações Públicas – Antonio Darci Pannocchia e Armando Attilio Colacioppo Sobrinho

Assessoria de Comunicação – Jacques Miranda de Oliveira, José Augusto Rodrigues Pinheiro, Valdir Carleto e Gil Campos de Farias

Assessoria de Eventos – Bosco Maciel, Janethe Fontes e Jane Rossi

Revista da AGL 2015

Comissão Editorial – André Figueiredo Rodrigues (Presidente), Elmi El Haje Omar, Mauro dos Santos Oliveira e Sergio Eduardo Port.





EXPLICAÇÃO DA CAPA

O trabalho foi elaborado, em parte, pelo designer Fabio Vicente, em 1999 e atualizado com a logomarca da Academia Guarulhense de Letras. Como registra o acadêmico Bismael Batista de Moraes, as duas retas se cruzando, uma vertical e outra horizontal, identificam a localização do município de Guarulhos, na confluência de duas estradas federais, a Rodovia Fernão Dias, com destino a Minas Gerais, e a Presidente Dutra, com destino ao Rio de Janeiro, por onde passa grande parte da riqueza nacional.



ACEITA-SE PERMUTA

Exchange is accepted

Si piede permuta

On demande l'échange

Man bitter um austausch

Si prega l'intercambio





SUMÁRIO

- Apresentação 7
Ary Baddini Tavares

PARTE I Artigos

- André Figueiredo Rodrigues 11
- Antonia Conceição Vaz Duarte 27
- Aristides Castelo Hanssen 47
- Aura Gold 55
- Bismael Batista de Moraes 67
- Bosco Maciel 85
- Claudemir Pedroso da Silva 97
- Clovis Domingues 115
- Concita Weber 129
- Estanislau Henrique da Cunha 135
- Gil Campos de Farias 143
- Isabel Borazanian 161
- Jacques Miranda de Oliveira 169
- Jane Rossi 173





▪ Janethe Fontes.....	185
▪ José Augusto Pinheiro	193
▪ José Manuel Mateos Martinez.....	207
▪ José Roberto Jerônimo.....	217
▪ Lineu Roque Aceiro.....	231
▪ Mario Yoshinaga	239
▪ Mauro dos Santos Oliveira.....	243
▪ Nelson Natalino	249
▪ Plínio Tomaz.....	267
▪ Sergio Eduardo Port.....	283
▪ Silvio Ribeiro.....	287
▪ Teresinha Silva Maltez de Souza	295

PARTE II

Discursos de Posse

▪ José Roberto Jerônimo.....	305
▪ Nelson Natalino	311

PARTE III

Elogio Fúnebre

▪ José Manuel Mateos Martinez.....	317
Mauro dos Santos Oliveira	

PARTE IV

Complementação do Livro Histórico

▪ Complementação da história da Academia Guarulhense de Letras: de agosto de 2014 a julho de 2015.....	325
Mauro dos Santos Oliveira e Teresinha Silva Maltez de Souza	





APRESENTAÇÃO

DIA DA ÁRVORE, DIA DO ESCRITOR GUARULHENSE

Não seria a primeira vez que se encontra um nexó entre a árvore e o escritor. Castro Alves afirmava isso, para a posteridade, com sua poesia, em que ligava o livro à semente:

Oh! Bendito o que semeia
Livros, livros à mancheia
E obriga o povo pensar!...
O livro, caindo n'alma
É germe – que faz a palma,
É chuva – que faz o mar!

Essa é a tarefa do escritor. Semeador de ideias, cultivador de sentimentos e ofertante de sementes que alimentam a vida. Foram os escritores que permitiram à humanidade a preservação dos conhecimentos acumulados por gerações





APRESENTAÇÃO

e gerações, promovendo seu desenvolvimento e que trouxeram de um mundo obscuro e bruto, aos tempos evoluídos que conhecemos.

Não é difícil para ninguém, “ouvir” Sócrates e conhecer seus pensamentos, quase dois milênios e meio depois de sua morte. Ou conhecer, nos escritos de Moisés, os primeiros momentos da vida na terra e do aparecimento de nossos mais remotos ancestrais. Que cultura teríamos, se esses ensinamentos não tivessem sido escritos? Quanta sabedoria eles transmitiram aos que escreveram em continuação durante tantos séculos e ainda hoje?

Semear, de forma cumulativa, permitiu que as árvores evoluíssem até chegar a impressionante vegetação que cobre o planeta. Semeando livros, os escritores pavimentaram a cultura que resultou na civilização em que hoje vivemos.

Por esta realidade, a Academia Guarulhense de Letras, fixou no dia da árvore, 21 de setembro, dia da árvore – véspera do renascimento da vida com a primavera – como Dia do Escritor Guarulhense e pediu ao secretário de Cultura, também da confraria, que tomasse a iniciativa de oficializar para o município, o registro da data. E, para consagrar, realizou a abertura da Feira do Livro do Escritor Guarulhense – FLEG, desta vez em sua terceira edição, no dia da árvore e dos semeadores de conhecimento. Muito bem vinda a iniciativa. E que se eternize.

Ary Baddini Tavares
Presidente da AGL





PARTE I
Artigos







ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

GUARULHOS NOS QUADROS DA EXPANSÃO TERRITORIAL PAULISTA

Os portugueses, ao chegarem ao Brasil em 1500, entraram em contato com diversas tribos indígenas que habitavam o litoral. Os grupos indígenas mais importantes eram os tupis-guaranis e os tamoios, que viviam da pesca, da caça, da coleta de frutos e da agricultura, principalmente de aipim, mandioca e batata-doce.

O estabelecimento de entrepostos comerciais (feitorias) ao longo do litoral, com a intenção de se realizar trocas de mercadorias com os indígenas, como o pau-brasil, e a chegada de algumas expedições, que alternavam interesse entre a busca de riquezas e a proteção do território contra possíveis invasões estrangeiras, marcam as décadas iniciais de nosso país após o descobrimento.

Para melhor colonizar e explorar o território, na capitania de São Vicente se fundaram as vilas de São Paulo (1554) e Guarulhos (1560), por padres jesuítas.

Distinguindo-se das demais capitanias, cujo povoamento foi litorâneo, em São Vicente optou-se por ocupar o interior. No local onde se localizava o aldeamento de Piratininga,





os padres jesuítas ergueram uma casa de educação e catequese, onde rezaram a primeira missa. A missa celebrada em 25 de janeiro de 1554, dia do santo São Paulo, pelo padre Manuel de Paiva, ao lado de Manuel da Nóbrega e José de Anchieta, oficializa a instalação do Real Colégio de São Paulo de Piratininga. A área do Pátio do Colégio foi o marco inicial desta povoação, elevada à vila em 1560, cidade em 1711 e capital da Província em 1815.

Na expansão territorial promovida pelos conquistadores, predominava a ideia de trucidamento e extermínio do indígena. Os índios guaianases, originários dos Campos de Piratininga e os demais aborígenes que nesta região moravam, ao se verem atacados pelos portugueses que ocupavam suas terras, iniciaram constantes fugas para lugares mais distantes, fundando as aldeias de São Miguel e de Pinheiros, por volta de 1560. Os padres jesuítas, em contrapartida, pelos mesmos tempos, fundaram os aldeamentos de Carapicuíba, Barueri, Embu, Escada, Itaquaquecetuba, Itapeverica, São José, Peruíbe e Conceição dos Guarulhos. (PETRONE, 1995, p. 125-126)

Em 1560, o jesuíta Manuel de Paiva subiu, em companhia de seu irmão Gregório Ferrão, o rio Anhembi (= atual rio Tietê), fazendo visitas até o Vale do Paraíba¹. No dia 8

1 Em carta do Capitão General e Governador do Paraguai, Don Luís de Céspedes Xeria, ao rei Felipe IV sobre a navegação no rio Tietê, em 1628, explica que Anhembi significa “rio de unas aves añumas”. Termo oriundo do guarani, a *anhima* ou *anhuma* ocorria com frequência e abundância no vale do Tietê. Esta é a ave símbolo do Tietê. O vocábulo Tietê aparece grafado de muitas maneiras pelos antigos, principalmente os não paulistas: *Theaté*, *Teité*, *Teeté*, *Tyethé*, *Tyethé*. Parece fora de dúvida que realmente significa “rio grande, caudaloso”. (TAUNAY, 1981, p. 20-21) Era denominado pelos colonos portugueses como “Rio Grande de Anhembi”. (MARQUES, 1980, p. 285)



de dezembro deste mesmo ano, chegou à paragem do Eperê para a catequese dos índios guaru², que vieram acoitar-se à margem direita deste rio. Na época, o Colégio de Piratininga se encontrava ameaçado pelos índios tamoios, que viviam na região norte. Para evitar possíveis confrontos entre ambas as partes, fundaram-se os baluartes indiáticos de Guarulhos e de São Miguel, respectivamente às margens direita e esquerda do rio Anhemi.

Estas aglomerações começaram a substituir as aldeias existentes, transferindo para a administração portuguesa o controle sobre a terra e a mão de obra indígena. Instituídos com o intuito de proteger a população índia, estes aldeamentos começaram a acelerar o processo de desintegração de suas comunidades. (MONTEIRO, 1995, p. 42-43)

O padre Paiva, segundo informações do padre Manuel da Nóbrega, era um homem “virtuoso e zeloso e apraz muito aquela gente, mas tem pouco saber natural”. Apesar de não dominar por completo o idioma indígena, aventurou-se pelas matas em busca dos guaru. De acordo com João Ranali, este eclesiástico era uma

verdadeira fortaleza humana (...) podia não ter grande cultura, podia ser até pouco afeito aos devaneios do espírito, mas que era um herói fincador de estacas para a construção de capelas e colégios e vanguardeiro no combate aos que se opunham à catequese dos aborígenes, disso a história não faz nenhum segredo. (RANALI, 1986, v. 1, p. 15-16)

2 O núcleo indiático *Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos*, fundado em 8 de dezembro de 1560, foi uma homenagem ao dia consagrado à Nossa Senhora da Conceição.



O termo aldeia era utilizado para indicar, segundo a documentação, núcleos criados com a finalidade de abrigar uma população índia em fase de assimilação. (PETRONE, 1995, p. 103) As informações referentes ao aldeamento dos guaru, apresentadas por Azevedo Marques em sua obra *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo*, são imprecisas ao aludir àquela tribo. Ao se referir às aldeias de índios existentes na antiga capitania de São Vicente, apresenta a da Conceição dos Guarulhos como “fundada, no lugar onde hoje está a freguesia do mesmo nome (...). Em 1675 já estava criada a povoação, e 20 anos depois foi elevada à paróquia”. (MARQUES, 1980, p. 39)

Em outro trecho apresenta:

Numerosa tribo da nação Guianaz que não fugiu à conquista e ao massacre dos invasores europeus de São Vicente, mas que, em seguida ao desbarato dos índios, formou, em 1560 a aldeia daquele nome, 3 léguas, ou 16,6 quilômetros a NNE da capital, a qual em 1685 foi construída freguesia com a denominação de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos. (MARQUES, 1980, p. 308)

O topônimo designativo da tribo dos guaru, por volta de 1560, queria dizer “pequenino, barrigudo e feio”, tal como o peixinho que abundava o rio Tietê. Estes peixes eram da família dos cipridontídeos, chamados “guaru-guarus”, mais conhecidos como “barrigudinhos”. (NORONHA, 1960, p. 24) Teodoro Sampaio nos informa que o termo guaru representava o “individuo que come; o comedor; alusão ao ventre volumoso e desproporcionado que tem o peixinho deste nome,



também conhecido por *barrigudinho*.” (SAMPAIO, 1928, p. 210) Já para o termo Guarulhos, Sampaio apresentou: “nome de uma tribo indígena, notável por ser de gente barriguda. Dizer – *guarulhos* ou *guarús* é como se chamasse – *barrigudos*.” (SAMPAIO, 1928, p. 210)

A palavra Guarulhos pode designar, ainda, como atestou em 1556 o padre Luiz da Grã, em carta ao Superior da Ordem Inaciana, uma pessoa errante, gente andarilha:

o que maior dificuldade nos faz é a mudança contínua desta gente (referindo-se aos índios guaianases) que não atura em um lugar senão muito pouco. Porque, como as casas de terra que usam, ou de palma, não duram senão até três ou quatro anos, vão fazer outras em outro lugar. (RANALI, 1986, v. 1, p. 211)

O historiador inglês Antonio Knivet, que esteve no Brasil com a expedição de Tomás Cavendish, escreveu em 1595, que os guaianases (“wayanasses ou vaanazes”) eram um “povo de estatura baixa, muito barrigudo, covarde e de copleição regular”. (Apud. RANALI, 1986, v. 1, p. 211)

O vocábulo *guaru* + *lhos* originou-se de uma formação propiciada por “uma época em que a ortografia obedecia ao critério fonético”. Além disso, deve-se aceitar a grafia e o significado da palavra Guarulhos como sendo uma “derivação regressiva com o acréscimo do sufixo ‘lhos’ ao radical ‘guarú’, para indicar o grupo, a comunidade, o plural de guarú”. (RANALI, 1986, v. 1, p. 212) Ou melhor, na língua tupi não há palatização, não podendo haver a letra *l* e muito menos o *lh*, concluindo-se, então, que a palavra Guarulhos é uma forma



derivada por transformação feita pelo colonizador português. (NORONHA, 1960, p. 25)

Mas, após a descrição da origem do nome da cidade e de seus significados, voltemos à questão proposta pelos excertos de Azevedo Marques sobre o aldeamento silvícola dos guaru.

Como apresentado, a fundação de Guarulhos ocorreu pela mão de Manuel Paiva, em 1560.

De todos os aldeamentos da capitania de São Vicente, o primeiro que perdeu esta condição foi Guarulhos. Escrevendo no início do século XIX, José de Toledo Rendon afirmou que ainda persistiam em São Paulo todos os aldeamentos fundados pelos jesuítas, “a exceção dos Guarulhos, porque dando-se-lhe um pároco, que fosse também dos brancos e mais povo morador dentro dos seus limites, veio a perder o nome de aldeia, ficando-lhe o da Freguesia da Conceição dos Guarulhos”, no último quartel do século XVII, porque “achando-se nos livros da Câmara de S. Paulo com o nome de aldeia dos Guarulhos no de 1675, tirando-se dela Índios para o serviço do Soberano em 1681”, o autor já a encontrou em 1685 com o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Conceição. (PETRONE, 1995, p. 342; RENDON, 1842, p. 297)

Esta precocidade é difícil de ser explicada. Segundo Machado de Oliveira, não deve espantar o fato de Guarulhos ter-se emancipado precocemente, em especial a quem observar que o sítio designado para os guaru “continha em si mais elementos de riquezas rurais que os outros, e que para aproveitá-las houve o bom senso de amalgamar a raça indígena com a europeia, e mesmo com a africana.” (OLIVEIRA, 1846, p. 228)



A relativa vizinhança com São Paulo poderia ter sido um dos fatores, entretanto Pinheiros, que era o mais próximo de todos, permaneceu intacto na condição de aldeamento até o início do século XIX. (PETRONE, 1995, p. 342)

Para explicar a precocidade guarulhense, Pasquale Petrone explica em sua obra *Aldeamentos paulistas* que

Em uma das *Atas da Câmara de São Paulo*, de 1695, há referências explícitas ao aldeamento³. Várias outras referências aparecem nas atas das décadas de 1680 e 1690. Parece não haver dúvida, portanto, de que a perda da condição de aldeamento, por parte de *Guarulhos*, se tenha verificado nos últimos anos do século XVII e, provavelmente no alvorecer do século XVIII. A referida perda não parece ter sido fruto de um ato deliberado e, conseqüentemente, não pode ser situada numa data precisa; mais correto é considerá-la como decorrência de um processo de transformação que teria durado cerca de duas a três décadas. Realmente, (...) a primeira menção a uma *freguesia de Nossa Senhora da Conceição* parece datar de 1685⁴. Entretanto,

3 “Sessão de 2 de outubro de 1695, *Atas da Câmara de São Paulo*, v. VII, p. 475. Convém transcrever o trecho que interessa: ... ‘e logo foi Requerido pello procurador do conselho o Cap.^{am} loremso franco a comservasão dos Indios por andarem fora das suas Aldeas muitos com alguma violemsia q̃ lhe fazem os moradores primsipalm.^{lc} aos goarulhos de nosa s.^{ra} da Comseysão q̃ com grande detrimento da sistemsia digo da falta de asistemsia esta aquela Igreja com menos limpeza do q̃ a q̃ hera nesesario com q̃ pedimos ao p.^c vigairo q̃ asistir naquella Aldea q̃ os Recolha e dos ã não lhe quizerem emtregar os dara s Rol asestindo lhe com os sacramentos e comservandoos naquella mesma forma de sua liberdade?”. (Apud. PETRONE, 1995, p. 342)

4 O documento a que se refere o excerto é o Aforamento de Terras, de 26 de fevereiro de 1685, que se encontra no *Registro geral da Câmara de São Paulo*, v. III, p. 455-456.



a criação de uma *freguesia* não significou a extinção do *aldeamento*, fato comprovado facilmente. No próprio documento em que a *freguesia* vê-se mencionada pela primeira vez, nela se aforam terras a um morador ‘com a declaração que não poderá impedir aos índios da aldeia de Nossa Senhora querendo lavrar nellas’⁵. Mais expressivo, todavia, é um outro documento, do mesmo ano; por ele, o então Capitão-Mor e Governador da Capitania de São Vicente e São Paulo, Pedro Taques de Almeida, nomeia um capitão para os indígenas de *Guarulhos*, dado que se encontrava vaga ‘a administração e capitão da aldeia dois índios guarulhos cita na freguezia de Nossa Senhora da Conceição reconcavo da villa de São Paulo’⁶. Verificou-se com *Guarulhos*, portanto, o que mais tarde se verificaria também com *São José*: a *freguesia* – no caso de *São José* foi a *vila* – continuou abrigando um *aldeamento*; mais que isso, o mesmo núcleo passou, em função da composição de sua população, a ter duas condições diferentes e paradoxais. (...) A situação paradoxal de *Guarulhos* não permaneceu por muito tempo, a condição de *aldeamento* tendo desaparecido, com certeza, no mais tardar, no alvorecer do século XVIII. Quais teriam sido as razões? Antes de mais nada, tudo parece indicar que, desde a sua criação, o *aldeamento* de *Guarulhos* foi objeto de uma sistemática sangria de seus efetivos demográficos. Se em alguns casos o problema assemelhava-se ao dos demais *aldeamentos* do

5 Ibidem, p. 456.

6 O documento referido é a Nomeação de 30 de setembro de 1685, que se encontra no *Registro geral da Câmara de São Paulo*, v. III, p. 472-474.



padroado real⁷, em outros, entretanto, assumia particular gravidade, justificando, inclusive, providências especiais por parte dos oficiais da Câmara. Assim é que, visitando o aldeamento em 1660, os oficiais da Câmara não encontraram ‘gentio nenhuma nella’, decidindo inquirir o capitão e o indígena ‘maioral da dita aldeia’, sobre onde ‘se remontaram os indios pois não appareciam’; e lhes ‘foi dito que muitos delles andavam mettidos por casa de alguns moradores os quaes os tinham sujeitos machos e femeas rapazes e raparigas servindo-se delles como seus’ ... Daí a fixação, no aldeamento, de um quartel para que todos os indígenas fossem repostos no aldeamento. No terceiro quartel do século XVII, um novo fator veio unir-se à sangria acima referida. Em julho de 1665, a Câmara de São Paulo tomou conhecimento do fato de o Padre Mateus Nunes de Siqueira ter descido do sertão indígenas guarulhos que foram localizados em *Atibaia*, à disposição dos oficiais, para que fossem aldeados⁸.

- 7 “Em agosto de 1618, nomeia-se um capitão para Guarulhos que, entre outras coisas, deveria evitar que os indígenas fossem ‘vexados e molestados por muitos homens brancos desta vila querendo-os levar à força para suas casas para se servirem deles e de seus filhos e filhas contra a sua vontade?... (*Registro Geral da Câmara de São Paulo*, v. I, p. 277-278)”. (Apud. PETRONE, 1995, p. 343) As aldeias sobre o padroado régio são as que estão sob o controle direto da administração do Termo da Vila de São Paulo. Além de Guarulhos, eram também aldeamentos do padroado régio São Miguel, Pinheiros e Barueri.
- 8 “o R.º mateus nuñes de sequeira; Avia; por seus meios desido do sertão; cañtidade de gentio; goarulho o coal por deixear de se chegar ao gremio de sañta madre igreja; vinha reseber a agoa do sañto bautismo; he que o dito revereñdo padre; avia feito; algum gasto para o deser; he trazer a povoado; someñte coñ selo. da salvasão; do dito geñtio; no que avia trabalhado; añsiozameñte; señ geñtero de interes; mais que no seu fervor cristão, o coal geñtio estava ja eñ povoado he termo desta vila; ña parageñ chamada de atubaia; he que o dyto revereñdo p.º eñtregava; o dito geñtio; a eles ditos ifisiais; pera que formaseñ aldea; he



Mais de um ano depois, os oficiais da Câmara ainda não haviam tomado posse dos referidos indígenas, o que justificou um requerimento⁹ do procurador para que ‘mandaseñ dois ofisiais de justisa que foseñ atubaia; a ver se estão os indios goaramimis, ña parageñ doñde tomarão deles lista; o año pasado’, e para deles tomas posse ‘por coñstar; ser geñte andañte he não adestireñ eñ parte sertã’. (PETRONE, 1995, p. 342-344)

Outro fator utilizado para explicar a precocidade referente à configuração de Conceição dos Guarulhos em freguesia, dá-se em virtude de a região possuir uma população suficientemente densa, o que, de acordo com John Monteiro, por si só explicou a elevação desta vila à categoria de freguesia. (MONTEIRO, 1995, p. 192; 260)

O aldeamento dos guaru foi constantemente perturbado pelos moradores nas primeiras décadas do século XVII, tanto assim que, em 1618, foi nomeado um capitão para comandar esta localidade, pois se registrava, neste mesmo ano, queixas de indígenas contra povoadores brancos que os vexavam e os molestavam para que eles fossem levados às suas casas, à força, com o intuito de servirem-se deles e de seus filhos como escravos. Outro acontecimento que demonstra a intransigência paulista ocorreu nos idos de 1623, quando

estiveseñ debaixo; da jurdisão; dos ditos ofisiais. como os mais pera servireñ sua magestade. o que tudo asi praticado Aseñtarão; que se fose; tomar pose eñ ñome do dito señhor; do dito geñtio; he se lhe formase aldeia; na mesma parageñ doñte estavam’ ... (*Atas da Câmara de São Paulo*, v. VI, p. 428)⁹. (Apud. PETRONE, 1995, p. 344)

- 9 Requerimento constante da Sessão de 29 de novembro de 1666, *Atas da Câmara de São Paulo*, v. VI, p. 508.



moradores impediam que indígenas transitassem livremente para São Paulo.

Com a elevação do povoado em freguesia, em 1685, a população indígena deixou de ser tutelada (protegida pelos jesuítas), criando condições para que ela fosse utilizada como mão de obra. Na documentação, de acordo com Pasquale Petrone, se encontram variados exemplos de atividades praticadas pelos índios guaru, tais como tecelões, louceiras, sapa-teiros, seleiros, cangalheiros, taipeiros, canoeiros, lavradores, boiadeiros, fiandeiras, oleiros, etc. (PETRONE, 1995, p. 220)

No tocante à mão de obra indígena dos guaru, um acontecimento merece destaque: a descoberta de ouro nas proximidades da Serra da Cantareira.

A mola propulsora da colonização portuguesa na América foi a extração de madeira no litoral e a exploração de minérios, entre eles, o mais importante, o ouro. O objetivo dos bandeirantes, ao adentrar o território, era a descoberta de metais preciosos (ouro e diamantes), além de conseguir mão de obra. Na região de Guarulhos, este processo não foi diferente, apenas excluindo-se a extração de diamantes. Após a consolidação do aldeamento deu-se início a exploração mineral na região.

A primeira referência ao metal ocorreu por intermédio de Braz Cubas, que informou ao rei português ter descoberto lavras auríferas nas proximidades do rio Anhembi, na sua margem direita, em 25 de abril de 1562. Por volta da década de 1590 e nas seguintes, a exploração do ouro foi uma atividade de sustentação do aldeamento, o que durou por cerca de duzentos anos. (PETRONE, 1995; RANALI, 1986, v. 1)



A mineração iniciou-se com o português Afonso Sardinha e seu filho, um mameluco, de mesmo nome. De acordo com os historiadores guarulhenses, estes dois foram os responsáveis pela descoberta do ouro de lavagem em vários pontos do território hoje pertencentes ao município. Os Sardinhas, ainda segundo levantamento dos historiadores, teriam descoberto as minas que ficaram conhecidas por Lavras Velhas do Geraldo ou Catas Velhas, na chamada Serra de Jaguamimbaba, hoje Serra da Cantareira.¹⁰

Existiam seis lavras na região, onde hoje estão compreendidos os bairros de Lavras (antigo nome Lavras Velhas do Geraldo), Catas Velhas¹¹, Campo Grande, Monjolo de Ferro¹², Campo dos Ouros e Bananal. A exploração de ouro nestas localidades canalizou o olhar metropolitano pelas terras existentes no povoamento de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos, acontecimento que poderia auxiliar na precocidade do fim de seu aldeamento e, conseqüentemente, na

10 Com a descoberta de jazidas de ouro em Guarulhos, iniciou-se uma nova fase de povoamento na região. Com a sesmaria de Geraldo Correia Soares, denominada posteriormente Minas do Geraldo, abriram-se precedentes para a ocupação branca. (MONTEIRO, 1995, p. 205) Estas minas localizavam-se na região hoje denominada Bonsucesso. Segundo Adolfo de Vasconcelos Noronha, estas minas formavam a maior mineração de ouro em Guarulhos e, talvez, a “mais vasta do termo de São Paulo. Trata-se de um vale situado na altura do Morro Nhanguaçu, com uns quatro quilômetros de comprimento”. (NORONHA, 1960, p. 38)

11 Esta localidade não deve ser confundida com Lavras Velhas, muito menos com Lavras Velhas do Geraldo.

12 Nesta localidade, devido aos numerosos cascalhos e pedras encontradas, o que dificultava a sua exploração, foi adotada a técnica de triturar a pedra por meio de um monjolo de ferro. O ouro era recolhido pela baeta (tecido felpudo de lã, técnica utilizada pelos bandeirantes) e não pelo uso da bateia (gamela de madeira para lavagem da areia, muito utilizado no século XVIII nas lavras de Minas Gerais).



ereção da freguesia. Apesar da quantidade reduzida de ouro existente na região, o grande número de lavras e a extração da área por elas abrangida indicam que, no período de dois séculos em que foram exploradas, proporcionaram um bom resultado.

A história guarulhense foi marcada pela participação nos cenários bandeirantes, não só como ligação direta com a capital da Província, ou então, na busca do ouro, no comércio do gado, na agricultura e na expansão da indústria açucareira.

O progresso conferido pelos engenhos, grande parte deles instalados na área de Bonsucesso e de Tanque Grande e a imensidão territorial, não permitiam à Real Vila de São Paulo gerir adequadamente os negócios administrativos, políticos e jurídicos na região. Então, oito deputados¹³, em sessão de 14 de fevereiro de 1880, apresentaram à Assembleia Provincial o Projeto nº 81, que previa a emancipação política da freguesia de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos. A Lei nº 34, de 24 de março de 1880, elevou Guarulhos à condição de Vila.

Passaram a compor o novo território independente, as freguesias de Nossa Senhora da Penha de França¹⁴ e do Ju-

13 Os deputados que apresentaram na Assembleia Provincial o Projeto de emancipação política foram: Ferreira Braga, Reis França, Campos Toledo, C. Gavião (Barão de Pinhal), Tito Corrêa de Melo, Luiz Carlos, João Clímaco de Camargo e Oliveira Braga. (RANALI, 1986, v. 1, p. 26)

14 Anexa-se a Guarulhos pela Lei nº 34, de 24 de março de 1880. Passados seis anos, a Penha voltou a pertencer a São Paulo, pela Lei nº 71, de 3 de maio de 1886. (BONTEMPI, 1969, p. 105)



queri¹⁵, com as suas atuais divisas, além da de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos. A instalação, contudo, somente ocorreu um ano depois, a 24 de janeiro de 1881, decorrente do precário sistema de comunicação existente entre a capital da Província e a nova Vila. A partir de então, com a elevação à Vila, passou a denominar-se tão somente Conceição de Guarulhos. Depois a Penha e o Juqueri foram desmembrados, até que Guarulhos ficasse com o território que possui hoje.

Somente em 6 de novembro de 1906 é que o nome da cidade passou a ser apenas Guarulhos, alterando a sua antiga denominação. Com o passar do tempo, a Comarca foi criada em 30 de dezembro de 1953 e instituída em 18 de fevereiro de 1956. Mais ou menos desde então, começou a atual fase de desenvolvimento pelo qual passou e ainda passa o município. (RANALI, 1986, v. 1, p. 26, 48, 155, 160, 219-21; MUNICÍPIOS..., 1995, p. 74, 96)

Bibliografia

BONTEMPI, Silvio. *O Bairro da Penha: Penha de França – sesmária de Nossa Senhora*. São Paulo: Secretaria da Educação e Cultura, 1969.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória Política do Brasil, 1500-1964*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

15 A sua fundação remonta aos idos de 1600, aproximadamente. Inicialmente chamava-se Nossa Senhora do Desterro. Com a Lei nº 34, de 24 de março de 1880, transfere-se para o município de Guarulhos, com a denominação de Juqueri. Em 27 de março de 1889, consegue emancipar-se, tornando-se uma Vila. A atual denominação, Mairiporã, surgiu com a Lei nº 233, de 24 de dezembro de 1948. (MUNICÍPIOS..., 1995, p. 97)



LUÍS, Washington. *Na capitania de São Vicente*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980.

MARQUES, Manuel Eufrásio Azevedo. *Apontamentos históricos, geográficos, biográficos, estatísticos e noticiosos da província de São Paulo*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1980. 2 tomos.

MONTEIRO, John Manuel. *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MUNICÍPIOS E DISTRITOS DO ESTADO DE SÃO PAULO. São Paulo: Instituto Geográfico e Cartográfico, 1995.

NORONHA, Adolfo de Vasconcelos. *Guarulhos cidade símbolo; história de Guarulhos*. Guarulhos: Schmidt, 1960.

NOVAIS, Fernando. *Portugal e Brasil na crise do Antigo Sistema Colonial (1777-1808)*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

OLIVEIRA, Antônio Rodrigues Veloso de. Memória sôbre o melhoramento da província de São Paulo; applicável em grande parte às províncias do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, tomo 31, 1ª parte, p. 5-106, 1868.

PETRONE, Pasquale. *Aldeamentos paulistas*. São Paulo: Edusp, 1995.

RANALI, João. *Cronologia guarulhense: glórias, alegrias e tristezas de uma cidade*. Guarulhos: Artes Gráficas Guarú, 1986. v. 1.

RENDON, José de Toledo. Memória sôbre as aldeas de índios da província de São Paulo, segundo as observações feitas no ano de 1798. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, tomo 4, n. 15, p. 295-317, 1842.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupí na geographia nacional*. 3. ed. Bahia: Secção Graphica da Escola de Aprendizes Artífices, 1928.



ANDRÉ FIGUEIREDO RODRIGUES

TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Relatos monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1981.

André Figueiredo Rodrigues é Graduado, Mestre e Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Acadêmico Efetivo (cadeira nº 40) da Academia Guarulhense de Letras (AGL) e Membro Titular da Comissão de História do Instituto Panamericano de Geografia e História (IPGH), no Brasil. Professor do Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), campus de Assis. Website: www.histoecultura.com.br





ANTÔNIA CONCEIÇÃO VAZ DUARTE

OS SETE PECADOS CAPITAIS PARA CRIANÇAS DE UM A 100 ANOS

Avareza, esquilo Serelepe
Gula, porco Pipo e a porca Porcina
Inveja, macaca Micaela
Ira, touro Thor
Luxúria, coelho Barbazul
Preguiça, formiga Soneca
Soberba, girafa Serafina

A soberba

Marina é uma garotinha curiosa, ama os animais, com suas amabilidades e estranhezas. Quer ser veterinária!

A Girafa é um animal mamífero, tem quatro patas, é ruminante e o mais alto animal terrestre, pode alcançar até seis metros de altura.

Como as pessoas, cada bicho tem sua personalidade: umas são boas, outras nem tanto.





Marina mora perto do zoo de Guarulhos e visita os bichos com frequência. Adora girafas, mas tem uma muito orgulhosa que a irrita, a tal da Serafina.

Serafina habita o zoológico há algum tempo, ela pode viver até 20 anos. Parece que sabe da sua altura e manifesta ostensivamente a sua arrogância:

– Sai para lá, sua lesma! – grita com a tartaruga, que fica na dela. Melhor dizendo, Serafina pensa que grita, pois é muda feito uma porta.

Do alto do seu pescoço, com mais de dois metros de comprimento, ela vê o mundo dos baixinhos e não diz nada, caminha a passos largos. Também, com aquelas pernas!

Perto de Serafina os outros animais ficam bem menores, mas não menos importantes.

A girafa Serafina gosta de comer vegetais tenros, da parte bem alta das Acácias e Mimosas, lá das savanas da África. No zoo, o cardápio muda.

Certa vez, a generosa Marina, levou cenoura para a girafa, que se acha, e ela não demonstrou nenhuma gratidão.

Então, deve ser verdade que ingratidão é filha da soberba – desabafou Marina sabida.

– Não trago mais nada para essa pescoçuda – falou brava, a menina.

Os leões, os tigres e as hienas gostam de comer girafas; é a lei da selva! Um come o outro para sobreviver.

Vivendo na natureza, Serafina precisaria defender-se muito mais, escapar constantemente de apuros, correr de predadores. Até agora tem tido sorte; no zoo é bem tranquilo.



A cidade de Guarulhos foi crescendo e os espaços de lazer cada vez menores, não deixam muitas alternativas para as crianças brincarem.

Numa tarde ensolarada, depois das aulas, um guri foi perto do zoológico, empinar papagaio com cerol novinho.

Serafina, poderosa, não ouviu o alarme avisando perigo. Foi andando e comendo com a maior calma. Ela não via ninguém, só a si mesma.

A pipa subiu bem alto e, no caminho do céu, enroscou no pescoço da Serafina, quase degolando a girafa, que pela primeira vez, curvou-se no chão e sucumbiu ali mesmo, na relva seca.

A bicharada ora compadecida, ora curiosa, aproximou-se, para ver o que acontecera com a soberba Serafina.

O macaco lá do alto da árvore gritou:

– Com um pescoço desse tamanho, calculo que vai levar muitos pontos, ai que dor!

A perua parecia querer vingar-se:

– Bem feito, quem sabe ela aprende!

O papagaio observou tudo e soltou essa:

– Aprende a lição, pescoçuda, sirva-se de um pouco de humildade e salve-se dessa soberba, que só lhe traz castigos e inimigos.

O veterinário chegou e fez os primeiros socorros. Ao longe, ouviram-se os ais da bicharada. Severina teve que aguentar tudo calada: mudinha, mudinha.

Os animais agem por instinto, quanto mais a doce Mariana conhecia a natureza dos bichos, mais ela temia os homens.



A ira

Thor é o nome do campeão dos touros: é grande, forte e ruivo. Adora disputas de poder.

Marina admira a força e a valentia de Thor, embora tema sua fúria.

Sua arma é o seu corpo enorme, principalmente os chifres, na sua volumosa cabeça.

O pelo sedoso do poderoso Thor reluz ao sol! Por si, faz-se presente. O belo garanhão não erra seu alvo numa disputa, é um excelente guerreiro.

As fêmeas cedem fácil ao sedutor, desejam crias saudáveis e fortes, com boas chances de sobrevivida.

O touro campeão luta pelas suas vacas e pelo seu território até o fim. Por enquanto, tem sido o fim dos adversários.

No duelo anterior deu dó do desafiante, o coitado saiu apressado, com o rabo entre as pernas, todo detonado.

Thor, vitorioso, terminou como um paladino, louvado pelos que estavam próximo: por medo, respeito ou esperteza.

Colérico, irritado, está constantemente raivoso. Thor está sempre disposto a brigar, funga ruidosamente como um trovão: ódio, vingança e justiça.

Marina, cautelosa, mantém distância desse bruto disparatado.

Quando luta pelos seus próprios motivos, parece a encarnação do mal, um egocêntrico. Thor é pura contradição, pois é capaz de ter a ira santa, ao defender uma companheira perseguida. Nesse caso, o instinto de proteção controla seu ímpeto e reequilibra o ambiente.



– Santa! – diz o doce gatinho da fazenda, onde reina o poderoso Thor – Deus nos proteja da indignação do touro doido.

A garota Marina sempre atenta pondera:

– Todo Thor tem sua quinta-feira negra. (quinta-feira, em inglês, é thursday).

Semana passada, chegou à fazenda o touro Furacão – animal reprodutor, de raça, comprado no leilão de animais.

Os dois se estranharam, olharam-se medindo forças.

Marina, assustada, pensou em voz alta:

– Isso não vai prestar!

Não foi preciso muito motivo para se iniciar um duelo.

Uma paixão descontrolada, Thor estava fora de si, irritado com o seu oponente, que ameaçava seu domínio.

Furacão e Thor, Thor e Furacão alternaram chifradas e coices, durante o combate de valentes, que ninguém previa o final.

A grama verdinha foi arrancada sem dó, pisoteada por todos os lados, deixando a terra à vista por onde passavam os briguentos.

Não foi só a grama que ficou arranhada, também a honra de Thor, que se acha invencível. Sua corcova já estava toda furada, parecia uma peneira, quando Marina berrou:

– Socorro, Bento, acode aqui!

Firme, o administrador da fazenda interrompeu o combate, para evitar prejuízos. Touros bons reprodutores são caros!

Sorte, haver uma pessoa competente, que consegue dominar o rei dos touros; é o seu tratador, o capataz Bento da fazenda do touro bravo.



Bento consegue transformar a raiva em amor, com treinamento e afeto pelos animais.

O campeão Thor agora tinha que conviver com o seu oponente, aprendeu a compartilhar para viver em paz.

Passado o sufoco, Marina ficou aliviada e deu uma de filósofa:

– Choouooooooooooooooooooooo touro bravo. Fechou a questão com a frase: “quem não aprende pelo amor, há que aprender pela dor”.

A avareza

Dona Sofia, mãe de Marina, assistiu ao programa “Café Filosófico” da TV Cultura de São Paulo, sobre a “avareza” e tentou fazer um resumo do que aprendeu. Encantada com o que viu, exagerou na interpretação. Colocou energia afetiva em cada palavra. Misturou tudo com o que sabia. Fez um mix.

A pequena Marina era toda ouvidos e olhos atentos, como única espectadora da mãe, valeu por uma plateia inteira. A menina era puro arrebatamento.

A mãe de Marina, com sabedoria e entusiasmo soltou o verbo:

– A avareza, filha, tem relação com o afeto. Se eu me sinto empobrecida, não sou generosa. Não dou nem a gorjeta merecida.

O dinheiro é energia que facilita a vida prática. O avarento é insensível, nunca se fartará.

O avarento não usufrui da sua poupança, nem ele nem os outros.



O avarento é insensível, nunca se fartará. Nunca terá o suficiente. É escravo do seu dinheiro.

Convém pegar uma nota de cem reais, olhar bem para ela e dizer: Você me pertence, não eu a você.

Sendo avaro, não é generoso, sua estreiteza de espírito impede a caridade.

O avarento desconfia da intermediação divina. “Observai os lírios do campo. Eles não fiam, nem tecem. Eu vos afirmo, que nem Salomão em toda sua glória se vestiu como qualquer um deles”.

O avarento possui apego aos bens, substituiu o amor a Deus pelas coisas, pelos seus bens materiais. Duro de coração, não compartilha nem a alegria nem a tristeza.

O avarento não se reconhece como tal, o sovina é sempre o outro. Eu sou precavido e poupador, diz o mesmo.

A avareza economiza o viver. Para viver há que se gastar dinheiro, energia e desejos.

Comer é prazer necessário. O avarento teme o necessário. O avarento nada gasta com o supérfluo.

A miséria é a falta do necessário e a pobreza é a falta do supérfluo.

Um pecado pode se transformar em uma virtude. Por exemplo, um avaro tornar-se um poupador.

O meio termo seria o equilíbrio entre o gastar e economizar. O justo meio entre os excessos: o poupar e o consumir.

A avareza tenta obter o máximo de prazer com o mínimo de dinheiro.

O prazer é fugidio. Assim que um desejo é satisfeito, logo surge outro.

Marina continuava atenta e a mãe prosseguiu:



“Dinheiro não traz felicidade, manda buscar”. Depende do desejo e o que realmente dá felicidade. É relativa no tempo e no espaço. Em relação a nós mesmos, o que ontem nos fazia feliz, hoje poderá não fazer mais.

A avareza é porta para outros pecados.

– Basta, mãe, já estou com raiva desses mesquinhos!

Marina conheceu esquilos em desenhos animados, antes de vê-los pessoalmente.

Achou uma graça, naquele rato de palmeira enfeitado. Foi encantamento à primeira vista: a cauda longa e peluda dava um charme ao bicho. Nele a beleza era leve.

Os roedores, segurando pinhões como troféus, graciosos, ágeis, subindo e descendo das árvores, ali bem na sua frente era uma cena incrível. Estava em Campos do Jordão. O esquilo é o animal símbolo da cidade.

A menina acompanhava o caminho dos esquilos, para aprender seus hábitos. Alguns animais pareciam ter um GPS na cabeça. Conheciam bem cada árvore e sabiam para onde ir. Ágeis e rápidos tinham a direção certa.

Até que Marina conheceu o esquilo Serelepe, achava todos os outros esquilos, verdadeiros anjos do paraíso.

Serelepe era como qualquer esquilo: presas fortíssimas. Dentes que crescem a vida toda e servem para roer duras sementes, bolotas, pinhão, nozes, frutas, coquinhos e cascas de árvores.

O esquilo esperto fez seu ninho no alto da árvore com galhos e folhas, para abrigar suas futuras crias do vento e da chuva. Mas era no chão, que enterrava as sementes e o seu coração, para comer depois, para sentir mais tarde.

Dona Sofia a mãe de Marina, advertiu:



– Não sei como há gente estúpida, com tanta insensibilidade, que derruba árvores e não as replanta. Fazem mal a todos os seres vivos e também para elas mesmas.

O roedor, que se sentia pobre, enterrava quantas sementes pudesse enterrar, enchia os túneis, esconderijos, que mais pareciam labirintos. Às vezes perdia-se neles, custava achar a saída, o ar fresquinho.

Serelepe era um avarento nada mole, duro de roer. Mesquinho, não dava nenhum pinhão para ninguém, nem para esquilininho carente, sem araucária.

– Mãe! – gritou Marina – venha ver uma plantinha perto do esconderijo do esquilo egoísta, olha onde a plantinha resolveu brotar.

Dona Sofia, mãe da menina explicou:

– O esquilo avarento soterrava tantas sementes, que não conseguia comer todas, algumas brotavam tornando-se belas árvores. Aqui o pecado transformava-se num bem, ajudando a regenerar a floresta.

Serelepe era hiperativo, corria, corria, não tinha tempo para aproveitar a vida boa da mata, nem perceber os olhares amorosos da nova vizinha. Preocupava-se em guardar cada vez mais. Entulhava sua toca de comida e solidão.

A esperança é que o esquilo sovina seja tocado pelo amor, aí é só pular na direção da generosidade.

A luxúria

A sabedoria segundo Sofia desfiava:

– O mundo começa no olhar do ser amado.

– E onde ele acaba? – perguntou a doce Marina.



– E ele tem que acabar? O mundo não acaba para quem ama e é amado.

Seu corpo é uma máquina de fazer amor, a produção de animais estava garantida. Ele é o Barbazul.

Azul é a cor mais abundante da Terra. O céu é azul. O mar é azul. Azul é a barba do coelho Barbazul.

Marina iria saber porque era tão fértil o criadouro de coelhos. Era a Coelhândia!

Barbazul é o nome do coelho lindão, corpo atlético, ágil, pelos branquinhos. Adorna-lhe uma boa parte do rosto, uma linda barba azul, e um par de olhos vermelhinhos e sedutores. Igual aos outros coelhos, tinha audição e olfato privilegiados. Percebia uma fêmea de longe, quando estava no cio.

Anualmente participa de maratonas de cem metros, é sempre o vitorioso.

– É o maior atleta da Coelhândia – diz o coordenador.

Essa energia libidinosa levava para o estudo, trabalho, lazer e criação. Principalmente criação de coelhinhos.

Sobrava-lhe energia afetiva, gastava muita para cantar as coelhinhas em idade fértil, que se derretiam todas por ele. Com aquela voz de barítono, dizia só o que elas queriam ouvir. Quem resistia ao seu encanto?

Barbazul comeu cenouras azuis turbinadas, com poções mágicas que deixavam qualquer coelho mais potente e fogo-so. Transformava um inocente coelhinho, num supercoelho, ativo e cheio de amor para dar.

O coelho vigoroso não dava conta dele mesmo.

O mamífero Barbazul comeu... Comeu mais do que devia, exagerou na dose de cenouras azuis e cruzou com todas



as coelhinhas que estavam no cio. Ficaram todas prenhas. Quanta fertilidade!

Aquela primavera foi agitada e fecunda. A população da Coelhândia aumentaria muito dali a um mês. Os ninhos estariam cheios de filhotes. Porém, os bebês nasceriam órfãos de pai.

Até que na próxima estação as coelhinhas iniciassem um novo ciclo reprodutivo e tudo se renovasse. Era a esperança renascendo na coelhândia.

O coelho obsessivo morreu de infarto fulminante. Esticadinho, ficou ali na relva. Seu narizinho não mexeria mais. Para ele tudo era silêncio.

Um coelho, delicado e invejoso, observou o corpo do morto, ainda lindo, e desabafou sacudindo os ombros:

– Bem feito, sem vergonha, quem mandou pegar as coelhinhas dos outros!

Dona Sofia, mãe de Marina, explicou:

– Talvez Barbazul tivesse T.O.C sexual e precisasse de tratamento psicológico.

Barbazul era promíscuo, exagerou na vida sexual e deu no que deu, faltou moderação.

A inveja

Micaela perdeu seu bebê na primavera passada. Agora permaneceria as próximas estações sem filho para cuidar e dedicar seu amor maternal.



O filhote de Micaela nasceu prematuro e não resistiu. A triste mãe ficou dias velando o corpo do macaquinho morto, para que os urubus não o devorassem. Exausta e faminta, saiu para comer algumas frutas e o corpo do macaquinho sumiu.

Vagaria triste, desprezada pelo bando e pelo macho dominante. A solidão lhe faria companhia, pobre macaquinha!

Olhava as outras mães poderosas amamentando orgulhosamente suas crias. Uma macaca ensinava ao pimpolho quais alimentos deveria comer e onde encontrá-los. Algumas catavam piolho dos miúdos. Outras simplesmente faziam cafuné nos filhotes e não aguentou. Micaela chorou um choro chorado que só as mães entendem.

Dona Sofia aproveitou a oportunidade e ensinou Marina:

– Filha, os macacos têm o cérebro bem desenvolvido, distinguem cores como os humanos, podem usar instrumentos para pegar frutas ou se defender.

Os macacos são tão parecidos com os seres humanos que são usados como cobaias em laboratório para pesquisas médicas.

Alheia à fala de Dona Sofia, Micaela ficou quieta, deprimida, esteve dias e dias sem grunhir. Até que a ideia do sequestro tornou-se mais forte do que a sua capacidade de superar a dor.

Mica esperta! Conformar-se não era o seu forte. Forte era sua indignação.

Mãe sem filho partiu para o ataque: Micaela sequestrou um recém-nascido do bando vizinho e inimigo. Inimigo não, era arque-inimigo.



Teve o cuidado de escolher um bebê macaquinho semelhante ao seu natimorto: pelo castanho, franzino, mas lindo, aos olhos da amorosa e perversa mãe Micaela.

Ano anterior, os bandos já haviam disputado espaço, territórios férteis, fêmeas, domínio sobre outros grupos etc.

Diplomacia nenhuma seria eficaz. A guerra era iminente.

Um macacão enorme se aproximou, devia ser o macho dominante do bando, veio com tudo para cima do grupo de Micaela. Batia no peito e no chão emitindo sons de guerra. Apavorou geral. Não deu chance, a macacada amarelou e Micaela teve de devolver o bebê na hora.

Agora a macaca sequestradora deveria acertar contas com o seu bando. Além de raptar um macaquinho, colocou em risco a vida do grupo.

A macaca julgada por um tribunal de anciões e condenada à jaula e depois, a prestar serviço social gratuito, na UTI do hospital infantil.

Marina gritou em tom de advertência:

– Que mico! Vê se aprende Micaela!

Dona Sofia ousou uma explicação:

– A macaca infratora transitou da admiração para a inveja e se deu mal.

A admiração é construtiva, admiramos algo no outro e queremos copiar ou imitar essa característica.

A inveja é destrutiva, não queremos que o outro tenha algo, queremos destruí-lo ou tomar o objeto dele.

Muitas vezes o invejoso quer tudo, quer a própria vida do invejado!



A preguiça

Marina passava horas observando o trabalho das formiguinhas do jardim. Quanta dedicação à comunidade, cada uma executando habilmente sua tarefa. Em cada formigueiro eram milhares de formiguinhas trabalhando nos túneis e fora deles.

As sociedades das formigas são organizadas por divisão de tarefas, distribuídas pelo tamanho ou idade de cada indivíduo. Elas trabalham sério: na procura de alimento, na construção e manutenção do formigueiro, como operárias e soldado. A formiga é o grupo mais numeroso entre os insetos; são mais de 12 mil espécies no Planeta – ensina Dona Sofia. As formigas são o gênero animal de maior sucesso na história terrestre, constituindo de 15 a 20% de toda a biomassa animal terrestre.

A formiga Soneca era diferente das outras formigas, não queria saber de nada.

O trabalho é o grande pilar da sociedade das formigas. Não produzir era considerado um comportamento muito negativo. Ficar na inércia era abominável.

Soneca não era como as trabalhadeiras formigas, estava sempre reclamando de cansaço. Era uma preguiça só, uma vergonha para sua família. Ela sentia que o mundo estava vazio e ficava triste consigo mesma.

A mãe de Soneca fazia trabalho de formiguinha: cortava e carregava folhinhas de sol a sol. A jovem dava a bundinha para a coitada e não oferecia ajuda, saía resmungando:

– Esse trabalho não tem nada a ver comigo!



– A culpa é da mãe! – dizia uma formiga fofoqueira de plantão.

Quando as formigas não se entendem, todo mundo sofre! Entristeceu Marina.

A formiga preguiçosa elogiava o ócio e justificava:

– Recuso-me a fazer um trabalho alienado como esse!

Dona Sofia esclareceu:

– Olhando por esse lado, pode-se dizer que a preguiça é responsável pelo progresso, pelas descobertas de várias invenções que facilitaram o trabalho humano como: a roda, o carro, o saca-rolha, o liquidificador e até o controle- remoto. Porém houve muito trabalho até as descobertas.

Sem iniciativa, Soneca dormia toda tarde, sagradamente, fazia sua sesta. Bundinha no chão, perninhas para o ar e antenas desconectadas, largada na preguiça, no ócio.

Por vezes, a formiga Soneca foi remanejada, trocaram suas funções, na tentativa de se dar bem em alguma atividade do formigueiro.

Qual nada, a última tentativa fracassada foi de soldado-sentinela. Foi um fiasco. Soneca dormiu no posto e facilitou a entrada de indivíduos perigosos: Formigões com grande poder de destruição causaram terror ao pacífico formigueiro. Levaram a formiga Soneca como refém.

A guerra foi cruel com mortos e muitos feridos. Soneca foi levada como prisioneira. Sofreu torturas e resistiu. Ela foi usada como resgate nas negociações entre as rainhas dos formigueiros.

A produção de meio ano de trabalho do formigueiro foi paga para salvar a formiga Soneca. Sobraram poucos mantimentos para alimentar as futuras rainhas, as larvas e toda a



população de formigas. Também foi preciso restaurar o formigueiro, muito destruído pelas horríveis batalhas.

Realmente foi um ano difícil, que somou muitos prejuízos. Prejuízos causados pela irresponsabilidade da preguiçosa Soneca.

Providências a fazer. Depois do julgamento de Soneca, a infratora foi levada para o reformatório, onde a formiguinha foi reeducada e mudou sua conduta. Nem ela aguentava mais o seu próprio tédio, a sua preguiça e foi empurrada para a ação. Corrigida, pôde voltar ao convívio da sua amorosa família. O formigueiro festejou a volta da filha regenerada.

Trabalhar ainda é o melhor remédio contra o tédio – alfinetou Dona Sofia.

A gula

O porco Pipo era apaixonado pela porca Porcina desde quando ainda era um leitão.

Pipo e Porcina tinham sonhos de amor dourado desde que se conheceram, na última primavera. Logo seria o par romântico mais querido da pocilga da mãe de Marina.

As suaves faces rosadas de Porcina, o seu focinho, seu cheiro, sua sensualidade no jeito de andar, sua malemolência, dava-lhe um charme todo especial de fêmea boa parideira.

Porcina, com sua natural elegância, foi moleza conquistar o seu pretendente Pipo. A família nem se opôs à união dos dois. Foi pura festa de A a Z.

Como não se encantar: glutão de pelagem caramelo, corpo volumoso e roliço, Pipo era o porco mais gostoso do pedaço.



Marina adorava lavar os dois suínos, com água corrente e xampu especial. Especial mesmo era a retribuição dos bichos balançando o rabicho enrolado, era delicadeza pura, vinda de porcos.

– É possível ser gordo e ser feliz? – indagou Marina.

– Vendo o comilão Pipo fazendo sucesso, não sei não, depende de como ele se vê. – falou dona Sofia.

Ainda bem que Pipo não é modelo de passarela, já imaginou o estresse! – suspirou Marina.

Pipo comia ansioso tudo o que tinha para ser comido, num descontrole alimentar voraz.

Dona Sofia observou novamente:

– Alguém já disse: “Diz-me o que comes e eu te direi quem és”.

Comer e bem comer; viver e bem viver.

Comer de tudo com educação, bom gosto, diversidades de gostos.

Comer demais é vício. É T.O.C, precisa de tratamento. Devemos comer com moderação, preparar bem os alimentos.

O porco gordão não controlava os desejos, nunca estava saciado e comia...comia...comia, até não poder mais.

No aniversário de Porcina, Pipo se fartou, exagerou na bebida e na comilança, meteu o focinho em tanta porcária que teve sérias complicações no estômago e morreu. Morreu de tanto comer!

Marina gostava muito de Pipo e admirava o amor dos dois porquinhos. Enternecida, suspirou:

– Porcina vai saber do amor de Pipo por ela e porventura isso servirá de consolo.



A pobre Porcina enrolou uma echarpe de seda preta no pescoço e chorou o morto.

– Quanto toucinho desperdiçado! – desabafou algum desafeto.

Final

Dona Sofia, dialogando com Marina, filosofou mais uma vez:

– Os sete pecados capitais assim são chamados porque geram outros pecados. Exemplo: a preguiça pode gerar a indolência, a melancolia e o tédio.

Os sete pecados capitais também podem ser os sete prazeres capitais. O que muda é a doze. Achar a justa medida, para tudo na vida, é a sabedoria humana. Encontrar o ponto de mediação exato entre a virtude e o vício, pode fazer a diferença para uma vida com correção e bem estar. Agir e sentir-se bem na pele: da girafa, do touro, do esquilo, do coelho, da macaca, do porco ou da formiga.

Nós somos o que amamos, somos o que comemos, somos o que sonhamos, somos o que vivemos, somos o que não dizemos, somos a terra que pisamos. Nós somos tudo isso e muito mais. Porém, há tempo que não somos nada.

Os vícios são inerentes à condição humana. É através da educação que é possível o controle dos instintos.

Marina arrematou:

– Coisa complicada são as paixões humanas, não quero me apaixonar nunca!









ARISTIDES CASTELO HANSSSEN

LIVRO DESFOLHADO

Velho livro desfolhado
depois de lido e relido,
consumido, rabiscado,
anotações de quem leu,
como o corpo desvalido
de alguém que envelheceu,
vale mais do que um volume
ricamente encadernado
em um armário fechado
para que não manuseiem.

Livros, roupas, objetos,
dinheiro, gente, projetos,
só valem se consumidos.
Livros que não foram lidos,
dinheiro dos usuários,
roupa que não é usada
e homem não solidário,
não servem, não valem nada.





Só as coisas materiais,
ficam velhas, desgastadas.
Ideias são imortais.
Por isso meu livro velho,
amarelo, desfolhado,
tem mais valor, muito mais.
pois foi marcado e foi lido.
A velhice, a decadência
são tributos que se paga
pelo bem de ter vivido.

CASA DOS CORDÉIS

A Casa dos Cordéis tem a magia
De juntar o futuro e o passado,
Saudade e esperança, lado a lado.
Na Casa dos Cordéis mora a Poesia.

A Nader ela deu sua raiz,
Sua parcela na História de Guarulhos,
E Bosco, com força e com orgulho
Deu à ela a memória do País.

Você, que nesta cidade viu a luz,
Ou que veio de longe, e que conduz
A História de sua vida pelas ruas,





Você, que nesta cidade trepidante
quer encontrar a paz por um instante,
Pode entrar sem bater. A casa é sua.

ESTÁTUA DE POETA

Quem sempre tomou no lombo
Ser estátua? Que perfídia!
O prêmio que vem dos pombos
É o mesmo que vem da mídia.

O ÍNDIO DO PARQUE RENATO MAIA

Quem entra no Parque Renato Maia, conhecido como Bosque Maia, se prestar atenção, nota, ao lado direito, a escultura de um índio com um peixe. Junto, o mapa da cidade, no qual nadam uma série de peixinhos. O índio é um representante da tribo dos guaianás, que habitava a região antes dos portugueses aparecerem, e dos jesuítas trazerem os tupis para fundar a nossa cidade e expulsá-los de suas terras. Os portugueses os apelidaram de “guarus”, daí o nome desta cidade. Mas isso todos já sabem. O que pouca gente sabe é que o autor dessa obra é um artista popular, sem diploma e título universitário. É artista plástico, ator e dramaturgo e poeta por vocação, com grande participação na vida cultural da cidade, mas pouco reconhecimento.





O artista é Osvaldo Alves, e a escultura foi inaugurada no dia 19 de abril de 2000, quando se comemorava o Dia do Índio, na presença do prefeito Jovino Cândido, da secretária da Cultura Paula Gonçalves, e de muitos artistas que militavam na cidade na época. E com a presença de alguns índios que executaram uma dança.

Guarulhos é um celeiro de cultura, com músicos, poetas, atores e artistas plásticos de qualidade. Mas, salvo engano, só possui duas esculturas expostas em lugares públicos: o Anjo Gabriel, na praça IV Centenário, de Enoque César de Souza, e o Índio Guarú, de Osvaldo Alves, no Bosque Maia. E pouca gente as conhece. Sugiro à nova secretaria da Cultura, que demonstra vontade de trabalhar, e ao secretário da Educação, que já mostrou serviço, que mobilizem as escolas e os professores do município que levem os alunos para as conhecerem.

Por falar de cultura e de Osvaldo, lembro que 14 de março, dia do aniversário de Castro Alves, é o Dia Nacional da Poesia. Por uma feliz iniciativa de Bosco Maciel, da Casa dos Cordéis, anualmente a cidade comemora a Semana Castro Alves, com palestras e mostras artísticas durante a semana em que a data está inserida. Neste ano o evento começa no dia 11 e vai até o dia 18, em vários pontos da cidade. Com a participação da Academia Guarulhense de Letras o acontecimento vem crescendo ano a ano.

Pois bem. Quem teve a primeira iniciativa de comemorar a data, em 1999 foi o referido Osvaldo Alves, com apoio de artistas, inclusive este escrevinhador. A festa aconteceu na rua Castro Alves, travessa da Monteiro Lobato. Contou com apoio do então presidente Do Sindicato dos Servidores Municipais, Sebastião de Almeida, que disponibilizou a viatura



da entidade para a divulgação da festa. Destaco isso por que às vezes critico o prefeito, mas não posso esquecer a ajuda do cidadão. No ano seguinte tentamos repetir a festa, que aconteceria em um sábado e em um domingo. Por um lamentável engano a Bandeirante, a nosso pedido, com pagamento de taxa, instalou a energia na sexta-feira e a cortou na manhã de sábado.

Folha Metropolitana, 02/02/2011

MULTIDÃO NÃO É COLETIVO DE PESSOAS

A V Semana Castro Alves de Arte e Cultura, da Academia Guarulhense de Letras e da Casa dos Cordéis, teve ampla participação de estabelecimentos escolares e de intelectuais e artistas que mostraram todas as facetas da cultura. A cada ano o evento cresce em todos os sentidos. Houve baixa participação de público em certas apresentações, mas isso não é motivo de desânimo.

Para os desanimados deixo a resposta por conta do cantor e contador de “causos”, Eufra Modesto, que abrilhantou uma das apresentações e deixou todos de boca aberta de admiração e de dar gargalhadas. Ele não se preocupou com o pequeno público, e tranquilizou os anfitriões, dizendo que isso é melhor, pois a comunicação é mais direta, e é possível se olhar nos olhos das pessoas. Conheço-o bem, e sei que não foi demagogo. Ele mora e trabalha em Jundiaí, está sempre atento aos convites de todas as partes de São Paulo, e não se preocupa com grandes auditórios. Comanda, todo último sábado do



mês o sarau da Casa de Cultura Cora Coralina, do bairro de Tremembé, e é figura frequente na nossa Casa dos Cordéis.

Sem a pretensão de me comparar a Eufra, ciente das minhas deficiências e da dicção falha, tenho participado de saraus em escolas. O público não tem sido dos maiores, nem dos mais atentos. Em uma sala de quarenta alunos a maior parte geralmente não está interessada, e há sempre uma turminha que solta piadinhas e faz barulho. Mas sempre há pessoas atentas, e no fim três ou quatro vem fazer perguntas, e até mostrar seus versos. Sinto-me recompensado.

Quantidade não é qualidade. Multidão não é coletivo de pessoas. Multidão é rebanho treinado para cantar hinos, soltar palavras de ordem decoradas e ritmadas, gritar gol e agredir, estúpida e covardemente ovelhas desgarradas de outros rebanhos. Pessoas são seres pensantes, cada qual com seu pensamento, e sempre algum desses seres estão dispostos a ouvir o que você tem a dizer, concordar ou não. Palavras boas, poesia, artes em geral são feitas para pessoas, não para multidões. Deixemo-las para os demagogos, ditadores e embrulhões.

Folha Metropolitana, 7/04/13

QUANDO GUARULHOS FICAR PRONTA

Guarulhos comemorava 450 anos, e me veio a vontade de voltar no tempo. Deve ser sintoma de velhice, talvez. Recordo a festa do quarto centenário, quando eu não morava aqui e vim visitar meus parentes. A praça IV Centenário que estava



sendo inaugurada era a grande maravilha. Guarulhos me encantava. Quase nasci aqui, e a cidade tinha sabor de infância.

Cinquenta anos depois o marco é o viaduto Cidade de Guarulhos, mais conhecido como Ponte Staiada. A obra chama a atenção de quem chega à cidade, e seu entorno ficou lindo. Mas não aconselho ninguém a dar uma volta a pé por lá, como sugeriu o prefeito na solenidade de inauguração. O trânsito é complicado. É uma beleza para ser apreciada de longe.

Nem tudo mudou para melhor, e não vai aqui qualquer crítica à administração Municipal. É problema da iniciativa privada, coisa da ganância imobiliária, do inchaço dos centros urbanos. O que era chamado, com um certo constrangimento de cidade-dormitório vai aos poucos perdendo seu ar de cidade, e se transformando em um imenso dormitório, com edifícios espetados ao céu.

Gosto de passear no Parque Fracalanza, dar umas voltinhas pela velha Vila Augusta. Lá moram meus amigos poetas Francisco Grosso, Nair Fagundes, Maria Zucareli. Lá morou o saudoso Orlando Giglio, dos acrósticos e de Juca Pirama, falecido ainda jovem, aos 97 anos. Lá morou Macalé, o artista circense, tocador de viola, o Passo Preto.

Outro dia, passando pela Cônego Valadão, levei um susto. Onde foi parar o hospital Menino Jesus? No seu lugar existe uma demolição. Com certeza logo surgirá mais um conjunto residencial.

Moro no Jardim Sílvia, região do Taboão, entre o Paraíso e o Santa Emília. Aqui ainda se respira com tranquilidade. As pessoas se conhecem, as crianças brincam na rua, os carros passam devagarinho, buzinando. Na avenida é que mora



o perigo, mas isso é normal. Mas eis que de repente, não mais que de repente, o depósito de material para construção que havia na esquina da avenida Silvestre Pires de Freitas com a rua Inambu desapareceu, deixando em seu lugar um imenso terreno baldio. Seria ótimo se se transformasse em um campinho de futebol, Mas sei que é impossível. Imaginei que ali brotaria mais um complexo residencial, e causei-me arrepio pensar no congestionamento que aumentará na Silvestre Freitas, Octávio Braga e Monteiro Lobato. Transformou-se em um mini-shopping que não deu certo. E a padaria do Abílio também fechou as portas.

Volto mais alguns anos e chego em 1954. São Paulo comemorava seu IV Centenário e eu tinha doze anos. A cidade se transformava, prédios sendo demolidos, prédios sendo construídos, avenidas sendo rasgadas. Eram obras públicas e obras particulares. Li numa revista, não me lembro se era O Cruzeiro ou Manchete, um artigo sobre a opinião de um forasteiro com relação a capital paulista: “A cidade vai ser muito bonita quando ficar pronta.





AURA GOLD

UM POUCO SOBRE O QUE ESCREVO - A INTENÇÃO SOBRE OS SENTIMENTOS AFERIDOS NA MENSAGEM

Sempre gostei de escrever, mas nem tudo é sobre mim. Às vezes são sentimentos de outros, histórias que me contam de amor e dor. Eu as acho interessantes e poetizo ou romancio. Essa mania de sentir o sentimento alheio é o que me inspira a todo o momento e me impulsiona a compor o que essa inspiração me comunica. Assim, em diversas ocasiões, deixo de lado qualquer preconceito, qualquer pudor por achar inadequada a ideia de estar exposta a comentários ou observações nem sempre agradáveis a meu respeito. Antes de tudo, eu e todos os escritores somos os SENTIMENTOS DO MUNDO. Por isso sinto-me à vontade para expressar com todas as letras A ALMA HUMANA (sem pretensões).

FIDELIDADE

Comprar sempre na mesma loja?
Viajar para os mesmos lugares?





Andar sempre com os mesmos amigos?
Comer macarrão com frango aos domingos?
Fazer caminhada diária no mesmo parque?
Doar coisas só o Natal?
Torcer sempre pelo mesmo time?
Frequentar a mesma turma toda a vida?
Sorrir socialmente às pessoas todos os dias?
E se você gostar de outro produto em outra loja?
E se quiser visitar novos lugares?
E se pretender conhecer novos amigos?
E se feijoada for melhor aos domingos?
E se preferir ficar e assistir a um filme do que sair?
E se quiser mudar de time?
E se for opção doar presentes e coisas no carnaval?
E se preferir ficar sozinho do que com a turma?
E se quiser mudar tudo em sua vida?
É só interpretar o significado de FIDELIDADE como:
SER FIEL A SI MESMO.

ORAÇÃO DO AMOR

Eu aqui sozinha a meditar
Um filme passando pela cabeça acelerado
Evidenciando os momentos vividos nesse meu caminhar
Plantei, cultivei colhi os frutos do meu querer
Sem saber porque, tendo alcançado, perdi o rumo
Palavras soltas, coração batendo forte, sofrer, perder



Achava o rumo em mim mesmo e levantava depois das quedas

Mas o confronto com meus fantasmas persistia

O que estava errado em meu saber?

O que me afastava do meu querer?

O que me impedia de compreender?

O que retirava o meu conhecer?

Eram os fatos, eram as palavras, eram o fazer e o desfazer?

Tudo, o Universo, os meus versos, tudo me conduzia para o êxtase.

Mas algo conspirava secretamente para me abater

Qual águia célere voava sobre as razões

Sem me deixara abater por falsas emoções

Mas algo inexplicável sempre acontecia

Para de mim retirar as ilusões

Olhei para além do meu conhecer

Orei para os seres do alvorecer

Roguei pelos amores do meu conviver

Esperei do Divino a solução

Para o que eu não conseguia entender

Eu amo, eu me entrego de corpo e alma a esse amor

Eu sonho ainda que tardio, um amor que me embale

Eu preciso de um amuleto de sustentação

Para em mim firmar o que mais quero

E conseguir o que idealizo:

Um amor, para toda a minha longa ou curta vida.



AURA GOLD

SERENIDADE

Sabedoria milenar que me faz transcender
Erros de um passado que insistiu em permanecer
Raízes de um mal que em vidas passadas vivi
Exaltação de novos rumos conhecer
Nada de mal carregando mais em meu viver
Ilusões e falhas que não vão retroceder
Despojada pois de orgulho volto a conhecer
Amor que desejo enfim que não vai perecer
Dádiva ressonante do Divino legado
Eternamente presente e persistente em meu Ser
Comprovação constante do EU SOU EM MIM
Pois EU SOU O QUE EU SOU, DEUS EM AÇÃO.

ETERNO

Ele veio de longe e foi chegando devagar
Nos lábios um sorriso, um carinho no olhar
Demonstrando sua força com um jeito de falar
Apontando seu espaço com mãos de aconchegar
Conquistou meu coração, deu-me amor e paixão
Tirou-me de repente o vulgo chão
Passeamos assim na sublime emoção
Com carinho, afeto e sem superstição
Juntos falamos, comemos e brincamos
Juntos trabalhamos, dormimos e dançamos
Juntos saímos, discutimos e amor sentimos
Juntos queremos, seremos e ficaremos.





CONTOS E PROSAS POÉTICAS

Histórias que me contam, sonhos realizados e não, vidas e visões que valem a pena relatar desatando os nós que nos impedem de caminhar com serenidade. Feito isso considero missão quase cumprida. Quase, porque a vida e as histórias nem sempre se repetem e quando isso acontece novas cores nos surpreendem a cada dia fazendo com que tudo que é escrito e lido seja tão importante para nossa evolução pessoal e planetária. Avante, humanidade continue crescendo física, mental e espiritualmente.

UM SONHO ESTRANHO

Lucinda era uma sonhadora por natureza. Romântica, afetiva, vivia sorrindo e doando coisas para as pessoas mais carentes que a conheciam. Nunca se preocupava em lhe faltar nada, embora fosse uma moça de classe média baixa, como hoje identificamos. Naquela época quem possuía um carro, uma casa grande, e objetos de certo valor, como televisão, lambreta, etc, era considerado rico. Ela não ligava pra nada disso. Gostava mesmo é de ensinar às crianças de sua igreja (adventista), brincar com elas, ir à praia com sua turminha de amigas (poucas) e contar seus sonhos. Lucinda só vivia sonhando, todo mundo não conseguia compreender porque sonhava tanto. E ela ria e contava e contava...

Sonhei (contou Lucinda) que estava numa casa com uma pessoa linda, clara, alta de olhos azuis, uma moça encantadora que me sorria deixando-me confiante em sua compa-





nhia. Chegamos a essa casa que eu não conhecia, de carro. Eu dirigia e estacionei-o defronte à casa. Ficamos lá sentadas conversando (não me lembro o teor da conversa) durante algum tempo. Ao sairmos fui procurar o carro no lugar onde o tinha estacionado e não o achei, desapareceu. Entramos de novo na casa, eu meio abalada, sem entender nada, e logo saímos e vi o carro no lugar. Aconteceu então uma coisa inédita: o carro começou a desaparecer na minha frente como se estivesse passando para outra dimensão e tornou-se invisível. Isso causou-me um grande medo. À minha frente, do outro lado da rua havia uma árvore, um arbusto e ali começaram a aparecer inúmeros pontos de luz. Como eu já havia lido alguma coisa a respeito de seres da natureza, olhei para a moça que me acompanhava e disse: – Olha são elementais. Ela sorriu apenas. Imediatamente surgiram dois seres prateados, semelhantes aos seres humanos e começaram a nos induzir a segui-los. Eu me recusei por achar estranho. No entanto eles insistiram e fomos forçadas, eu e a moça a acompanhá-los. Andamos algum tempo juntos e visualizei um objeto arredondado, também prateado e cheio de luzes coloridas estacionado. Adentramos a ele e qual não foi minha surpresa quando lá dentro vi meu carro. Eu estava atemorizada, o que iria acontecer? Quem eram eles? Não me lembrei de mais nada depois disso e acordei.

Lucinda sempre tinha esses sonhos tão diferentes para a época em que vivia, século vinte. A maioria das pessoas ainda não estava acostumada a ouvir histórias sobre OVNIS, seres espaciais, etc, que hoje são bem mais comuns, assim ela se tornava uma criatura diferenciada e distanciada da realidade presente. As amigas não davam muita importância para



esse fato porque gostavam dela e também porque sempre a acharam meio estranha.

Na verdade esse sonho poderia ter várias formas de interpretação como: Lucinda foi levada para um OVNI por seres extraterrestres que já fazem incursões no nosso planeta desde tempos imemoriais para aprendizagem e ou. estudo sobre nossas características terrenas e como suportaríamos a intensidade de suas energias. Vale lembrar que no ANTIGO TESTAMENTO a passagem bíblica que mostra um acontecimento igual é aquela em que Moisés, ao atravessar o deserto com os hebreus sentiu desânimo por falta de alimento e orou ao PAI pedindo que mandasse pão para o povo. Foi providenciado então o MANÁ dos céus (DISCOS VOADORES) fizeram descer até eles uma espécie de pão que os sustentou por bastante tempo até encontrarem outras paragens menos inóspitas que lhes proporcionou fabricar seu próprio alimento. Outra passagem bíblica foi quando dois anjos (SERES EXTRATERRESTRES) chegaram em suas CARRUAGENS DE FOGO (DISCOS VOADORES) para avisar JO (profeta de Deus) sobre a destruição da cidade e que ele deveria sair com sua família de lá (SODOMA), e que a mulher de JO, por curiosidade, voltou-se e olhou, não cumprindo a ordem de voltar-se para olhar o que estava acontecendo virando assim uma estátua de pedra (PETRIFICAÇÃO CAUSADA PELA FORÇA ENERGÉTICA EMANADA NA DESTRUIÇÃO DE SODOMA E GOMORRA), cidades essas condenadas pela devassidão moral e espiritual.

Mas o que persistiu sempre foi o aviso recebido através do sonho que pode ser também interpretado como APRENDIZAGEM PARA OS TEMPOS QUE ESTÃO CHEGANDO.



AURA GOLD

NOVA ERA

Um olhar vaga pela janela entreaberta.

Cheiro de terra molhada adentra as narinas provocando suspiros pausados para que o ar penetre com força, mas lentamente como se não quisesse perder o momento.

Lá fora a ameaça de um temporal.

Nenhum pensamento paira pela cabeça agora, somente observa o céu cinzento, as nuvens se formando rapidamente, negras, consistentes.

As folhas verde-escuro do ipê roxo balançando a cada rajada de vento.

Um som penetra pela fresta da vidraça parecendo o sibilar de uma serpente pronta para o bote.

E a chuva cai estrondosamente no telhado da casa.

As pequenas e grossas gotas assemelham-se a bailarinas cuja dança frenetiza a cada instante em movimentos assimétricos e ondulantes.

A ventania carrega as folhas do ipê para o telhado e a rua lá embaixo.

A rua está deserta, sombria, fria e assustadora.

Ninguém se atreve a enfrentar a intempérie do tempo por medo dos raios e trovões.

As crianças dentro de casa reclamam a falta de luz que automaticamente é desligada nessas ocasiões.

Isto as impede de jogar no computador, video-games, ver tv.

A mulher se isola colada à vidraça e ali rememora velhos tempos, velhas chuvas.



Daquelas em saía à rua junto a outras crianças iguais a ela para se molharem, colocarem barquinhos de papel nas corredeiras que se formavam.

E riam, e corriam sem medo de raio, de enchente, de desabamentos.

Eram outros tempos aqueles.

Os homens ainda não tinham invadido as margens dos rios e a gente ia até lá só pra colocar os pés nas águas ainda límpidas, colher frutinhas silvestres, jogar pedrinhas, achar pedrinhas coloridas, quem sabe até águas-marinhas, turmalinas, topázios como os antigos bandeirantes.

Passear de bote com os pais era uma delícia, rio das velhas em Minas, Tietê em São Paulo, Jucu em Vitória.

Outra delícia era brincar de esconde-esconde entre os arbustos que naturalmente enfeitavam as margens dos rios.

Respeito?

Não sei não.

Acho que era mesmo porque fazia-se do jeito que os pais, os avós ensinavam.

Esses ensinamentos eram assim...assim... digamos xamânicos. Cheios de sabedoria transcendental.

Eram passados de geração a geração até que essa geração(a nossa, esqueceu de dar continuidade).

Preferimos deixar o google, o facebook, o orkut, o youtube fazer isso por nós, porque o nosso tempo ficou curto demais e precisávamos trabalhar muito para dar conta das responsabilidades familiares e entrar na roda viva competitiva do ter valorizado pela globalização.

Mas alguém reclamou de invasão de domicílio.

Quem?



A natureza, a mesma que reclama seus direitos ao longo dos anos e séculos em que a humanidade abusa irreverentemente desse dom natural que nos foi legado.

Aí, quando saturada, sufocada ela reage com maremotos, terremotos, desabamentos, etc.

Uma música diz “tempo bom, não volta mais”.

Será?

Não poderíamos achar um meio de fazermos voltar ao menos o lado bom?

VAMOS SIMULAR ESSE TEMPO? VAMOS CHAMÁ-
-LO DE NOVA ERA?

O Comandante Estelar da nave espacial chega à terra com seus auxiliares: doutores, cientistas, mensageiros, colaboradores de todos os níveis, intelectual e moral.

Aporta num planalto e de lá envia vários pequenos objetos voadores com seres que deverão reestruturar o planeta utilizando tecnologia avançada e ainda desconhecida pelos terrestres. Reutilizando recursos ainda existentes recuperados por um magnetismo de sustentabilidade da esfera global.

Aliados a esse trabalho gigantesco uma boa parte da humanidade coopera colocando-se à disposição dos seres iluminados para recompor o que foi danificado (muitos os chamados e poucos os escolhidos – os sobreviventes –).

Serviço árduo de reconstrução e inovação de onde surge a NOVA ERA.

A ERA DE OURO.

ERA DE AQUÁRIO.

ERA DE PAZ E PROSPERIDADE, SAÚDE E VIDA
LONGA, COMPREENSÃO, UNIÃO.

ERA DE AMOR.





AMOR que vivifica as fibras mais íntimas do Universo,
unificando TUDO NO UM. No EU SOU O QUE EU SOU.

Então surge a NOVA TERRA tão preconizada nos
Evangelhos.

Então volta a esperança porque essa é a volta do CRIS-
TO EM NÓS. AMÉM.







BISMAEL BATISTA DE MORAES

OMISSÃO VEXATÓRIA DOS “HOMENS DE BEM” E ATUAÇÃO DIGNA DOS “HOMENS PERIGOSOS”, ANTE O DIREITO E O INTERESSE COLETIVO

Introdução

Numa aula de seminário, na disciplina de Introdução à Ciência do Direito, ministrada pelo inesquecível Professor Goffredo da Silva Telles Júnior, no mês de maio de 1971, levada a efeito no Departamento de Filosofia do Direito, no 3º andar da Faculdade do Largo de São Francisco, no centro de São Paulo, com apenas seis universitários presentes, sendo eu um deles, lembro-me (porque anotei) de uma declaração daquele insigne mestre: *“Eu fui membro do Conselho Penitenciário do Estado de São Paulo, por cerca de vinte anos, e passaram pelas minhas mãos, durante esse tempo, inúmeros prontuários de homens encarcerados, muitos deles condenados a dezenas de anos de reclusão, todos rogando por benefícios legais e em cujos processos eu me manifestei. Devo confessar aos senhores que, manuseando registros desses homens apontados como ‘bandidos altamente perigosos’, muitos deles reinidentes, eu, mesmo como catedrático desta Faculdade, jamais*





encontrei um deles que não tivesse pelo menos uma qualidade que eu jamais tive e jamais terei!”

Logo se vê que uma lição como essa, impregnada de tanta sinceridade, só poderia sair da boca de um mestre despido de qualquer tipo de preconceito, profundo conhecedor da alma humana e semeador de verdades perenes, espelho do educador consciente e formador de personalidade, visando ao bem coletivo.

Terminados os anos na Faculdade e pela vida afora, muitos questionamentos continuaram a me instigar, todos eles envolvendo injustiças com as quais jamais concordei. E, sopeando os males da ditadura e os vícios da democracia, todos praticados por pessoas conscientes, sempre me posicionei favorável à segunda, por pior que seja, por defender o diálogo, a busca do equilíbrio e a justiça, e contrário à primeira, mesmo que ela tenha “discursos angelicais”, pois carrega em si o freio à liberdade de expressão e se posiciona, sempre, como dona da verdade unilateral, pela qual faz silenciar o poder da razão, às vezes, com sevícias e até com a pena capital.

Esse sentimento, de conscientização ética, me fez tentar desenvolver o tema constante do longo título deste artigo, sobre o qual rogo ao leitor uma análise ponderada, antes de se antecipar com eventual crítica. Vamos lá.

Código Civil Brasileiro de 1916

O Código Civil Brasileiro, da Lei nº 3.071, de 1º de janeiro de 1916, que vigorou até 10 de janeiro de 2003, com o “silêncio” e o aval de grandes juristas, ministros de tribunais superiores, estudiosos de todos os matizes e demais homens



que se diziam cristãos e tementes a Deus, sempre foi, *durante mais de 86 anos*, um diploma “machista”, colocando a mulher quase como um ser “inexistente”... Observe-se, por exemplo, no CC de 1916: “Artigo 2º - *Todo homem é capaz de direitos e obrigações na ordem civil*”, e, no “Artigo 4º - *A personalidade civil do homem começa do nascimento com vida*”. (Cadê a mulher – nossa avó, mãe, filha, neta e demais condições de ordem civil – com seus direitos, obrigações e personalidade ao nascer?)

Ainda bem que, depois de enfrentar e vencer muita polêmica contra o injusto sistema do *desquite*, também existente no Código Civil de 1916, em razão da “*indissolubilidade do casamento*” estabelecido na Constituição de 1946, pelo qual a “fama” do homem desquitado era o de ser “garanhão”, não confiável, e o de que toda mulher desquitada era o de ser desprezível e de “vida fácil”, o então deputado federal Nelson Carneiro, incansável estudioso baiano, mesmo enfrentando a oposição da igreja católica, conseguiu a aprovação da Emenda Constitucional nº 9, de 16/06/1977, acompanhada, meses depois, da Lei Federal nº 6.615, de 26/12/1977, introduzindo o divórcio no Brasil. Assim, homens e mulheres divorciados, envolvidos pelo amor, puderam novamente se casar com outros parceiros, derrubando um sistema que mais penalizava a mulher!

Com a atuação dos partidos progressistas no Congresso, a Constituição Federal de 1988, ao tratar *da família*, no artigo 226, corrigiu muitas irregularidades, e, aprovado no novo Código Civil Brasileiro, com a Lei Federal nº 10.406, de 10/01/2002, vejam os artigos 2º e 4º do CCB-1916, acima citados, em confronto com o que estabelece CCB que entrou em vigor em 2003: “Artigo 1º - *Toda pessoa é capaz de direitos*



*e deveres na ordem civil”, e “Artigo 2º - A personalidade civil da pessoa começa com o nascimento com vida”. (Notaram a diferença entre a palavra *HOMEM*, do Código Civil anterior (“machista”), com duração de 86 anos, e a palavra *PESSOA* (que engloba homem e mulher), no novo Código Civil de 2002?). O progresso humano demora, mas chegará!*

Do ditador “pai dos pobres”

Se pretendermos ser éticos em nossa análise, não podemos deixar de louvar o certo, embora criticando duramente o errado. O presidente Getúlio Vargas, do Rio Grande do Sul, que, como ditador, governou o Brasil de 1930 a 1945, mesmo tendo exilado, perseguido, prendido e até feito desaparecer opositores ao seu tempo, e cujos fieis seguidores cunharam no coletivo popular brasileiro o seu apelido de “*pai dos pobres*”, deixou um legado jurídico de enorme importância social.

Sinteticamente, pode-se registrar que, em seu governo ditatorial, pelo artigo 129 da Constituição de 1937, foi instituída a *Justiça do Trabalho*, organizada em todo o Brasil com o Decreto-lei nº 1.237, de 02/03/1939. E, pelo Decreto-lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, aprovou a *CLT – Consolidação das Leis do Trabalho*, fazendo valer em todo o território nacional as regras de proteção ao trabalhador brasileiro, garantindo-lhe carteira de trabalho e previdência social, além de normas para os contratos trabalhistas individuais, instituindo, ainda, a organização sindical.

(E, no campo penal, o governo Vargas, com o auxílio de juristas da época (Nelson Hungria, Roberto Lyra e outros), instituiu diplomas legais como o Código Penal de 1940 (De-



creto-lei nº 2.848, de 07/12/1940) e o Código de Processo Penal de 1941 (Decreto-lei nº 3.689, de 03/10/1941). Portanto, a história não pode esconder as arbitrariedades cometidas pelo governo ditatorial, de 1930 a 1945, contra seus opositores e as pessoas simples, anestesiadas e lesadas em sua boa-fé, mas não pode negar a efetiva contribuição de Getúlio Vargas nos campos do trabalhismo, da previdência social e, com a ciência de juristas de escol, nas áreas penal e processual penal.

JQ, o “louco”, cria a Polícia Feminina

O ex-Prefeito Municipal de São Paulo, ex-Governador do Estado e ex-Presidente da República, Jânio Quadros, em razão daquilo que os seus detratores chamavam de “esquisitice”, “intransigência” e “autoritarismo” de suas ordens, alguns até o tratando, à sorrelfa, de “desequilibrado” e “bêbado”, porque ele (como Prefeito e Governador) costumava fiscalizar as repartições públicas de inopino, às vezes, em plena madrugada, para surpreender servidores públicos preguiçosos ou que atendiam mal à população, e era criticado também pelos opositores, que diziam ter ele tentado proibir “o uso de *bikini* nas praias e a exploração da briga de galos”, foi o *criador da Polícia Feminina*, abrindo mais um campo de trabalho sério para as mulheres. Elas não devem esquecer de onde proveio tal iniciativa.

Pelo Decreto nº 24.548, de 12 de maio de 1955, o então Governador do Estado, Jânio Quadros, criou, nos quadros da Guarda Civil de São Paulo (corporação que seria extinta pela ditadura Médici, em 1969, com o “silêncio” do agora Governador Abreu Sodré), o *Corpo de Policiamento Especial*



Feminino, uniformizado, e convidou a Dra. Hilda Macedo, também formada pela Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, da qual JQ fora aluno, para organizar e chefiar esse grupo de mulheres. E, pela Lei nº 5.235, de 15/01/1959, foi de fato montada, com estrutura própria, a Polícia Feminina de São Paulo, estabelecendo-se a carreira e a formação de suas integrantes, com as atribuições definidas, especialmente destinadas ao trato com adolescentes, crianças, mulheres e idosos, de início, nas rodoviárias e ferroviárias, bem como nos aeroportos e museus.

Com a receptividade social à corporação policial feminina uniformizada, em São Paulo, tão logo Jânio Quadros chegou à Presidência da República, em 1961, Brasília também passou a ter policiais femininas. E, sinteticamente, em pouco tempo, as mulheres chegaram às carreiras tipicamente militares, como oficiais e praças das PMs dos demais Estados e das Forças Armadas – Exército, Marinha e Aeronáutica. Por motivos políticos, diante de um Congresso em sua maioria viciado, JQ, o primeiro Presidente da República eleito pelo voto popular de oposição do país, desde a Proclamação da República, renunciou ao cargo, após sete meses.

Embora criticado, além de criador do segmento policial feminino uniformizado no Brasil, Jânio reorganizou a Superintendência da Moeda e do Crédito e, quando até então o cruzeiro brasileiro, desvalorizado, era fabricado, com pagamento em dólares, na Inglaterra (à empresa “*Thomas de La Rue*”) e nos Estados Unidos (no “Bank Note Company”), ousou fazer as primeiras notas brasileiras no Brasil! Hoje, tal encargo é do Banco Central do Brasil, que, inclusive, fabrica dinheiro para vários países latino-americanos.



Mais tarde, já em 1986, com o desaparecimento das Guardas Civis do Brasil, por atos ditatoriais, desde 1969/70, e todo o policiamento das ruas a cargo das PMs, sem sucesso, Jânio Quadros, agora, novamente Prefeito de São Paulo, mesmo antes de aprovada a Constituição Federal de 1988, e contrariando a vontade da Polícia Militar do Estado de São Paulo, criou a Guarda Civil Metropolitana da Capital bandeirante! (Não basta ler; faz-se essencial pensar, para evitar injustiça).

Castelo Branco é “farinha do mesmo saco?”

Outro momento que requer reflexão, em se tratando da quebra das regras políticas no Brasil, é o dos generais que depuseram o Presidente João Goulart, Vice-Presidente, legalmente eleito, que assumira o poder com a renúncia do Presidente Jânio Quadros: mesmo condenando o desrespeito à Constituição, às garantias sociais e à liberdade, não devemos misturar “alhos com bugalhos”. Isso porque, em pleno início do novo período ditatorial (que foi de 1964 a 1982), o 1º oficial que assumiu o lugar do Presidente Goulart (eleito pelo voto popular e derrubado do poder), foi o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco, que era Chefe do Estado Maior do Exército, fora herói da 2ª Guerra Mundial, tendo servido à FEB – Força Expedicionária Brasileira, nos campos da Itália, ainda no posto de Tenente-Coronel. Natural do Ceará, era ele um intelectual das Forças Armadas, com vários livros escritos. E foi ele que, por força de ato institucional, fechou o Congresso Nacional, cassou vários parlamentares e fez desaparecer os inúmeros partidos políticos então existentes, - em regra, viciados -, e criou apenas duas novas agremiações

partidárias: a ARENA (Aliança Renovadora Nacional), de sustentação ao chamado “governo revolucionário”, e o MDB (Movimento Democrático Brasileiro – de apelido “Manda Brasa”), este para agasalhar a “oposição” e manter a aparência de democracia... Está aqui um resumo daquele momento.

Reaberto o congresso, passou o Marechal Castelo Branco a governar com as Casas Legislativas (Câmara e Senado), via projetos de lei, “sempre aprovados”, pois a maioria parlamentar lhe era “fiel”. E a grande surpresa foi a de que, *mesmo sendo ele, até então, o líder do movimento militar das Forças Armadas que derrubou o Chefe do Governo brasileiro, constitucionalmente no Poder*, fez o que nenhum “presidente democrata” anterior teve coragem ou interesse de fazer: aprovou e sancionou, em plena época “*revolucionária e centralizadora*”, a lei contra o abuso de autoridade (Lei Federal nº 4.898, de 09/12/1965), muito antes da “Constituição Cidadã”, libertária por excelência, que só viria em 1988. E o que diz essa lei? Vejamos.

Em seu artigo 3º, essa lei é expressa: “*Constitui abuso de autoridade qualquer atentado: a) à liberdade de locomoção; b) à inviolabilidade de domicílio; c) ao sigilo de correspondência; d) à liberdade de consciência ou de crença; e) ao livre exercício do culto religioso; f) à liberdade de associação; g) aos direitos e garantias legais asseguradoras ao exercício do voto; h) ao direito de reunião; i) à incolumidade física do indivíduo*”. E, no artigo 4º da mesma lei, *constitui também abuso de autoridade: a) ordenar ou executar medida privativa de liberdade individual, sem as formalidades legais ou com abuso de poder; b) submeter pessoa sob sua guarda ou custódia a vexame ou a constrangimento não autorizado em lei; c) deixar de comuni-*

car, imediatamente, ao juiz competente a prisão ou detenção de qualquer pessoa; d) deixar o juiz de ordenar o relaxamento de prisão ou detenção ilegal que lhe seja comunicada; e) levar à prisão e nela deter quem quer que se proponha a prestar fiança permitida em lei”; e outros mandamentos.

E, com os grifos nossos, o artigo 5º dessa lei é taxativo: “Considera-se autoridade, para os efeitos desta Lei, quem exerce cargo, emprego ou função pública, de natureza civil ou militar, ainda que transitoriamente e sem remuneração”. E, no artigo 6º completa: “O abuso de autoridade sujeitará o seu autor à sanção administrativa, civil e penal”.

Ao que parece, somente uma pessoa dotada de alta sensibilidade moral, bem preparada intelectualmente, disciplinada e eticamente respeitadora da lei, em época revolucionária e com todo o poder nas mãos, poderia sancionar uma norma legal atingindo autoridades civis e militares que procedessem arbitrariamente. Mas Castelo Branco, escritor e herói de guerra morreu, em acidente de avião, e o chamado “*movimento revolucionário*” se transformou num ambiente de arbítrio, prisões, sevícias e mortes. O Marechal Castelo era de outra estirpe.



Um Presidente vaidoso e seu legado: um lei popular

De um antigo Dicionário de Pensamentos, traduzido por Afonso de Taunay e de autoria de Folco Masucci, anotei esta máxima de Miguel de Cervantes: *“O hipócrita que pretende parecer homem de bem não é tão execrável como o que tem vaidade dos seus erros”*. Por outro lado, também aprendi algo em que acredito, embora muitos, em regra descrentes, sem o exercício ponderado da razão, pensem ao contrário: de que *“a política é, ou deveria ser, a ciência do bem comum”*. Por isso, depois de algumas dezenas de anos vividos, errando e acertando, caindo e levantando, sempre em busca do equilíbrio e da justiça, conscientizei um mote seguro da filosofia cristã: *conhece a verdade, e a verdade te libertará*. Isso me faz procurar errar menos, sopesando o lado bom e o lado mau de cada de cada ser humano, seu egoísmo e seu altruísmo, e as circunstâncias que o cercam.

Quem é brasileiro e tenha mais de trinta e cinco anos, no segundo decanato do século 21 da Era Cristã, por certo, ainda se lembra da inflação astronômica do país, nos anos 80, ou leu sobre ela, com a miséria e o desemprego grassando por vários Estados da federação. Tempo de filas para compra do essencial, enquanto a imprensa divulgava, como numa fantasia “robin-hoodiana”, todos em busca de um salvador da pátria. Aí apareceu o “caçador de marajás”, com um discurso contra os ricos e insensíveis contra os pobres: boa figura, palavras envolventes, e a promessa de mudar as coisas para melhor. Pois bem. O povo, carente de um herói, na escolha entre um metalúrgico de nove dedos e um filho bem posto de político de posses, elegeu o jovem piloto de jet-ski e de avião, e de ternos bem recortados.



Entretanto, pouco depois, o jovem Presidente do Brasil não conseguia atender as aspirações do povo que o elegera. Com as críticas evoluindo e o aparecimento da corrente dos “carapintadas” (de rostos listados de verde e amarelo), explodindo em passeatas por todos os recantos do país, a fama do nobre “caçador de marajás” começou a despencar, e foram descobertas irregularidades que vieram à tona em seu governo, trazidas a público pelo seu próprio irmão... Daí, veio um processo de “impeachment”, resultando em ser retirado da Presidência do Brasil pelo voto aberto dos congressistas (Deputados Federais e Senadores da República), em transmissão direta de Brasília e com o povo nas ruas, festejando. Este, um resumo popular.

Isso tudo, porém, não nos impede de reconhecer que esse nobre “caçador de marajás”, além de sua procedente crítica aos veículos fabricados no Brasil, chamando-os de “carroças” e fazendo com que houvesse uma mudança para melhor nos automóveis hoje feitos no país, deixou algo de mais sério e necessário para o povo: o *Código de Proteção e Defesa do Consumidor*, criado pela Lei Federal nº 8.078, de 11/09/1990, sancionada pelo *Presidente da República Fernando Collor*, sendo um diploma eminentemente de cunho social, dando equilíbrio às pessoas do povo diante do poder econômico, nas questões envolvendo produtos, serviços, práticas comerciais abusivas, cobranças indevidas, publicidade enganosa, além de outros assuntos correlatos, no resguardo da saúde e dos direitos dos indivíduos, trazendo responsabilidade e obrigações, e até punições aos infratores penais nesse campo. Graças a essa Lei, qualquer pessoa do povo pode chamar às falas e levar às autoridades públicas empresários, fabricantes,



gerentes e vendedores de qualquer bem de consumo viciado, estragado ou fora dos padrões. Em todo ser humano, com certeza, há algo de bom.

Ah, se os governantes e agentes públicos em geral soubessem que muito podem fazer pela coletividade, às vezes, sem despesas, desde que tenham a sensibilidade cidadã, garantindo a todos, independentemente da sua condição social, o respeito aos seus direitos e concedendo-lhes os instrumentos necessários para a concretização dos seus anseios!

A NOBRE CONTRIBUIÇÃO DE UM “SAPO BARBUDO”

Muitas vezes, arraigado e costumeiro preconceito, de tanta repetição em momentos da nossa vida, se apresenta natural, e nem o percebemos quando magoamos ou envergonhamos outra pessoa. Quem já não ouviu, à boca pequena, observações como estas: *“Ele não tem pai. Na sua identidade, só tem o nome da mãe. Coitado!”* Isso, quando a observação não resvala para a chacota: *“Ela é filha de mãe solteira!”* Sem contar com aquelas situações em que, para evitar qualquer pergunta mais inconsequente, a pessoa sequer mostra seu documento a um amigo ou uma amiga, para que não se lhe descubra que, no espaço deixado para escrever o nome do pai, lá está um asterisco ou uma interrogação! Há, ainda, infelizmente, aqueles casos em que a mãe ou o pai, preconceituosos, dizem: *“Eu não criei minha filha para casar com um homem que não sabe quem é seu pai ou é filho de mãe solteira!”*

Em razão disso e pelo constante desrespeito, em regra, das religiões e dos intelectuais às mulheres, tenho me preocupado, de longa data, com essa visão distorcida e costumei-



ramente inculcada nas gerações, como se houvesse algum ser humano na face da Terra que não tivesse nascido e necessitado da mãe para viver, aprender e crescer. Fazendo uma pesquisa em alguns livros de sociologia e assistindo a algumas palestras do saudoso professor Darcy Ribeiro, fundador da Universidade de Brasília, descobri que ele destacava o papel da mulher como formadora de homens. Já citei, também, em trabalho meu, breve texto do escritor Plínio Salgado, de seu livro “*A Vida de Jesus*, quando ele escreveu que “*A mulher grávida leva um destino no ventre; a centelha de um espírito; a semente de um fato social; o gênio do Bem ou o gênio do Mal*”. Mas, em decorrência dos costumes retrógrados, ainda existe a idéia estapafúrdia de que só o homem é base da espécie humana, porque teria sido criado por Deus, em primeiro lugar, ficando as mulheres como seres de segunda a quinta classes... Verifica-se, assim, pelo preconceito arraigado, haver ainda muitos diplomados e detentores de títulos atolados na ‘ignorância’.

Por isso, encontram-se indivíduos, até do sexo feminino, execrando mulheres pobres, muitas solteiras, por terem vários filhos, apontando esses como os “bandidos do amanhã” e chamando suas mães de irresponsáveis e que deveriam ser esterilizadas, como fêmeas de animais irracionais, mas, em regra, esquecendo da “*participação*” dos homens, como se existisse gravidez por autofecundação! E aqui devemos registrar o trabalho da pesquisadora Ana Liesg Thuller, da Universidade de Brasília, que analisou 180 mil certidões de nascimento, em várias partes do Brasil, para o seu trabalho “*Paternidade e Deserção*”, e levantou que, em alguns Estados, mais de 20% das crianças não tinham nome de pai em seus registros.



Até escrevi um artigo, publicado no Boletim do IBCRIM nº 29, em maio de 1995, intitulado: “*Exame de DNA: uma decisão acatável, mas perigosa*”, no qual, estarrecido, analisávamos notícia (da “Folha de S. Paulo”) da decisão do STF, datada de 10/11/1994, em ‘HC’ relatado pelo Ministro Marco Aurélio, dando conta de que “*ninguém é obrigado a se submeter a exame de sangue para comprovar a paternidade*”, valendo, “*também, para exame de DNA, o mais conhecido e seguro para comprovar a paternidade*” (esclarecia o jornal). Aconteceu que, por “seis votos a quatro, o STF concedeu ‘habeas corpus’ a um advogado gaúcho, apontado como pai de duas gêmeas e que se opôs contra ordem do Juiz da 2ª Vara de Família de Porto Alegre, invocando os incisos II e X do artigo 5º da Constituição Federal.

Dissemos, em nosso artigo, que a decisão era “*acatável, embora socialmente discutível e perigosa*”, acrescentando que, “*doravante, nada impede que um criminoso, do qual a Polícia Judiciária tenha fundadas suspeitas de que foi ele o autor de um estupro*”, (porque há sinais nas vestes e no corpo da vítima), “*se negue a submeter-se ao fornecimento de material para exame pericial*”. E, ousamos uma frase final, no artigo, com reticências para pensar: “*Exceto se a decisão não foi jurídica...*” Porque, em muitas ocasiões, nas questões entre homem e mulher, nada impede que os sentimentos recônditos do julgador, eventualmente, possam camuflar preconceito “*machista*” ou “*feminista*”. E, no Boletim IBCCRIM nº 31, de julho de 1995, artigo do juiz Alexandre Lazzarini, parece que esquecendo os três pontinhos (...) do meu trabalho em defesa das mulheres, foi irônico, como se eu não soubesse que toda decisão de juiz ou tribunal é jurídica, e citou o filósofo



Wittgenstein:”*Sobre aquilo que não se pode dizer nada, deve-se calar*”.

Voltando ao título do presente trabalho, lembramo-nos de que o apelido “*sapo barbudo*” foi dado ao ex-Presidente da República Lula pelo ex – Governador (gaúcho e carioca) Leonel Brizola, que, como candidato a Vice-Presidente, fora companheiro do metalúrgico candidato a Presidente, e ambos foram derrotados por Fernando Henrique Cardoso. Pois bem. Vieram outras derrotas, mas, persistindo com o seu discurso de conscientização do povo, e mesmo com toda a rica propaganda contra, com alguns empresários prometendo mudar do país, cuja “bandeira brasileira mudaria para a cor vermelha”, caso o metalúrgico Luiz Inácio Lula da Silva (que viera do interior de Pernambuco, de “pau-de-arara”, com a família, para São Paulo) chegasse à Presidência da República, deu-se o inevitável: o metalúrgico Lula recebeu a faixa de Presidente do sociólogo FHC!

E seria esse “sapo barbudo” e não qualquer outro respeitável Chefe da Nação, desde a Proclamação da República, que viria a corrigir uma barbaridade existente nos costumes masculinos nacionais, como provaram as pesquisas da professora Ana Liesg Thuller, de que os homens, “superiores às mulheres”, faziam os filhos em suas namoradas ou companheiras e se negavam, sistematicamente, a assumir a condição de pais, tendo no território brasileiro, até os anos 90, uma população de certa de 30 milhões de filhos, somente com os nomes das mães em seus registros de nascimento. E, mesmo quando o processo científico de prova de paternidade – exame de DNA – já se tornara uma realidade, as mulhe-



res tinham as barreiras judiciais e econômicas, para defender seus direitos e dos filhos sem pais.

Como a injustiça não pode se perpetuar, no ano de 2004, 9 anos depois do nosso artigo “*Exame de DNA: uma decisão acatável, mas perigosa*”, publicado no Boletim IBCCRM – Instituto Brasileiro de Ciências Criminais - nº 29, de maio de 1995, o STJ – Superior Tribunal de Justiça – exarou a Súmula 301, estabelecendo que “*Em ação investigatória, a recusa do suposto pai a submeter-se aos exame DNA induz presunção ‘júrís tantum’ de paternidade*”. E, para fechar definitivamente a ferida dos filhos com *asterisco ou interrogação*, em lugar do nome do pai, nos registros de nascimento, o Congresso Nacional, com a aprovação da Lei nº 12004, de 29/07/2009, (sancionada pelo Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva, com o devido respeito, apelidado de “sapo barbudo”), fez acrescentar ao artigo 2º da Lei nº 8560, de 29/12/1992, um Artigo 2ºA, com a seguinte redação: “*Na ação de investigação de paternidade, todos os meios legais, bem como os moralmente legítimos, serão hábeis pra prova a verdade dos fatos*”, complementando, no seu Parágrafo Único: “*A recusa do réu em se submeter ao exame de código genético – DNA – gerará a presunção da paternidade, a ser apreciada em conjunto com o contexto probatório*”.

Reconheça-se a importância social desta lei, de profundo respeito às mulheres, as quais, agora, podem chamar esses “*homens ímpolutos e corajosos*” a assumirem a parte que lhes toca nos filhos, e eles não mais poderão dizer: “Eu não tenho nada com isso!”. O bondoso “*sapo barbudo*”, com seu ato, honrou todas as mulheres e seus filhos! Creio que, como eu, as mulheres devem tê-lo em boa conta.





BISMAEL B. MORAES é Mestre em Direito Processual pela USP, foi Presidente da Associação dos Delegados de Polícia do Estado de São Paulo, tem 20 livros publicados, dentre os quais “Estado e Segurança diante do Direito”(ED.RT/SP/2008) e é membro das Academia de Ciências, Letras e Artes dos Delegados de Polícia e da Academia Guarulhense de Letras.







BOSCO MACIEL

MEU CANARIN

meu canarin,
tem encanto teu cantá
se não cantas chora o mundo
mas se cantas, sórrirá

meu curió,
tem encanto teu cantá,
sem teu canto chora a mata
com teu canto sorrirá

meu cantadô,
tem encanto teu cantá,
quando calas chora o mote
quando cantas sorrirá





BOSCO MACIEL

LUNA PEREGRINA

lua nova, lua cheia
lua de quarto minguante
passageira intinerante
em trajetória lunar

o sol não soube dizer
e precisamos saber
o que tem que se fazer
pra conseguir te alcançar

pois do alto de uma cruz
eu me fiz ponto de luz
não conseguí te alcançar

já das asas de um avião
me tornei imensidão
não conseguí te alcançar

bem da ponta de uma antena
voei calmo como pena
não conseguí te alcançar

e do cesto de um balão
eu estendí minha mão
não conseguí te alcançar

se do alto de uma cruz
se das asas de um avião





se da ponta de uma antena
se do cesto de um balão
não conseguí te alcançar

lua luna peregrina
com teus olhos cor de prata
que lumem noites na mata
como neve a gotejar

sê então compreensiva
filha de quarto crescente
se não quer contar pra gente
conte o segredo pro mar

O JOGO DA VIDA

as fichas dispostas na mesa
o lance só traz mais um risco
roleta pronta pra girar

assim cada um de seu jeito
na vida ganhando e perdendo
a sorte pra acompanhar

mas tem quem não quer apostar
não joga, não luta, não vive
assiste seu tempo a passar

e risco assume quem joga
o jeito se pega jogando
na vida se tem que jogar





BOSCO MACIEL

VITÓRIA, NESSA CANÇÃO

espertinha inteligente
fonte de vida da gente
sol de uma tarde quente
brinquedinho de ninar

Vitoria, nessa canção
que mamãe faça pra ti
lanternas de vagalumes
que brincam de alumiar

meiga doce e carinhosa
quetinha coisa mimosa
gatinha fofa e manhosa
pequenina polegar

Vitoria, nessa canção
que papai cante pra ti
o canto dos passarinhos
que voam livres no ar

engraçada palhacinha
boneca enfeitadinha
educada bonitinha
nossa estrela a cintilar

Vitoria, nessa canção
que mamãe conte pra ti
as história que se contam
do outro lado do mar





Danadinha faladeira
fadinha fina festeira
brisa mansa da soleira
em suave cochilar

Vitoria, nessa canção
que papai dance pra ti
a valsa das borboletas
numa noite de luar

linda observadora
ciente conhecedora
canto de paz duradoura
do amor que tem pra dar

Vitoria, nessa canção
que mamãe faça pra ti
desenhos de todas cores
do que der pra se pintar

fluente desinibida
fonte de luz nessa vida
mel da flor mais colorida
princesa de nosso lar

Vitoria, nessa canção
que teus pais falem pra ti
com toda força do peito
que não cansam de te amar





BOSCO MACIEL

PONTO DE HONRA

Um Grande Guerreiro
que morre em combate
não perde a batalha,
só tomba sem vida
com viva conduta.

Só perde a batalha
se o peito respira
e o coração bate
e ainda com vida
desiste da luta.

UM DIA NA AUTARQUIA

bem no centro de São Paulo
na sala de uma autarquia
os colegas de trabalho
da sessão naquele dia
tinham um dia diferente
com Virgulino na frente
quando um deles pronuncia

O Grupo aqui reunido
reconhecendo a presteza
do Colega de trabalho
que sentou naquela mesa
lhe fará justa homenagem





antes de sua viagem
pra capital Fortaleza

só que nossa homenagem
que saibam todos vocês
será feita em cordel
cada qual por sua vez
abrirá seu coração
como retribuição
por tudo que o Cara fêz

digam em poucas palavras
expressando nossa voz
o que nosso Virgulino
representa para nós
antes de vir a saudade
expressem nossa amizade
cada um é porta-voz

A primeira que falou
foi sua amiga Dadá
disse ela: grite forte
logo quando chegar lá
“isso dá um visual
et cetera e coisa e tal
Fortaleza Ceará”

Seu amigo Pinto cego
já um pouco chateado
sabendo de sua ida





pra viver em outro estado
disse sem pestanejar
sem ter medo de errar
“Êh Cangaceiro arretado”

Bagaceira levantou-se
e num pulo gigantesco
já gritou para os colegas
com voz de carnavalesco
“um Cara corintiano
que nasceu pernambucano
pra mim já é pitoresco”

e Dulce que só ouvia
agora fica à vontade
fala sua opinião
com muita sinceridade
“Lampião pra mim é ave
é educado, é suave
todo coletividade”

Nisso brada Rouxinol
com voz grossa de Doutor
“Lampião é Cabra bom
vindo do Interior
homem de linha de frente
é decidido e valente
destemido e pegador”





Sabino falou depois
com jeito fino e pomposo
dizendo que Lampião
sempre foi impetuoso
“tem hora que vira louco
de ingenuo tem um pouco
mas o bicho é corajoso”

Gitirana que ouvia
a fala do pessoal
de Lampião relatou
na forma coloquial
“tem a força de um boi
mas pra mim Lampião foi
sempre humilde e cordial”

Azulão que estava queto
atrás de uma samambaia
tinha coisa pra dizer
e pra não fugir da raia
para o amigo apontou
e em seguida falou
“pra mim tu virou Jyraia”

e Canário comentou
olhando pra Cascavel
“o Lampião deveria
ser Poeta de cordel
não ser Bravo Lutador
mas, um Bardo Trovador
Poeteiro e Menestrel”





E Cascavel respondeu
pra Canário à sua frente
“por ter sido cangaceiro
Lampião é diferente
vez por outra é evasivo
mas muito compreensivo
e bastante inteligente”

Bagaceira declarou
pra Lampião que ouvia
“para mim tu sempre honrou
a todos nesta autarquia
sempre praticando o bem
sem dizer ‘não’ pra ninguém
e ainda faz poesia”

diz Carrasco pra Vereda
tu que és Respeitador
hás de concordar comigo
“Lampião é Lutador
é sensível e inteligente
e reconhecidamente
Grande observador”

Vereda diz pra Carrasco
“sem querer ser elegante
vou te ser muito sincero
no que julgo relevante
O bicho tem altruísmo
exemplo de coleguismo
é talentoso, e brilhante”





E Vereda fala mais
e todos prestam atenção
pois já fala pelo grupo
quando diz com emoção
“quando olhar o céu azul
lembre nós aqui no sul
nunca esqueça o Gavião”

e passou pra Lampião
a síntese daquele dia
a gratidão registrada
em forma de poesia
um par de estrofezinhas
cada estrofe sete linhas
num papel onde se lia

neste novo desafio
vale tua intuição
tu que fostes cangaceiro
de bacamarte na mão
siga sendo um Lutador
com diploma de Doutor
exemplo para o sertão

Leve nossa amizade
dentro de teu matulão
todos nós ex-cangaceiros
temos outra profissão
pegue lá tua bagagem
que faça boa viagem
Virgulino Lampião





BOSCO MACIEL





CLAUDEMIR PEDROSO DA SILVA

A DEPRESSÃO E A BÍBLIA

A depressão ou melancolia é um problema muito comum e antigo da vida humana. Todos já experimentamos até certo ponto, algum tipo de depressão em alguma fase de nossa vida. É atualmente a doença que mais afeta a humanidade, o que tem levado alguns a chamá-la de “*a doença do século*”.

A depressão é um estado comum, porém, muito difícil de definir e tratar. Tecnicamente, a depressão é o estado contínuo de mau humor. Certamente, não existem duas pessoas que reajam à depressão da mesma maneira, pois ela abrange uma variedade de sintomas que diferem gravidade, frequência, direção e origem.

Entre os sinais da depressão encontram-se: tristeza profunda; dificuldade de ação e reação; fadiga geral; visão negativa de si mesmo; perda de espontaneidade; insônia e dificuldade de concentração; e perda de apetite.

Embora depressão seja um termo que não é discutido na bíblia, certamente essa doença estava incluída nas “aflições” que Jesus anunciou que teríamos no mundo (cf. João 16:33). Em outros textos, parece que Jó (cf. Jó 3:11), Moisés (cf. Nm 11:15), Davi (cf. Sl 42:5), Jonas (cf. Jn 4:3), o próprio Jesus, no





Getsemani (cf. Mt 26:38) e muitos outros personagens bíblicos vivenciaram momentos de forte melancolia e depressão.

Esses exemplos, acompanhados de numerosas referências à dor da tristeza, dão amostra do realismo que caracteriza a Bíblia. O desespero realístico é colocado em contraste com a esperança.

Tais exemplos revelam o realismo bíblico da depressão, mas, acima de tudo, enchem-nos de esperança: *“Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado.”*; *“Pois, naquilo que ele mesmo sofreu, tendo sido tentado, é poderoso para socorrer os que são tentados”*. (Hebreus 4:15; 2:18)

A Bíblia não enfatiza tanto o desespero humano, mas sim a fé em Deus e a certeza de que gozaremos uma vida abundante no céu, se não pudermos desfrutar dela aqui na terra (cf. Mt 5:12; Rm 15:13).

Dentre os 150 Salmos da Bíblia, podemos perceber, em alguns, sintomas de depressão. Por exemplo o Salmo 42: 3 e 4, onde o salmista Masquil escreve: *“As minhas lágrimas servem-me de mantimento de dia e de noite, porquanto me dizem constantemente: Onde está o teu Deus? Quando me lembro disto, dentro de mim derramo a minha alma; pois eu havia ido com a multidão; fui com eles à Casa de Deus, com voz de alegria e louvor, com a multidão que festejava.”*

O choro constante é um dos sintomas de quadro depressivo, sendo que as perguntas de onde estava o Deus do salmista e o sentimento de não poder ir à casa de Deus conforme ia anteriormente, o deixava suscetível a permanecer no estado de depressão e aumentar o grau deste transtorno.



Diz Sue Breton que possivelmente o mais influente fator da doença depressiva é o que o indivíduo pensa acerca do que está acontecendo. As pessoas com personalidade depressiva sentem mais dificuldade de vencer a depressão por causa de seu hábito de pensar negativamente e de ver sempre o lado negro das coisas. Isto tende a criar nelas aquela química que leva a depressão.

Esta fala da colega Sue Breton não é regra geral, tendo em vista que os salmistas, independente do estado afetivo ser agradável ou penoso, louvam a Deus. Através dos meios de comunicação em massa, é comum em nossa cultura, a divulgação de que a pessoa que entra no estado de depressão é porque está afastada de Deus.

Será que uma pessoa que está afastada de Deus pode extenuar o seguinte sentimento: *“Por que estás abatida, ó minha alma? Por que te perturbas dentro de mim? Espera em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, meu auxílio e Deus meu.”* (Salmos 42:5).

Entendemos que qualquer pessoa pode ter depressão, pois esta enfermidade faz parte da natureza humana e não das pedras. Quando alguém diz que a pessoa que está no estado de depressão está longe de Deus ou perto, ela está mantendo a auto-estima dando explicações incoerentes com a realidade bíblica; atitude esta que pode ter sido praticada por ato impulsivo ou por razões menos aceitáveis.

Quando o salmista se questionou por que a alma dele estava abatida, e por que o estava perturbando, ele estava tentando descobrir o que estava errado na maneira dele se relacionar com Deus e com o mundo. Ele estava aceitando a responsabilidade por seus próprios sentimentos, não atribuindo aos outros ou a objetos, sentimentos e qualidades de



sua propriedade, a fim de aliviarem seus sentimentos de culpas ou falhas cometidas.

Uma das maiores dificuldades para vencer a depressão consiste em o deprimido admitir que está sofrendo desta doença. No salmo que estamos mencionando, constatamos que Masquil ao externar seu pensamento, admitiu estar deprimido, atitude esta fundamental para o desenvolvimento da cura.

Em outro momento o salmista discorre: “*Direi a Deus, a minha Rocha: Por que te esqueceste de mim? Por que ando angustiado por causa da opressão do inimigo? Como com ferida mortal em meus ossos, me afrontam os meus adversários, quando todo o dia me dizem: Onde está o teu Deus?*” (Salmos 42:9, 10).

Masquil discorreu que perguntaria a Deus por que tinha esquecido dele? Será que Deus se esqueceu dele ou ele esqueceu-se de Deus? A resposta objetiva deste questionamento, a nosso ver, pouco ajudaria na assistência pastoral. O que ajudaria muito a Masquil vencer o transtorno de humor, caso este questionamento tivesse sido feito a um dos seguidores de Cristo, consistia em fazer a mesma coisa que com certeza Deus fez: “Através do diálogo com Masquil, provocou a mudança na maneira deste pensar e ver a vida”.

CAUSAS DA DEPRESSÃO

Primeiro, é importante desmistificar as causas da depressão. Não é verdade, por exemplo, que a depressão seja sempre resultante de um pecado pessoal ou falta de fé em Deus.

Também não é verdade que toda depressão seja causada por auto piedade, ou que seja errado um cristão ter depres-



são, ou que os estados depressivos podem ser curado através de exercícios espirituais.

Como bem vimos nos exemplos acima citados, os crentes, como todo mundo, estão expostos a essa doença (cf. Sl 42:3-6, 11; II Co 1:8), e a depressão pode ter causas variadas, como veremos a seguir:

Causas existenciais

As principais são: Perda de um ente querido, Ruptura de um romance, Rejeição por parte de pessoas queridas, Separação matrimonial ou conflitos conjugais, Enfermidades prolongada, Esgotamento físico-mental, Endividamentos, crimes, acidentes e etc...

Causas psicológicas

Estatísticas assombrosas concluíram que fatores psicológicos, de desenvolvimento interpessoais, espirituais e outras influencias não físicas são a causa de muitos problemas depressivos.

Dentre estas causas, destacamos a baixa estima, o complexo de inferioridade, o perfeccionismo, a solidão e a idade elevada. A ira, o rancor, o ódio e qualquer tipo de hostilidade, quando reprimidas no coração tendem a nos deprimir e a provocar variadas reações em cadeia que muito nos prejudicam.

Um outro detalhe que não pode ser esquecido é que a culpa por pecados ocultos também pode ser uma grande



causadora da depressão. Aliás, não só a depressão é patrocinada por causas psicológicas, mas grande parte das nossas doenças é também causada por este conflito.

Causas espirituais

Nem todo caso de depressão é demônio, uma coisa, porém é certa todos os demônios deprimem as pessoas, pois esta é a missão deles. A Bíblia fala de dois tipos de tristezas que podem nos acometer, “tristeza segundo Deus” e a “tristeza segundo o mundo”.

Na “tristeza segundo Deus” opera-se o arrependimento, mas na “tristeza segundo o mundo” opera a morte, e naturalmente a depressão (cf. II Co 7:10). Os cristãos devem discernir quando é que se esta enfrentando um abatimento, uma crise íntima por causa de pecados e um abatimento que leve a destruição.

Outra questão importante a ser analisada é a questão do “pecado e culpa”. Quando uma pessoa percebe que pecou, ela se sente culpada. Se ela não tratar o pecado e a culpa adequadamente, isso pode desencadear um processo de depressão. O tratamento adequado é o arrependimento.

Com base em Romanos 4:25, podemos dizer que: “*Jesus morreu por causa de nossos pecados, e ressuscitou para limpar as nossas culpas*”. Mas quando a pessoa já está deprimida, ela precisa que alguém lhe diga isso. É nesse momento que entram os psiquiatras, psicoterapeutas e conselheiros cristãos.



A DEPRESSÃO DO PROFETA ELIAS

Podemos aprender muito da vida de outros. A experiência do profeta Elias nos serve de instrução. Talvez você possa fazer a seguinte pergunta: “*Elias, um homem de Deus deprimido?*”.

É importante frisarmos que, Elias era homem de paixões como as nossas. Orou Elias ao Senhor: “*Basta; toma agora, ó Senhor, a minha alma, pois não sou melhor do que meus pais.*”.

Quais são as causas de tamanha depressão? Pois vamos lá, pegue sua Bíblia e leia o texto de I Reis 19:1-16. Quem lê o contexto antecedente deste capítulo fica sem entender esta última atitude de Elias. Porque Elias foge da ameaça de uma mulher depois de ter prodigiosamente desafiado 850 homens e os vencidos? Porque sua espiritualidade se curva de tal modo a fugir, a esconder-se? Por que ele se deixou deprimir?

Vejamos as causas:

Cansaço físico

O excesso de trabalho provoca o stress. Elias estava muito cansado com a excitação do Carmelo: “*A mão do SENHOR veio sobre Elias, o qual cingiu os lombos e correu adiante de Acabe, até à entrada de Jezreel.*” (I Rs 18:46).

E para fugir ele teve que caminhar muito já estando cansado ao ponto de chegar ao deserto e deitar-se debaixo de um zimbro pedindo a morte. Aqui está o ápice de seu estado depressivo.

Carência de Simpatia



No verso 14 Elias exclama: “E eu fiquei só”. A solidão de sua posição era chocante. Vivendo a sós com suas meditações, sentia a falta de amigos e de apoio humano. Então passou a aumentar a autocomiseração e complexo de perseguição.

Carência de ocupação

Enquanto Elias teve o trabalho de profeta para realizar, mesmo difícil como tal, tudo ia bem. Achava-se útil. Mas, para ele, a sua ocupação acabou. Com a desmoralização pública de Baal e a morte de seus profetas, Elias entendeu que a idolatria e, Israel chegara ao fim.

A desgraça de um homem começa quando ele se acha inútil. E este tipo de desejo é comum em momentos que nos culpamos e nos sentimos inferiorizados por alguma coisa.

Desapontamento em suas expectativas de êxito

No Carmelo, o grande objetivo pelo qual Elias vivera, parecia a ponto de realizar-se. Os profetas de Baal foram mortos; Jeová, o Senhor foi reconhecido a uma só voz; a falsa adoração foi derrubada.

O objetivo da vida de Elias – a transformação de Israel num reino de Deus – quase foi realizado. Em um só dia todo esse quadro brilhante foi aniquilado.



O TRATAMENTO DE DEUS PARA ELIAS

Elias corre e entra numa caverna. Esta atitude pode significar muitas coisas, dentre elas que ele havia se fechado para o mundo, num universo reduzido a seu censo de proteção, longe de todo mundo, na caverna de suas próprias razões e afirmações esperando um encontro com Deus.

E o interessante é que Deus não lhe culpa por seus sentimentos, não lhe dá um sermão por ter fugido, se escondido e pedido a morte. Antes, Deus aparece como médico de Elias e o introduz dentro do que podemos chamar de ‘terapia anti-depressiva’, que resolve o problema de Elias.

Deus reuniu as forças exaustas de Elias

Deus permitiu que ele dormisse e o alimentou com refeições miraculosas (cf. vs. 5-8), ou seja, Deus deu-lhe umas boas férias, com bastante comida e horas de repouso. Elias estava esgotado físico-emocionalmente e Deus sabia disto. E a terapia usada foi repor este esgotamento. A boa alimentação e o repouso físico são essenciais a recuperação dos deprimidos.

Deus permitiu que Elias desabafasse o seu pesar

Vejamos I Reis 19:10: *“Ele respondeu: Tenho sido zeloso pelo SENHOR, Deus dos Exércitos, porque os filhos de Israel deixaram a tua aliança, derribaram os teus altares e mataram os teus profetas à espada; e eu fiquei só, e procuram tirar-me a vida.”*



Muitas vezes, esse é o maior e imediato alívio. O profeta Elias expôs seu problema, e assim, acalmou a própria mente. É aqui que entra o trabalho do conselheiro cristão, que quando leva-nos a pensar em nossas razões ajuda-nos a sair do problema.

Deus o fez sentir a seriedade da vida

No verso 9 Deus lhe faz a seguinte pergunta: “*Que fazes aqui Elias?*”. A vida é ação. O profeta estava atuando, mas lamentando-se. Essa pergunta se repete a todos nós, despertando-nos de nosso comodismo e da nossa falta de compromisso.

Deus lhe contou as Boas novas e lhe deu mais trabalho

No verso 18 lemos: “*Também conservei em Israel sete mil*”. Você não está sozinho Elias. Deus lhe fere o ego e cura-o do exclusivismo religioso no qual se encontrava, informando-o que ele não era o único profeta que sobrava, mas existiam sete mil que também se mantinham santos a Deus os quais ele não conhecia. Assim, pois, a vida de Elias não foi um fracasso.

Nos versos 15 a 17 vemos que Elias recebe a missão de ungir dois reis e um profeta, entrega-lhe um ministério de confirmação espiritual. A melhor inspiração nas horas de depressão é receber mais responsabilidades das mãos de Deus, para ter sua vocação renovada.



SINTOMAS DA DEPRESSÃO

Em geral, quanto mais profunda a depressão, mais intensos são os efeitos. A depressão pode acarretar alguns dos seguintes sintomas:

a) O deprimido reduz sua visão ao pessimismo e se torna autodepreciativo

Passa a ver tudo do ponto de vista negativo, parece perder a fé na vida. Sempre se desvaloriza diante de pessoas e situações das quais se sente desafiado. E, por fim, chega à conclusão de que não vale a pena viver. O conselho de Abraão Lincoln para este tipo faz muito sentido quando ele diz: “*A maioria das pessoas será feliz na medida em que decidir sê-lo*”.

b) Desequilíbrio do apetite que se manifestam entre perda de peso a acumulo de gordura de forma exagerada

Há pessoas que quando deprimidas passam a comer mais, enquanto outras perdem o apetite.

c) Experimentar em estados depressivos sentimentos de culpa e indignidade

Essas culpas são reais ou imaginárias. Por exemplo, algumas pessoas deprimidas por crises financeiras podem se sentir culpadas por não serem ricas, o que não faz nenhum sentido. E destas culpas, reais ou não, advém a “síndrome do coitadinho”, ou seja, a pessoa passa a enfatizar seus defeitos e suprimir suas qualidades.



d) Acompanhado a estes outros sintomas podem se manifestar tais como:

Isolamento social e familiar, introspecção; Tristeza profunda e constante, que oscila entre choro e acessos de ira por coisas mínimas; Falta de esperança que conduz a incapacidade de lutar pelo que se acredita na vida, a incapacidade de tomar decisões; Tonturas, palpitações, dificuldades respiratórias, acidez estomacal, mudanças de temperamento, etc...

GRAUS DE DEPRESSÃO

A psicóloga clínica Sue Breton, que há vários anos vem auxiliando pessoas com diferentes tipos de depressão, discorre que leve, moderado e grave são os graus de depressão. Quanto maior for o grau da depressão, maior será o gasto de energia pela pessoa deprimida para nutrir a raiva e o rancor.

Depressão Leve

No estado de depressão leve, diz Sue: *“O deprimido mostrará um interesse diminuído por coisas que normalmente achava interessante ou agradável; podem continuar sua vida normalmente, apenas parecem tristes e possivelmente menos vivos nos pensamento e interesses. Com freqüência continuam fazendo as coisas essenciais, como ir ao trabalho ou resolver os assuntos da família”.*





2 - Depressão Moderada

Sue discorre que na depressão moderada estão presentes mais sintomas do que os detectados na depressão leve. Estar deprimido é um estado emocional que consome muita energia, energia esta, que é gasta com os sentimentos desagradáveis.

Portanto, a energia gasta na depressão moderada é maior do que na leve, em conseqüência, o deprimido moderado pode deixar de continuar a fazer as coisas essenciais, que fazia anteriormente, como ir à igreja, escola, arrumar a casa e outros inúmeros.

3 - Depressão Grave

Sobre a depressão grave, Sue Breton discorre:

“Os que sofrem de depressão grave, provavelmente não funcionam, tendem a não ter desejo de conversar com outros nem cuidar deles mesmos. Podem mostrar grande inquietação e agitação geral, mas nada fazem de construtivo”.

Em alguns casos, os sentimentos de não terem valor e auto-desgosto podem levar essas pessoas a ‘ouvir vozes’, as quais lhes dizem que elas não são boas em várias coisas ou que fizeram coisas terríveis e que foram visitada por forças do mal.

“As pessoas neste estado são incapazes de ter uma vida norma”, diz Sue.





FORMAS DE DEPRESSÃO

A depressão se constitui no mais sério distúrbio de afetividade, estado emocional que qualquer um pode vivenciar. É difícil definir ou descrever, no entanto, entre as diversas formas de depressão, estão as seguintes:

Depressão Reativa

Também conhecida de depressão exógena, psicógena ou neurótica é uma reação a uma perda real ou imaginária ou a qualquer trauma da vida. Uma pessoa, por exemplo, que é magoada, em guardando o sentimento de ter sido ofendida ou desconsiderada, ‘poderá’ transformá-lo em uma ansiedade, que é a resposta mais comum a um fator estressante.

Se este evento for além da faixa de experiência que a pessoa está acostumada a vivenciar, poderá desenvolver um conjunto de sintomas relacionados à ansiedade patológica e este poderá desencadear a raiva, que por sua vez, poderá tornar-se um sentimento de culpa.

Neste sentimento geralmente existem perguntas obsessivas como: “*O que eu poderia ter feito para evitar isso?*”; “*Porque isso aconteceu comigo?*” A culpa recolhida e voltada para dentro do enfermo culmina na depressão. Portanto, as depressões reativas, são de origem psicológica, são reações emocionais a episódios penosos.

Na depressão reativa, dia z psicóloga Isabel de Adrados, uma das integrantes da equipe do Instituto de Seleção e Orientação Profissional da Fundação Getulio Vargas: “*A tristeza que o paciente experimenta está mais diretamente re-*



lacionada com os acontecimentos vivenciados. Experiência de abandono, perdas, frustrações graves na área profissional ou familiar, costumam ser relatadas no histórico do paciente”.

Isabel assegura que o conteúdo depressivo é muito mais fácil de entender. Ao mesmo tempo em que o paciente se auto-recrimina como na melancolia, acusa, também os outros, principalmente a família. O histórico revela que houve alterações graves no desenvolvimento afetivo-emocional.

Depressão Endógena

Proveniente da palavra grega ‘*endógenés*’, endógeno significa originado no interior do organismo, ou por fatores internos. Entende-se que a depressão endógena é aquela que possui causas orgânicas.

O único critério para a inclusão dos transtornos no bloco de Transtornos orgânicos do humor (afetivos) é sua presumida acusação direta por um transtorno cerebral ou outro transtorno físico cuja presença deve ser demonstrada independentemente. Por exemplo, por meio de investigações físicas e laboratoriais apropriadas; ou ser presumida com base em informação adequada de história.

Embora se haja insistência que a depressão endógena não se origina de fatores externos, diz Isabel Adrados: “*A verdade é que, quando se pesquisa mais minuciosamente o histórico do paciente, o motivo costuma existir, porém o quadro depressivo toma força e se independentiza da causa primeira, qualquer que seja, que termina parecendo não motivada por fatores externos, como na verdade não é. A tristeza do melancólico surge, realmente, do fundo da sua personalidade*”.



Depressão Neurótica

Gary Collins em seu livro “*Ajudando uns aos outros pelo aconselhamento*” discorre que a depressão neurótica mescla-se com níveis elevados de ansiedade.

Depressão Psicótica

Citado por Isabel Adrados em seu livro “Manual de psicodiagnóstico e diagnóstico diferencial”, Juan Coderch assegura que a melancolia é uma depressão tipicamente psicótica com influencia da herança e da constituição genotípica; nela os sintomas adquirem sua maior profundidade e gravidade determinando freqüentemente suicídio.

Gary Collins discorre que a depressão psicótica envolve desespero intenso e atitudes autodestrutivas, geralmente acompanhadas de alucinações e perda de contato com a realidade.

TRATANDO DA DEPRESSÃO

Como cristãos conscientes, estamos certos de que a maioria das pessoas não se livra da depressão de uma hora para outra, mas também conhecemos os recursos terapêuticos que temos à disposição e, acima de tudo, já experimentamos a esperança que o evangelho nos traz – “*E o Deus da*



esperança vos encha de todo o gozo e paz no vosso crer, para que sejais ricos de esperança no poder do Espírito Santo.” (Rm 15:13).

Nesta tríplice perspectiva é que apresentamos, a seguir, possibilidades de ajuda aos depressivos, que podem ser úteis tanto para pacientes como para conselheiros cristãos.

1 - Confie em Deus

O apóstolo Paulo através de suas experiências e do estudo das Escrituras, tinha aprendido a confiar em Deus e “...a viver contente em toda e qualquer situação.”(cf. Fp 4:11). Isso o ajudou a evitar a depressão.

Contudo é preciso lembrar aqui que não basta dizer às pessoas deprimidas: “Confie em Deus que a depressão irá embora”. Isso é simplificar demais o problema, podendo até piorá-lo.

Muito mais proveitoso é o apoio de uma comunidade que diz: “Estamos ao seu lado neste momento de dor e vamos orar por você, apesar de não conseguirmos compreender completamente o que está acontecendo”.

2 - Conte com a ajuda do Espírito Santo

Como cristão devemos instruir às pessoas nesta situação, mostrando que Deus quer um posicionamento favorável à sua ação. Na medida em que a pessoa reage favoravelmente à ação do Espírito Santo de Deus, todo o seu ser, ou seja:



corpo, alma e espírito reagirá a seu favor a que um milagre aconteça na sua vida.

Isto mesmo. Milagres acontecem em nossos dias. O nosso Deus é o Deus do impossível. Ele é o doador da vida. Ele luta por aqueles que acreditam no seu mover restaurador. Ele quer realizar uma espécie de cirurgia espiritual, ou seja, através do seu bisturi chamado Espírito Santo.

Ele quer, pode até ser neste momento mesmo em que você está lendo este texto, eliminar este tumor chamado depressão que tem neutralizado a sua fé, a sua credibilidade no Deus que continua a fazer grandes coisas em sua vida independentemente da sua percepção.

Ele quer que estejamos bem informados de que Ele está sempre no controle de tudo, e que podemos enfrentar melhor o desalento em Sua dependência.

3 – Procure apoio

Há muitos estudos que comprovam que pessoas religiosas estão menos propensas a determinados tipos de males do nosso tempo. Por isso as igrejas e demais instituições sociais podem ser comunidades terapêuticas onde as pessoas se sentem bem vindas e aceitas.

Um exemplo disso é a história do filho pródigo (cf. Lc 15:11-32). Embora houvesse um ‘irmão mais velho’ cheio de censura, havia um pai transbordante de amor pelo filho que, arrependido, voltava para casa.





CLOVIS DOMINGUES

REFLETINDO ALGUNS MOTIVOS PARA UM VIVER FELIZ

Bíblia fonte de fé e de paz

“No princípio era a Palavra, e a Palavra estava junto de Deus, e a Palavra era Deus. Ela existia no princípio, junto de Deus. Tudo foi feito por meio dela, e sem Ela nada foi feito, de tudo que existe”. (Jo. 1, 1-3)

Nossa fé é sustentada na Palavra de Deus que atravessa os séculos e chega até nós com a mais bela de todas as notícias sobre o Criador, a criação e a redenção.

Alicerçados por Ela podemos vislumbrar as promessas do Criador que se concretizam na vida de cada um. Alimentados por Ela reforçamos nossa fé, também conquistada através dEla. A fonte da nossa fé é a Bíblia Sagrada, herança dos nossos pais na fé, desde os primórdios. *“A palavra de Deus é a verdade, sua lei, liberdade”*.





“Fala do Papa Francisco na Vigília para a paz” “Deus viu que isso era bom» (Gn 1,12.18.21.25). A narração bíblica da origem do mundo e da humanidade nos fala de Deus que olha a criação, quase a contemplando, e repete uma e outra vez: isso é bom. Isso queridos irmãos e irmãs, nos permite entrar no coração de Deus e recebermos a sua mensagem que procede precisamente do seu íntimo”. “A Bíblia é a fonte da paz desde o ato criador de Deus, até o ato redentor em Seu Divino Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo”.

Sim, fomos criados para a felicidade, *isso é bom*, e isso passa pelos conflitos e pela paz, numa conquista contínua que deve ser a mais importante busca de todos.

Nossos objetivos, sejam eles quais forem, devem sempre respeitar algumas condições essenciais como o direito dos outros, seus limites, seus erros e acertos. Construir a paz deve ser o maior objetivo, pois na convivência pacífica todos ganham, todas são mais felizes.

Ao refletirmos sobre nossa vida, nossas conquistas e/ou fracassos, nunca deixemos de nos perguntar se conseguimos perdoar e ser perdoados, se respeitamos os nossos limites e o limites de todos, se, verdadeiramente, fomos construtores de paz. Isso nos fará mais felizes, pois o fardo a carregar será suave.

Vivamos a paz. Se tivermos dúvidas de como fazer, busquemos na Palavra de Deus os caminhos e ali encontraremos, principalmente nos Evangelhos, pois Jesus nos mostra o Pai Amoroso, nos ensina escolher, no ensina o perdão, nos ensina a orar e, nos dá o maior de todos os mandamentos: *“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”*.





Nossa missão: amar

Numa sociedade onde os valores estão invertidos, muitos convites são feitos para nos separar da vontade de Deus, expressa na prática de Jesus, vontade de vida para todos e vida plena, onde ninguém deve ficar a margem, sem as condições mínimas para sobreviver com dignidade.

O Senhor nos prepara um paraíso, desde o início da criação e continua nos oferecendo, através dos patriarcas, matriarcas, profetas e na plenitude dos tempos pelo Seu próprio Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo e por fim através das igrejas, continuadoras da sua missão.

Por mais que tenhamos desculpas para não aceitar, devemos fazer um esforço e compreender o essencial, vivendo-o com todos irmãos, independente de quaisquer diferenças, os valores do reino (paraíso), pois é isto que o Senhor deseja de nós e para nós. Nossa missão é continuar a missão de Jesus, missão a favor da vida em todas as suas dimensões, seja na Igreja, na família, no mundo do estudo ou do trabalho, etc.

A missão primeira que temos é o amor e sua prática, primeiro a Deus e por consequência aos irmãos.

O banquete que Deus nos prepara merece todo o sacrifício aparente dos nossos desafios ou tentações, vale a pena superar-nos e deixar de lado outros compromissos, comprometendo-nos definitivamente com o projeto de amor. **VIVAMOS O AMOR.**





Maria de todos os nomes

Muitos ainda confundem a Virgem Maria com outras devoções e desconhecem a grandeza dos títulos que a Virgem de Nazaré possui e quantos ainda poderá possuir, tal a importância dela no projeto de salvação, concretizado pelo Seu Filho e Nosso Senhor, Jesus Cristo. Temos três cultos na Igreja Católica: *Dulia*, *Hiperdulia* e *Latria*. *Dulia* é a veneração aos anjos e santos, reconhecidos ou não; *Hiperdulia* é a veneração especial que só dedicamos à Virgem Mãe Maria Santíssima e *Latria* é adoração prestada somente a Deus.

Como filhos amados reconhecemos Maria como a escolhida para ser a mãe do Redentor. Maria de Guadalupe, padroeira da América Latina, Maria Aparecida, padroeira do nosso Brasil e Maria da Conceição, padroeira da nossa cidade de Guarulhos. Todas a mesma Maria Santíssima, a Maria do Sim, a Maria, esposa de José, a Virgem de Nazaré, aquela que aceitou fazer a vontade de Deus, que acolheu Seu Filho Divino, acompanhando-O em todos os momentos, até a Cruz, onde se manteve, com destemor, encorajando a todos para a consecução do mistério de Cristo. Aquela mesmo que estava no cenáculo, ajudando os apóstolos no crer de verdade e acolhendo o Espírito Santo de Deus que inspiraria a todos, dando coragem para continuar a missão do Filho Unigênito de Deus.

Não inventamos nomes para Nossa Senhora, apenas descobrimos, pois a cada título percebemos um pouco mais da grandeza da mãe querida. Sim, se em Cristo somos todos irmãos, em Maria somos todos filhos. Jesus, ao entregar João, aos pés da cruz, para Maria, “*Eis aí tua mãe*” entregou-nos ao seu carinho e à sua proteção. Maria, intercessora nas bodas



de Caná e outras oportunidades, intercede por todos seus filhos e filhas que buscam nela a proteção da mãe do céu. Maria não é a salvadora, mas é a mãe do Salvador.

Os títulos de Maria das diversas ladainhas são apenas pequenas coleções da imensa e infindável relação de nomes que a Virgem de Nazaré foi somando ao longo do tempo e que irá crescer muito mais. Impossível relacionarmos aqui tantos títulos dessa predestinada, mas tentamos registrar um que poderá nos deixar vislumbrar a grandeza e a presença da Mãe de Jesus; MARIA DE TODOS OS NOMES, aqueles que conhecemos, que não conhecemos, que foram descobertos ou serão ainda, sempre nos ajudando a buscar sua intercessão junto ao Seu Filho Divino.

Parece-me que um título bem atual e necessário é MARIA DA COMUNICAÇÃO, pois nos dias atuais tudo é comunicação, ou através de nós mesmos ou da inúmeras ferramentas que a evolução tecnológica nos proporciona. Sabemos que muito de bem podemos realizar com uma boa comunicação e também que através da mesma comunicação poderemos destruir pessoas e, por que não, o mundo em que vivemos. Nunca precisamos tanto da presença amorosa de Nossa Senhora da Comunicação, como hoje. O fenômeno das comunicações sociais, esse desafio do nosso tempo, que deveria ser usado a serviço da união dos povos, a serviço da paz, serve hoje para construir guerras fratricidas e armar ciladas para o ser humano, até na própria família, provocando o isolamento das pessoas, preocupadas em atender primeiro as ferramentas da comunicação, esquecendo-se dos diálogos familiares tão necessários para a continuidade dos objetivos da principal ferramenta: a família.



Roguemos a Maria Santíssima, nos mais diferentes títulos, para termos mais verdade, justiça e amor, em nosso mundo, a começar por nossas famílias, respeitando as condições de cada um para a promoção de todos.

Discípula missionária

Exemplos de discípulos missionários, pela graça de Deus, existem muitos, mas a Virgem Maria, esposa de José, nos deixa exemplos que atravessam gerações testemunhando o amor.

Maria de Nazaré a Escolhida que, com os mais diferentes títulos é lembrada no mundo inteiro. Mesmo sendo muito jovem, percebe e segue o chamado, tornando-se a mulher do sim, a Virgem Mãe de Jesus.

Discípula porque segue, com fé, atentamente as orientações divinas e faz isso com total entrega e perseverança, nas horas alegres, preocupantes e até dolorosas. Sua entrega no discipulado se completa seguindo Seu Divino Filho até os pés da cruz e depois levando todos a Ele, dando o exemplo maior de fidelidade ao chamado para a excelsa missão.

Missionária incansável que deveria ser consolada pelos apóstolos, se transforma em consoladora e incentivadora nas horas de indecisão e medo dos amigos mais próximo do Galileu.

Hoje, por tantos títulos, invocada, continua a sua missão de interceder junto ao Amado e Adorado Filho, em favor de toda a humanidade.

Aproveitando o fruto da misericórdia de Deus peça-nos: Querida mãe, mostrai-nos a Jesus e amparai-nos.





Campanhas da fraternidade

Há cinco décadas a Igreja católica do Brasil prepara com muito carinho e lança na quarta-feira de cinzas, início da quaresma, as campanhas de fraternidade. São temas e lemas que alertam sobre situações vividas pelo povo e orientam através de sugestões, baseadas em pesquisas e muito estudo. Muitos nem sabem que existe um trabalho muito sério que podemos confirmar nos textos-base de cada campanha e nos manuais, além dos materiais distribuídos para uma grande quantidade de grupos de reflexão para que aprofundem, nos diferentes lugares do nosso país, conscientizando e sugerindo desdobramentos necessários.

Neste ano, o tema é *Fraternidade e Sociedade* e o lema “*Eu vim para servir*”; mas, a cada ano essa fraternidade e sociedade, nas mais diferentes vertentes, é abordada com muita inspiração e seriedade.

Veja o que, em 2004, o objetivo da campanha registrava:

“Com o objetivo de conscientizar a sociedade de que a água é fonte de vida, necessidade de todos os seres vivos e um direito do ser humano, devemos cultivar informações no sentido de mobilizá-la para que esse direito à água em quantidade e qualidade seja efetivado para as gerações presentes e futuras”.

– *Objetivos específicos da C.F. 2004.* Ainda no comentário dos objetivos daquele ano vamos encontrar: “*Nas últimas décadas, a humanidade vem se defrontando com toda uma série de problemas globais - ambientais, financeiros, econômicos, sociais e de mercado. Neste quadro, as preocupações com o ambiente, em geral, e com a água, em particular, adquirem especial importância, pois as demandas estão se tornando*





cada vez maiores, sob o impacto do crescimento acelerado da população e do maior uso da água, imposto pelos padrões de conforto e bem-estar da vida moderna”.

Ainda, o Hino da Campanha agradecia o dom da água, falava da história do povo de Deus no deserto, falava da água do batismo e concluía com um alerta a todos.

*“Pela água que dá vida,
Pelos dons da criação /
Ó senhor do universo,
Eis a nossa louvação!
Nós buscamos teu perdão /
Pelo mal que praticamos /
Pois ao pobre, nosso irmão, /
Água limpa nós negamos.
Poluindo nossas fontes/
É a vida que se vai.../
Nova páscoa viveremos
Só no teu amor, ó pai”.*

Hoje, passados onze anos, o assunto de todos é administrar com muita seriedade o uso do dom precioso da água, batalha, que cremos, será vencida com a participação de todos.

Nossa sociedade vive hoje, cada vez mais, um individualismo exacerbado e precisa levar a sério o que nos diz as campanhas de fraternidade. Enquanto não percebermos e não vivermos a fraternidade, nossos recursos, que são muitos, continuarão a ser destruídos pela corrupção, pelos desgovernos e pelas ações que não percebem no outro um semelhante com os mesmos sonhos, necessidades e direitos.





Vivemos também hoje, em várias partes do mundo, uma grande inversão que separa irmãos por pertencerem a credos diferentes e até o sacrificam. Na contramão da fraternidade só poderemos esperar destruições e carências até das necessidades mais elementares.

Saibamos viver em sociedade, no respeito mútuo e visando o bem comum. Aproveitemos, para aprofundar qual o nosso papel na sociedade que vivemos e juntos, construamos a fraternidade e sejamos mais solidários.

Cultivar a fé

Sim, porque a fé é dom de Deus, mas também conquista nossa. Feliz de quem vive com fé e faz dela a companheira de todas as horas, de todos os momentos.

Feliz também quem sabe aproveitar crescer na fé, sondando o coração e a mente e descobrindo o tesouro que anima, consola e justifica a vida. Quanta tristeza, decepção e infelicidade que aos olhos da fé podem se transformar em alegria, vitória e felicidade?!

E nós, temos fé, vivemos como gente de fé, ou nos enganamos num fazer de conta em intermináveis palavras e nem ao menos sentimos aquilo que dizemos?

Ter fé é confiar em Deus e confiar-se a Deus, nos momentos melhores ou piores, é amar sem limites, é querer para o outro o melhor, é sentir o Senhor na pessoa de cada irmão e de cada irmã. Quem tem fé em Deus reconhece a Sua criação e respeita, preserva os sentimentos de fraternidade, pois quer viver como filho(a) amado do Pai. Quem tem fé não tem o direito de fazer acepção de pessoas, pois se acre-





ditamos em Deus respeitamos, amamos e promovemos Seus filhos e filhas.

A fé é sustentação em todas as situações que percebemos nossa fragilidade, mas também é a força que nos impulsiona a fazer o bem, a todos, sem preconceitos.

A fé não é para um momento, mas devemos continuar nos questionando se temos fé e se vivemos como gente que percebe o Deus da Vida em todas as etapas desta travessia.

Diz a Palavra Sagrada (Heb.11,1) “*A fé é a certeza daquilo que ainda se espera...*” Nossa fé em Deus se fundamenta na prática de Jesus, Rei do Universo. Ele nos apresentou o Pai, Ele nos falou do Reino, Ele se entregou por nós, Ele é Nosso REI. Jesus passou fazendo a experiência que fazemos e nos deixou a herança da fé, da esperança e do amor. Ele caminha conosco e quer que pela fé caminhemos sempre com Ele. E o caminhar com Ele significa viver o amor incondicional como Ele viveu e nos convidou a fazer o mesmo:

Agradecemos a Deus o dom da fé e agradecemos a todos que nos ajudam a caminhar crescendo na fé e dando testemunho dela concretamente.

Confiamos em Deus, ou desconfiamos de Deus?

Somos gente de fé?

Então avante que o Senhor garante.

Alegria do encontro

Início de uma nova etapa, propósitos de vida, planos para momentos melhores; tudo isso e muito mais poderemos construir e viver se percebermos a *alegria* do encontro.





Nosso individualismo exacerbado, muitas vezes nos infelicitiza, colocando-nos num isolamento nada interessante, não apenas pelo nosso ser social, mais ainda, porque somos partes de uma grande família e precisamos vivenciá-la nas alegrias e tristezas, nas vitórias e nos fracassos, cuidando de resolver nossos problemas e também dos outros. Não conseguiremos ser felizes em nosso isolamento se percebemos ao entorno irmãos e irmãs com pouco, ou nada para sobreviver, sem motivos de esperança e tristes.

Há pouco, nosso querido papa Francisco em sua primeira exortação apostólica, nos propiciou uma bela e útil reflexão que, certamente, já deve ter ajudado a muitos. Ele fala sobre o anúncio do Evangelho neste mundo “pós-moderno”, globalizado e carente de sabedoria para caminhos verdadeiros.

Parece que vivemos hoje olhando para dentro, olhando ofertas, tentados a comprar, tentados e ter o mais moderno, o último lançamento e chegamos a nos esquecer os encontros que fazemos, as *alegrias* desses momentos e a felicidade que eles contém. Angustiamos-nos buscando a felicidade numa perspectiva quase infinda e deixamos a mesma ao nosso lado, deixando de vivê-la intensamente em cada momento, em cada situação, em cada encontro.

No Evangelho de Jesus temos o maior e mais belo encontro, pois é o Próprio Senhor que nos fala e indica o itinerário para nossa vida, para nossos encontros. É, sem dúvida, nessa direção que devemos caminhar para que o nosso encontro seja *alegre* e feliz. Em cada irmão ou irmã, triste ou *alegre*, podemos ter encontros de *alegria* semeando esperança, confiança, amor, provando que nunca estamos sozinhos e, mesmo que estejamos tristes, nossa tristeza é confiante, pois





somos nutridos pela fé e esperança que não nos deixam ter medo. Em cada encontro que fazemos existem riquezas interiores, mas somos tentados a ver só a pobreza da fragilidade humana e até divulgá-la. Perdemos assim a oportunidade da *alegria* do encontro, deixando que o seu lugar seja preenchido pela tristeza dos descaminhos e ficamos pensando que nada mais vale a pena, recolhendo-nos em nosso isolamento e deixando de usufruir tantos momentos preciosos.

Encontrar o outro deverá ser encontrar o Cristo. Por vezes O encontramos como Servo sofredor no cumprimento da Sua missão, porém também O encontraremos como o Vitorioso Ressuscitado que nos fará mais *alegres* ainda.

Se conseguirmos perceber e viver a *alegria* do encontro em cada situação, certamente, teremos momentos melhores e nossos propósitos, nossos planos serão mais consequentes e felizes.

Tenhamos coragem e vamos ao encontro dos nossos irmãos e irmãs com a certeza que nunca estamos sozinhos. O Senhor caminha conosco.

HOMENAGEM

Não poderia concluir estas mensagens de fé e de paz sem lembrar, com pesar, o passamento do nosso querido confrade *José Manoel Matheus Martinez* que nos deixou uma rastro de bem, de amizade e dignidade.

Sei do registro no necrológio desta revista anual, porém, expresso o sentimento meu e da minha família por essa perda que nos deixou a todos muito tristes.





Na convivência com o amigo só crescemos a admiração e respeito pelo seu comportamento e sinceridade de propósitos que demonstrava a todo momento.

A morte é certeza, mas também é sempre surpresa e fomos surpreendidos dolorosamente.

Pela fé que procuramos conquistar e cuidar, acreditamos que já foi compensado por tantas etapas que viveu com fé, esperança e amor.

Descanse em paz, confrade *Martinez*.







CONCITA WEBER

DEIXEM-ME ENVELHECER

Deixem-me envelhecer sem compromissos e cobranças
Sem a obrigação de parecer jovem e ser bonita para alguém
Quero ao meu lado quem me entenda e me ame como eu sou
Um amor para dividirmos tropeços desta nossa última jornada
Quero envelhecer com dignidade, com sabedoria e esperança
Amar minha vida, agradecer pelos dias que ainda me restam
Eu não quero perder meu tempo precioso com aventuras
Paixões perniciosas que nada acrescentam e nada valem.

Deixem-me envelhecer com sanidade e discernimento
Com a certeza que cumpri meus deveres e minha missão
Quero aproveitar essa paz merecida para descansar e refletir
Ter amigos para compartilharmos experiências, conhecimentos
Quero envelhecer sem temer as rugas e meus cabelos brancos
Sem frustrações, terminar a etapa final desta minha existência
Não quero me deixar levar por aparências e vaidades bobas
Nem me envolver com relações que vão me fazer infeliz.





Deixem-me envelhecer, aceitar a velhice com suas mazelas
Ter a certeza que minha luta não foi em vão: teve um sentido
Quero envelhecer sem temer a morte e ter medo da despedida
Acreditar que a velhice é o retorno de uma viagem, não é o fim
Não quero ser um exemplo, quero dar um sentido ao meu viver
Ter serenidade, um sono tranquilo e andar de cabeça erguida
Fazer somente o que eu gosto, com a sensação de liberdade
Quero saber envelhecer, ser uma velha consciente e feliz.

NÃO DIGA NADA

Abrace-me. Aperte-me contra o seu peito. Não diga nada
Deixe-me sentir seu coração bater e acreditar que ele é meu
Esquecer o mundo lá fora, viver este momento com intensidade
Ter a sensação de ser feliz, de embriagar-me em seu prazer e emoção
Deixe-me sonhar. Acreditar que sou sua mulher e você é meu homem
Que sou tudo para você: o amor de sua vida, seu mundo, sua paixão
Que tudo é verdadeiro, que não existe nada e ninguém entre nós
Mesmo que tudo seja mentira. Um sonho. Uma mera ilusão.

Abrace-me. Aperte-me contra o seu peito. Não diga nada
Escute meu coração rir, minha alma cantar, meu corpo te pedir
Liberte-me dessas amarras e freios, ouse ultrapassar seus limites
Faça deste momento uma eternidade, sem cobranças e compromissos
A felicidade é passageira, é imprevisível, é composta de fragmentos
Que este momento seja nosso e eterno. Que seja único e especial
Engane meu coração, solte suas fantasias, sem medos e receios
Mesmo que tudo seja mentira. Um sonho. Uma mera ilusão.



Abrace-me. Aperte-me contra o seu peito. Não diga nada
Deixe-me dizer loucuras, fazer mil promessas, fugir da realidade
Não deixe nada para depois. Que cada minuto seja presente e futuro
Deixe-me te amar com a ousadia e com o desprendimento dos amantes
Preciso viver um momento como se nunca tivesse existido outro igual
Deixe que seu silêncio se torne cúmplice de meus pedidos e desejos
Finja que me ama como nunca amou ninguém em toda a sua vida
Mesmo que tudo seja mentira. Um sonho. Uma mera ilusão.

SAUDADE DE VOCÊ

Estou com saudade de você...

Uma saudade boa, que ensina e aponta novos horizontes
Que não faz mais sofrer e que revela a outra face do amor
Lembro-me do homem com jeito de menino que me fascinou
De inesquecíveis emoções, de batidas aceleradas de corações
De um sentimento que foi verdadeiro, impossível de esquecer
De momentos bons que não tivemos maturidade de entender
De tudo que nossas diferenças acabaram e o tempo levou.

Estou com saudade de você...

Gosto sentir essa saudade. Ela não machuca e é generosa
Suaviza sua ausência, me acalma e apazigua minha solidão
Faz lembrar experiências que nos fizeram amadurecer juntos
E ter discernimento para entender que nossa relação acabou
Que nossa felicidade era passageira e não chegou para ficar
Que não devemos cultivar ressentimentos, mas ter saudade
Dos momentos bonitos que esse amor nos proporcionou.



Estou com saudade de você...

Essa saudade me faz bem; não me prende e nem me cobra

Eu não quero esquecer você. Nem posso. Seria ingratidão

A nossa relação foi importante para nós. Foi uma lição de vida

Os nossos erros, não devemos considerá-los pontos negativos

Um verdadeiro amor nunca termina com rancor e com intriga

Na verdade, ele não se acaba, mas se transforma em amizade

Outro tipo de felicidade, de querer, de manifestação do amor.

SEU SILÊNCIO

Este seu silêncio tão profundo grita e diz tantas coisas

Magoa-me, humilha-me, fere-me mais que atos e palavras

Esta nossa solidão a dois e sem ter fim é um tormento

Indiferente, fechado nesse mundo egoísta e somente seu

Você destrói nosso amor, nossa amizade e nossas vidas

Esse seu jeito de ser, essa frieza e esse comportamento

Deixam-me indefesa, sem saber o que dizer ou o que fazer

Não tenho mais forças para lutar, defender nosso amor.

Não entendo a razão de tanto descaso e tanta indiferença

Parece que você não percebe minha dor, meu sofrimento

Não me deu nenhuma chance de saber onde foi que eu errei

Onde ficaram as promessas, as juras e declarações de amor

Os lindos momentos vividos com intensidade e com prazer

Não quis acreditar que tudo foi um sonho, uma mera ilusão

Com medo de perder você, ficar sozinha, não suportar a solidão

Fingi ignorar seu desprezo, suas mentiras e sua indiferença.

As falsas esperanças me cegaram.

Uma vida inteira passou





Chega! Estou cansada desta relação e de fugir da realidade
De ferir minha dignidade e ter essa pena de mim mesma
Vamos pôr as cartas na mesa; é bem melhor para nós dois
A nossa relação se desgastou. Não tem mais nada a salvar
Seu silêncio me quebrou, me feriu, matou meus sentimentos
Eu tenho que aprender a ser só, recompor-me, recomeçar
Entender que tudo acabou e que é o fim de um grande amor

Concita Weber é Acadêmica correspondente em Berlim.







ESTANISLAU HENRIQUE DA CUNHA

PROTEÍNAS (UM ENSAIO)

Como já é de conhecimento de todos, existem dois tipos de substâncias químicas encontradas na Natureza. As substâncias inorgânicas e as substâncias orgânicas. As primeiras são aquelas que além de não apresentarem carbono em sua molécula, apresentam uma estrutura molecular bastante simples. São classificados como: ácidos, bases, óxidos e sais; as substâncias orgânicas, entretanto além de apresentarem carbono, possuem uma estrutura molecular muitíssimo complexa em relação às primeiras. Dentre as substâncias orgânicas destacamos: os carboidratos, os lipídios, as proteínas, as vitaminas, as lipoproteínas, os glicolipídios, os fosfolipídios, os ácidos nucleicos, aminoácidos, cetoácidos, dentre outros. Sua variedade é muito grande.

No interior de uma célula são encontrados todos esses compostos, misturados entre si numa aparente desordem e dentre os compostos orgânicos presentes no metabolismo celular, destacamos um tipo em particular, as proteínas. Trata-se de uma substância química classificada como macro-





molécula, pois possui um alto peso molecular; além disso, possui também uma estrutura com um alto grau de complexidade. Todas são formadas por pequenas unidades moleculares chamadas aminoácidos. Cada aminoácido é formado de um carbono alfa ao qual estão ligados: um grupo carboxílico, um grupo amina, o hidrogênio alfa e um radical. Este último é o fator responsável pela especificidade entre os aminoácidos. São vinte os tipos mais comuns de aminoácidos e destes vinte apenas oito são considerados essenciais.

Os aminoácidos ligam-se uns aos outros através de ligações conhecidas por ligações peptídicas, as quais são estabelecidas entre o carbono do grupo carboxílico de um aminoácido e o nitrogênio do grupo amina do aminoácido seguinte que, por sua vez, se liga a um terceiro da mesma forma e assim sucessivamente. Para que isso ocorra, o grupo hidróxido do grupo carboxílico do primeiro aminoácido mais o hidrogênio do grupo amina do segundo unem-se formando uma molécula de água a qual é liberada. Dessa maneira forma-se uma longa cadeia de aminoácidos tendo numa das pontas o aminoácido com o grupo amina e na outra o aminoácido que possui o grupo carboxílico constituindo assim uma enorme molécula, geralmente com mais de cem aminoácidos a qual damos o nome de proteína.

Vimos que existem cerca de vinte aminoácidos que formam a maioria das proteínas, entretanto uma molécula de proteína é formada com apenas os vinte aminoácidos disponíveis. Isto é possível devido ao fato de que os aminoácidos vão se repetindo ao longo da molécula. Contudo essa repetição não é aleatória, mas sim programada, como veremos mais adiante. Para que possamos entender melhor este fun-





damento é necessário fazermos a seguinte analogia. Suponha que nós escrevêssemos um número formado de mais de dez algarismos. Desse modo haverão algarismos que terão de ser obviamente repetidos. Além disso, a sequência dos algarismos em um número é um fator fundamental para a especificidade deste número. Tomemos como exemplo um número bem pequeno formado de apenas três algarismos, digamos o número 247. Se alterarmos a sequência dos algarismos desse número, teremos então vários outros números com propriedades completamente diferentes embora sejam formados dos mesmos algarismos. Teremos então as seguintes combinações: 274, 427, 472, 724, 742. Com a sequência dos aminoácidos ao longo da molécula proteica ocorre a mesma coisa. Uma alteração na ordem dos aminoácidos, teremos então uma proteína totalmente diferente. Agora imagine a quantidade de proteínas diferentes entre si que podem ser formadas numa sequência de cem ou mais aminoácidos alinhados. Daria como resultado um número extremamente grande, de grandeza astronômica. Seria qualquer coisa em torno do número vinte elevado a centésima potência no mínimo. É um número absurdamente grande, bem próximo do inimaginável!

A estrutura espacial de uma molécula de proteína é bastante complexa. Quando se estuda sua estrutura em três dimensões veremos que sua molécula não é formada apenas da ligação entre os aminoácidos, mas ao longo de si apresenta forças periféricas que atuam fazendo com que os aminoácidos na molécula se ajeitem e se mantenham estáveis de tal modo a conferir a todo o conjunto uma leve torção longitudinal.





Há ainda outro fator atuante. É que em determinados pontos da longa fita da molécula de proteína ocorrem dobramentos bruscos mudando desta maneira sua direção espacial completamente. Há casos ainda onde toda esta estrutura sinuosa, tal como se apresenta, se liga a outras moléculas proteicas similares a essa formando assim uma estrutura ainda maior e muito mais complexa. É o caso, por exemplo, da molécula de hemoglobina encontrada nas hemácias.

A molécula de proteína apresenta sua característica própria. Essa característica não é determinada apenas pela sequência dos aminoácidos da sua longa fita, mas também pelos dobramentos bruscos de sua molécula.

Uma molécula de proteína conserva suas propriedades quando estiver a um determinado pH e temperatura ideais, pois possui sensibilidade a mudanças bruscas desses fatores provocando assim sua desativação de maneira irreversível especialmente no tocante ao pH. No caso da temperatura a inatividade será irreversível apenas no caso do aumento brusco de seu valor acima de seu valor ideal, caso contrário, isto é, uma diminuição abaixo do seu valor ideal provoca sua inatividade temporária sem, contudo afetar suas propriedades intrínsecas.

Quando ingerimos uma proteína contida no alimento, esta sofre desativação imediata, isto é, perde todas as suas características, enquanto proteína ativa, ao chegar ao estômago, pois entra em contato com o ácido clorídrico contido no suco gástrico. A partir daí tem início a digestão química das proteínas, pois as enzimas proteolíticas vão atuando até que ao final de todo o processo (já no intestino delgado) são rompidas todas as ligações peptídicas entre os aminoá-





cidos transformando a proteína ingerida num amontoado de aminoácidos independentes, são os aminoácidos que compunham a molécula de proteína original. Uma parte deles é metabolizada pela própria flora intestinal transformando-os dessa maneira em novos sub-produtos. Contudo a grande maioria deles é absorvida pelo organismo chegando até o sangue e é por este meio que vão chegar ao nível das células vivas de todo o organismo nutrindo-as.

Já no interior das células há dois caminhos possíveis para o destino dos aminoácidos: ou entram no processo de produção de novas proteínas através de um processo conhecido por tradução ou são catabolizados individualmente através de uma longa cadeia de reações criando dessa forma a perspectiva de formação de novos compostos que atenderão as necessidades do metabolismo.

No primeiro caso os aminoácidos serão recodificados segundo um código genético específico cujo objetivo é a formação de novas proteínas adequadas ao nosso próprio organismo. Aqui vão alguns exemplos de proteínas codificadas: tropomiosina, miosina, actina, certos tipos de hormônios, enzimas, albuminas, globulinas, osseína, caseína, dentre uma infinidade de outras. No segundo caso os aminoácidos são catabolizados individualmente seguindo assim rotas metabólicas específicas. O objetivo final é a formação de produtos os quais poderão suprir a todas as nossas necessidades como: melanina, adrenalina, norepinefrina, tri-iodo-tironina, tiroxina, histamina, acetoacetil coenzima A, serotonina, tirosina, cisteína, ácido acetoacético, dentre outros.

Cada composto produzido tem seu papel distinto no organismo. Daí a necessidade de se ter refeições completas





regularmente a fim de que sejam repostos todos os componentes nutricionais.

Cada tipo de proteína ingerida numa refeição possui “via de regra” seu correspondente no nosso organismo e inclusive com as mesmas propriedades. Entretanto o fato é que embora sejam formadas dos mesmos aminoácidos, são compostos bem diferentes, ainda que exerçam funções correspondentes. O grande fato que é o grande diferencial é a sequência dos aminoácidos em suas moléculas. Isso sem dúvida caracteriza o fato de que cada ser vivo possui sua própria identidade genética a qual é transcrita em suas proteínas através do seu DNA. Consideremos uma molécula de certo tipo de proteína encontrada na carne de ave ou qualquer outro tipo de alimento. Ao ser ingerida esta precisa ser quimicamente “desmantelada” pelos processos digestivos até que seus aminoácidos sejam finalmente liberados para em seguida serem absorvidos. Não há, via de regra, outra maneira natural para se obter os aminoácidos a partir de uma proteína ingerida. Dessa forma estes mesmos aminoácidos, ao entrarem em nossas células, formarão uma nova proteína com uma sequência diferente, pois atenderão agora as exigências impostas segundo o nosso código genético formando assim uma nova proteína adequada ao nosso organismo. Em outras palavras, os aminoácidos são basicamente os mesmos, o que muda nos tipos diferentes de proteínas é a sequência dos seus aminoácidos e com isso sua torção longitudinal e seus dobramentos bruscos. Não podemos afirmar ao certo qual o número de aminoácidos que forma uma proteína; lembrando sempre que o número de aminoácidos nos vários tipos de proteínas é em torno de cem.





O processo de formação de uma proteína é bastante engenhoso. Ocorre à nível dos ribossomos com a participação de dois tipos de moléculas de RNA: o RNA mensageiro e o RNA transportador. O primeiro, bem mais pesado que o segundo posiciona-se nos ribossomos, encontrados no hialoplasma ou presos sobre a superfície da membrana do retículo endoplasmático rugoso, expondo suas bases nitrogenadas; o segundo, por sua vez, é encontrado livre no hialoplasma tendo a incumbência de “captar” os aminoácidos específicos livres e trazê-los até o RNA mensageiro segundo um código genético que é determinado pela sequência das bases nitrogenadas deste. Dessa forma teremos ao final do processo uma nova proteína específica, pois a sequência dos seus aminoácidos obedecem a sequência de bases nitrogenadas do RNA mensageiro encontrado nos ribossomos. Drogas químicas e radiações de pequeno comprimento de onda podem afetar o processo, pois interferem nas bases nitrogenadas dos ácidos nucleicos trazendo como resultado a formação de uma proteína mutante, com características bem diferentes de como deveria ser caso não houvesse tais interferências. Tais proteínas podem trazer, como resultado, sérias consequências. Contudo é conveniente que se frise que há a probabilidade do aparecimento de uma proteína mutante devido a uma falha natural como, por exemplo, uma inversão na ordem das bases nitrogenadas dos ácidos nucleicos durante a replicação ou mesmo da transcrição sem que haja qualquer interferência alheia ao processo natural; algo em torno de 1/1000000.







GIL CAMPOS DE FARIAS

“SEO” MANUEL, SAULO E O ALCORÃO SAGRADO

Tudo começou no bar do português Manuel, no Jardim Tremembé, na zona norte da capital. O assíduo cliente e leitor voraz, Saulo, discutia o Islamismo. Nunca me aprofundi no assunto. Acompanho o tema envolvendo o Islamismo pela TV ou jornais, como o caso da morte do piloto jordano Muath al-Kaseasbeh, queimado vivo esta semana pela facção radical Estado Islâmico (EI). Aliás, algumas das mortes divulgadas recentemente pelo EI, com métodos cruéis de selvageria e barbárie, encontram eco no Alcorão, o livro sagrado do Islã, e em outros textos que formam a tradição islâmica.

Dias atrás, Saulo me presenteou com o Alcorão Sagrado e, esta semana, deixou nas mãos de “seo” Manuel para me entregar o livreto número 2 da série de perguntas e respostas com o título *Jesus Cristo segundo o Alcorão Sagrado*, elaborado por Assayed Charif Sayed al-Ámily (primeira edição, 2007, 82 páginas e 15 Suratas, ou capítulos).





Vários pontos da publicação me chamaram atenção. Como o que assegura que Jesus é um dos cinco profetas denominados “resolutos”, ou seja, aqueles que são considerados “os primeiros profetas a terem uma acentuada determinação no propósito”. Quer dizer, eles ocupam a mais alta posição dentre os demais profetas.

Além de Jesus, ainda teríamos Noé, Abraão, Moisés e Muhammad; este último, enviado ao mundo 600 anos depois da morte de Jesus com a mesma mensagem: “Vosso Deus é Um só. Não há mais divindade além d’Ele” (Alcorão Sagrado, 2:163).

O Alcorão deixa claro que o muçulmano não pode ter nenhum preconceito religioso contra o que é sagrado nas outras religiões. “É possível que o muçulmano possa divergir com alguém de seu convívio (...) no entanto, este muçulmano não pode, absolutamente, difamar o que é sagrado nas religiões deles” [de outras pessoas], escreveu Assayed Charif. Na realidade, ao que parece, a situação é outra, principalmente quando analisamos os conflitos religiosos e “guerras santas” patrocinadas por grupos como o EI.

Também me chamou a atenção o fato de o Alcorão não aceitar que Jesus seja filho de Deus, pois, se assim fosse, Ele (Deus) teria que ter uma esposa, o que nunca aconteceu, e um filho é gerado de um pai e de uma mãe – assim é a explicação.

O Alcorão também não aceita a crucificação. Aliás, rejeita que Jesus tenha sido morto na cruz. É assim: aceita-se que houve a crucificação, “mas a vítima foi outra pessoa e não o Messias”. Diz o livro sagrado: “E por dizerem: Matamos o Messias, Jesus, filho de Maria, o mensageiro de Deus, embora não sendo, na realidade, certo que o mataram, nem o cruci-





ficaram, mas o confundiram com outro” (4:157-158). Ou seja, para os cristãos, o tema é complexo e explosivo, mas precisa ser respeitado. E, mais ainda: o boteco do “seo” Manuel também é cultura.

(Publicado no Jornal Estação, em 6 de fevereiro de 2015)

O LOUCO GENIAL NIETZSCHE E CAROL

Quando Carol descobriu que juntando algumas letrinhas se formava uma palavra, ela passou a frequentar a minha prateleira de livro, onde passava longos minutos, de pé, olhando fixamente para os livros perfilados e observando seus títulos. Ora a cabeça pendia para um lado e outro, ora dava centímetros passos laterais. Claro que na altura que sua visão permitia. Mas havia um ponto naquela prateleira que ela fixava continuamente, franzia a testa e balbuciava algo que eu não compreendia. Também confesso que nunca tive a curiosidade de perguntar algo, ao menos para ajudá-la.

Os anos se passaram e Carol se tornou uma leitora voraz. E, diante da mesma biblioteca, dias atrás, ela fez um comentário: “papai, quando era criança, eu adorava ler os títulos dos seus livros, mas tinha um que eu não conseguia pronunciar. Era aquele...”, e me apontou a obra *Nietzsche – Biografia de uma tragédia* (Geração Editorial, 1ª edição, setembro de 2001, 363 páginas), do escritor Rüdiger Safranski.

Uma década depois é que descobri que aquela apaixonada pela literatura, por Raulzito e pelos os Beatles, ficava tentando juntar as letrinhas para pronunciar a palavra Nietzs-





che. E esta semana, passei a reler a biografia deste gênio louco nascido na Prússia, em 15 de outubro de 1844, e que terminou seus dias numa camisa de força, “até que seu cérebro se apagou, e ele morreu apático, no dia 25 de agosto de 1900”.

Nietzsche foi um homem único na sua época. Dizia que queria tornar-se autor da sua própria vida, através de seu pensamento. No dia 29 de julho de 1888, ele escreveu a um amigo: “Absolutamente não é preciso, nem ao menos desejado, tomar partido em meu favor: ao contrário, uma dose de curiosidade, como diante de uma excrescência estranha, com uma resistência irônica, me pareceria uma postura incomparavelmente mais inteligente”.

Amado com a mesma intensidade com que era odiado, este magnífico filósofo deixou uma riqueza para muitas gerações: seu modo de pensar. Aliás, seu pensamento é existencial porque se trata da conformação de sua própria vida. É também experimental, já que “põe à prova todo conhecimento e tradição moral”. Ele foi muito mais que isso: foi provocador.

Conhecer a vida de Nietzsche (e uma das oportunidades para isso está na obra de Rüdiger Safranski) é conhecer a mediocridade que invadiu e procriou na sociedade humana até os dias de hoje. Ele era uma usina de produção de interpretações. O próprio autor diz que “com o pensamento de Nietzsche não chegamos a parte alguma, não há resultante, não há resultado. Nele existe apenas a vontade da interminável aventura do pensar”, e essa vontade brilhou nos seus olhos até o último suspiro.

O amigo August Homeffer o visitou, o encontrando já doente e totalmente enlouquecido, e constatou esse fascínio. “(...) os minutos em que estivemos em sua presença são das





mais preciosas recordações de nossa vida (...) Apesar de ter os olhos baços e as feições abatidas, apesar do pobre estar deitado ali com os membros torcidos, mais desamparado do que uma criança, a sua personalidade emanava um fascínio, e revelava-se uma majestade em sua figura que nunca mais senti em nenhuma pessoa”.

E, com certeza, quem conhecer a obra deste gênio, também não será a mesma pessoa.

(Publicado no Jornal Estação, em 8 de maio de 2015)

A LITERATURA DO HORROR

O país já produziu milhares de obras retratando o período mais negro de sua história, aquele em que os militares deram um golpe, assumiram o poder e passaram a perseguir, prender, torturar, matar e desaparecer com os brasileiros que lutavam pela democracia. Na adolescência, precisamente no ano de 1987, li *Brasil Nunca Mais – Um relato para a história* (Editora Vozes, 1985, 4ª edição, 312 páginas), presente de um companheiro de militância da juventude do Partido Comunista do Brasil (PC do B).

No prefácio, D. Paulo Evaristo escreveu: “Lembrei-me então da advertência de um general, aliás contrário a toda tortura: quem uma vez pratica a ação se transtorna diante do efeito da desmoralização infligida. Quem repete a tortura quatro ou mais vezes se bestializa, sente prazer físico e psíquico tamanho que é capaz de torturar até as pessoas mais delicadas da própria família!” (página 13).





E a partir daquela época, conheci vários personagens e suas histórias nos porões da ditadura, “experimentando” os choques elétricos, o “afogamento”, a “cadeira do dragão” e o “pau de arara”, métodos utilizados pelos militares e seus cupinchas.

E a cada livro que passei a devorar sobre o militarismo, e a cada relato que ouvia das pessoas que conheceram a mão de ferro das Forças Armadas e do seu comando, ficava mais claro que o que aconteceu no Brasil foi algo muito mais grave do que “violações de direitos humanos”, como apontou esta semana o relatório final da Comissão Nacional da Verdade (CNV), instalada há dois anos e sete meses para investigar os crimes cometidos pelo Estado.

O que aconteceu de fato foi tortura institucionalizada, cujos métodos ainda persistem até os dias de hoje nas delegacias e quartéis espalhados pelo país. O governo via a tortura como um método científico de investigação e fez dela uma rotina nos porões para onde muitos brasileiros derramaram seu sangue ou, simplesmente, sumiram.

Há quem considere o relatório final da CNV um dos grandes atos do nosso período democrático ou mais uma ferramenta que poderá fazer com que nossa história seja passada a limpo de uma vez por todas. Pode até ser, mas também é um documento frustrante e ameno. Para ter certeza disso, basta procurar nas bibliotecas ou livrarias da cidade a literatura do horror e conhecer as atrocidades cometidas sob a anuência de um governo carrasco e de generais covardes que comandavam o país no período.

(Publicado no Jornal Estação, em 12 de dezembro de 2014)





LAMPIÃO ERA GAY? VIVA A LIBERDADE!

O famoso e mais temido cangaceiro do Nordeste era gay? Bem, isso é uma incógnita, mas que ele tinha um lado acen-tuadamente feminino, isso garante o juiz aposentado Pedro de Moraes, no seu livro *Lampião – o mata sete*. Moraes vai mais longe e conta que Maria Bonita, a companheira de Vir-gulino Ferreira (nome de Lampião) tinha relacionamentos amorosos com outros homens do cangaço.

A família da figura popular da cultura nordestina entrou com um processo porque se sentiu ofendida com a insinua-ção de que Lampião era homossexual e que Maria Bonita era adúltera. A obra, escrita entre 1991 e 1997, foi proibida pela Justiça, até que no ano passado, após intensa batalha judicial, *Lampião – o mata sete* foi liberado para comercialização.

As batalhas judiciais promovidas por familiares de bio-grafados mortos ou pelos próprios biografados, como Ro-berito Carlos e o lutador Anderson Silva, acabaram no país nesta quarta-feira, dia 10. Aliás, uma data histórica para mais um ato, este do Supremo Tribunal Federal (STF), que conso-lida a democracia brasileira.

Por 9 a 0, os ministros derrubaram a censura prévia a biografias no país que, durante anos, cerceou a produção in-telectual brasileira, levou escritores aos tribunais e tolheu a liberdade de expressão e de manifestação. A decisão da Corte nos dá a certeza que ainda teremos um país forte democra-ticamente, uma vez que a democracia não surgiu de forma automática com o fim da ditadura militar e a abertura po-lítica brasileira, na década de 1980. A democracia vai sendo construída, tijolo por tijolo, e um foi assentado esta semana.





Os ministros que votaram pela liberação das biografias não autorizadas foram Carmem Lúcia, Luís Roberto Barroso, Rosa Weber, Luiz Fux, Dias Toffoli, Gilmar Mendes, Marco Aurélio Melo, Celso de Medo e Ricardo Lewandowski; Teori Zavascki não estava presente.

A relatora do caso, Carmem Lúcia, considerou que “o direito a ampla liberdade de expressão não pode ser suprimido pelo direito das pessoas públicas à privacidade”. E, ao declarar o seu voto, que confirmou a derrota da censura, a ministra foi enfática: “Censura é uma forma de cala boca. Pior, de calar a Constituição. O que não me parece constitucionalmente admissível é o esquitejamento da liberdade de todos em detrimento da liberdade de um. Cala a boca já morreu, é a Constituição do Brasil que garante”.

Agora chegou o momento de festejarmos a liberdade de expressão abrindo nossas gavetas e tirando de dentro delas, os vários projetos biográficos guardados há anos sob o temor dos ditadores covardes que ainda insistem em ter vez e voz no nosso Brasil. As biografias são a eternização de nossa memória, seja ela política, esportiva, musical, religiosa, cultural, literária, jornalística etc. Elas ajudam a contar a história do país. E, a partir de agora, continuarão fazendo isso sem medo.

E sobre Lampião? Ele era ou não homossexual? A biografia escrita por Pedro de Moraes poderá esclarecer esse detalhe.

E viva a liberdade!

(Publicado no Jornal Estação, em 12 de junho de 2015)



O LIVRO VERMELHO, DE MAO TSÉ-TUNG

No final da década de 1980, na riquíssima militância intelectual, cultural e de luta do Partido Comunista do Brasil (PC do B), em Campina Grande, no agreste da Paraíba, havia um livro na biblioteca do partido que era considerado deveras proibido. Sair com aquele livro pelas ruas nem pensar! Levá-lo para casa teria que ser articulada uma verdadeira “operação de subversão”, com esconderijos ultra-secretos e nada de abrir o bico sobre a obra nem para a própria mãe, sob o risco de envolver toda a família em caso de uma suposta descoberta pelas forças repressoras do estado. Era este o clima que vivíamos.

E assim fui com aquele livro “proibido” para casa. A obra chamada *O Livro Vermelho – Mao Tsé-Tung* (Global Editora, 1972, 339 páginas) trazia uma estrela amarela perdida na vermelhidão da capa.

A primeira coisa que fiz foi procurar um local para escondê-la. O livro passou um período no compartimento do fogão, abaixo do forno, que achava não servir para nada; depois mudou-se para cima do telhado, sob a proteção de algumas telhas e vários sacos plásticos. Esse novo esconderijo rendeu-lhe algumas manchas desbotadas em suas páginas.

Mas o que continha naquele livro? Na verdade, trata-se de uma coletânea de citações do líder comunista Mao Tsé-tung e que foi organizado por Lin Piao, seu ministro da Defesa. Traz opiniões do dirigente sobre cultura, religião, proletariado, Exército Popular, os jovens e a luta de classes, como “Devemos apoiar tudo o que o inimigo combate, e combater tudo o que o inimigo apoia (página 17)”.



Na sua primeira lição, e isso fazia tremer na época as estruturas do militarismo, *O Livro Vermelho* deixava claro que “para fazermos a revolução, necessitamos dum partido revolucionário. Sem um partido revolucionário, sem um partido fundado na teoria revolucionária marxista-leninista, é impossível dirigir a classe operária e as grandes massas do povo à vitória sobre o imperialismo e seus lacaios”.

Deixa também uma lição sobre as armas, aliás, a minha lição preferida: “As armas são um factor importante na guerra, mas não são o factor decisivo. É o homem, e não as coisas, quem constituiu o factor decisivo”.

Mao foi um dos principais teóricos da guerra popular revolucionária e seu livro, uma das obras mais lidas do mundo, virou uma espécie de bíblia da juventude chinesa nas décadas de 60 e 70 e foi peça-chave de um dos momentos de maior fervor e fanatismo revolucionário do século 20, a chamada Revolução Cultural. *O Livro Vermelho* continua mais atualizado que nunca. Viva a revolução!

(Publicado no Jornal Estação, em 15 de maio de 2015)

O “SEGREDO”

A expectativa que tomou conta dos historiadores, pesquisadores e literatos nos últimos dias, finalmente chegou ao fim nesta quinta-feira quando a Casa de Rui Barbosa liberou o acesso à única carta de Mário de Andrade que, pertencente ao acervo de Manuel Bandeira na instituição desde 1978, ainda não tinha sido aberta a pesquisadores.

A carta só veio à tona por determinação da Controladoria-Geral da União, atendendo a pedido, via Lei de Aces-





so à Informação, do jornalista Marcelo Bortoloti, da revista *Época*, em fevereiro. Nela, Mário de Andrade, nascido em São Paulo em 1893 e morto em 1945, comenta sua “tão falada (pelos outros) homossexualidade”. Andrade foi responsável pela Semana de Arte Moderna, de 1922, ao lado de Anita Malfatti e Oswald de Andrade. Entre suas riquíssimas obras está *Paulicéia Desvairada* (1922).

A divulgação do teor da carta é histórico, por isso vale conhecer trecho considerado pela família do escritor “tão perturbador”:

“Mas em que podia ajuntar em grandeza ou melhoria para nós ambos, para você, ou para mim, comentarmos e eu elucidar você sobre minha tão falada (pelos outros) homossexualidade. Em nada. Valia de alguma coisa eu mostrar um muito de exagero que há nessas contínuas conversas sociais não adiantava nada pra você que não é indivíduo de intrigas sociais.

Pra você me defender dos outros, não adiantava nada pra mim, porque em toda a vida tem duas vidas, a social e a particular, na particular isso só me interessa a mim e na social você não conseguia evitar a socialização absolutamente desprezível de uma verdade inicial.

Quanto a mim pessoalmente, num caso tão decisivo para a minha vida particular como isso é, creio que você está seguro que um indivíduo estudioso e observador como eu, ha-de estar bem inteirado do assunto, ha-de tê-lo bem catalogado e especificado. Ha-de ter tudo normalizado em si, si é que posso me servir de “normalizar” neste caso. Tanto mais Manu, que o ridículo dos socializadores da minha vida particular é enorme. Note as incongruências e contradições em que caem: o caso de “Maria” não é típico. Me dão todos





os vícios que por ignorância ou interesse de intriga são por eles considerados ridículos e no entanto assim que fiz de uma realidade penosa a “Maria”, não teve nenhum que caçoasse falando que aquilo era idealização para desencaminhar os que me acreditam nem sei o quê, mas todos falaram que era fulana de tal. Mas si agora toco neste assunto em que me porto com absoluta e elegante discrição social, tão absoluta que sou incapaz de convidar um companheiro daqui a sair sozinho comigo na rua (veja como tenho minha vida mais regulada que máquina de precisão) e se saio com alguém é porque esse alguém me convida. Si toco no assunto, é porque se poderia tirar dele um argumento para explicar minhas amizades platônicas, só minhas.

Ah, Manu, disso só eu mesmo posso falar. E me deixe que ao menos para você, com quem apesar das delicadezas da nossa amizade, sou de uma sinceridade absoluta, me deixe afirmar que não tenho nenhum sequestro não. Os sequestros num caso como este, onde o físico que é burro e nunca se esconde entra em linha de conta como argumento decisivo, os sequestros são impossíveis. Eis aí os pensamentos jogados no papel sem conclusão nem consequência. faça deles o que quiser.”

(Publicado no Jornal Estação, em 19 de junho de 2015)



DESTÁ, SEU CABRA DANADO DE ARRETADO

Dias atrás, uma palavra, uma só palavrinha de cinco letras e duas sílabas me desmoronou. Vou explicar o porquê. Desde que sai de Campina Grande, na Paraíba, em 1997, em um “exílio” forçado por conta de denúncias que fiz contra policiais quando atuava como repórter investigativo, prezo por manter o meu sotaque, minha maior identidade. É claro que, com o passar dos anos e convivendo com outra regionalidade, novas palavras e alguns sotaques passaram a fazer parte do meu vocabulário. Algumas expressões do “nordestinês” caíram no esquecimento por conta do que eu já expliquei.

Mas me peguei ouvindo um forró danado de bom, de um cabra arretado chamado Dorgival Dantas. O forró Destá (a mesma coisa de “deixe estar”) triscou na minha alma nordestina, lascando meu coração em cruz. Foi uma cipoadade lascando o cano do baxim chamado saudade. Naquela hora deu vontade de tomar uma lapada de cachaça com uns pedacinhos de galinha de capoeira na graxa.

E resolvi ainda mais fortalecer a minha maior identidade que é o meu sotaque. Há estudiosos que dizem que sotaque é o mesmo que dialeto; outros não. A verdade trata-se de uma variante da língua portuguesa mais usada nos estados nordestinos, sendo o dialeto com o maior número de falantes da região, com mais de 53 milhões.

O jornalista Fred Navarro, nordestino que deixou sua terra não sei porquê bixiga, lançou em 2004 o *Dicionário do Nordeste* (editora Estação Liberdade, 399 páginas) com mais de 5 mil palavras. Um trabalho riquíssimo que nos dá oportunidade de conhecer melhor o dialeto que falamos no Nor-



deste. Ele só é possível pelo fato de a língua, como qualquer uma outra, ser heterogênea, conforme já explicou a professora da PUC-SP, Dieli Vesaro Palma. “O dialeto trata-se da variação geográfica, regional, de uma língua nacional”.

Lembro que, quando cheguei por estas bandas, alguns amigos perguntavam o que danado eu estava falando, e pediam um dicionário. Pena que eu não conhecia o trabalho de Navarro!

Tenho acompanhado, com um nó na goela, a determinação de algumas emissoras de TV para que seus âncoras tenham uma só expressão de linguagem. Ou seja, o apresentador de um telejornal do Maranhão, por exemplo, não poderá comentar algum noticiário usando algumas expressões de linguagem característicos da região. Considero isso um crime, pois isso tira a mais autêntica identificação de um povo. Acho que não devemos dar cabimento a isso.

Não devemos ter vergonha das nossas expressões populares; pelo contrário, vamos fortalecê-las. Quem falar ao contrário, respeito, mas comigo é motivo de arenga e me causa um aperreio de lasciar a taba do queixo.

O Brasil é rico, principalmente por conta de sua diversidade cultural, seus sotaques ou dialetos, como queiram chamar. E, quanto a Dorgival Dantas, destá, pra esse cabra não tem pareia.

(Publicado no Jornal Estação, em 20 de março de 2015)



O DIÁRIO DE CHE GUEVARA NA BOLÍVIA

Na década de 1990, fui à residência do então deputado federal Antonio Vital do Rêgo, em Campina Grande, na Paraíba, para uma entrevista. Já o conhecia desde a infância, pois meus avós foram seus vizinhos. Depois do bate-papo formal sobre política (na época ele presidia a CPI do Crime Organizado, no Congresso Nacional), entramos no informal, que continuou tendo a política como tema central.

Falamos sobre a ditadura militar, os movimentos estudantis da época e chegamos ao guerrilheiro Che Guevara. “Dr. Vital”, dentro do seu impecável terno negro (aliás, ele passou décadas se vestindo de preto, desde a morte do pai), foi à biblioteca e retornou com um livro em mãos, com o qual fui presenteado.

Esta semana lembrei-me desta cena ao ler que fotos inéditas de Che Guevara morto haviam sido reveladas, décadas depois, pelo sobrinho do missionário espanhol Luís Cuartero, que estava em Vallegrande, na Bolívia, no dia 10 de outubro de 1967, para o corpo do guerrilheiro foi levado de helicóptero depois de ter sido fuzilado no vilarejo de La Higuera.

Ao vasculhar meus livros, encontrei o presente. Trata-se de *Che Guevara na Bolívia – Diário*, publicado em 1968 pela Edições Correio da Manhã, com tradução de Álvaro Cabral (204 páginas). O livro traz a rubrica do ex-deputado com o escrito: “Brasília, Aeroporto, 29/11/68”.

Che tinha o costume de anotar cuidadosamente num diário pessoal as suas observações do dia a dia. Depois de caminhar por quilômetros entre matas e rincões, o guerrilheiro era visto, nos rápidos momentos de descanso, “tirar do bolso



um pequeno livreto e, com letra miúda e quase ilegível de médico, redigir suas notas”.

O Diário (livro), hoje em minhas mãos, tem a apresentação do El comandante Fidel Castro. “A forma pela qual chegou às nossas mãos este Diário não pode ser divulgada agora; basta dizer que foi sem remuneração econômica alguma. Contém todas as notas que escreveu de 7 de novembro de 1966, dia em que Che chegou a Nhancahuasu, até 7 de outubro de 1967, véspera do combate da quebrada do Yuro”, escreveu Fidel.

Che Guevara na Bolívia – Diário merece uma releitura, com uma visão diferente daquela com a qual o li pela primeira vez. Mas as anotações que Che deixou mostram o quanto ele era um homem que pensava tão somente na libertação de um povo (o da América Latina) que amargou durante décadas e décadas a força do militarismo. Ele deu a sua própria vida pela libertação de povos que sequer conhecia, mas sabia dos seus sofrimentos. Talvez seja por isso que, hoje, seus admiradores sejam tão atacados pela direita conservadora e ultra-reacionária que insiste em retornar ao poder, principalmente por aqui.

(Publicado no Jornal Estação, em 21 de novembro de 2014)

A DONA DOS DOIS CUSCUZ

Nem todo Severino é “Biu”, como garante o dito popular. Prova maior disso é Severino Andrade da Silva, conhecido no mundo da poesia popular e do cordel como “Zé da Luz”, nascido em março de 1904, em Itabaiana, interior paraibano.





Na época, a cidade era o epicentro da Paraíba com sua movimentada estrada de ferro. E foi ali que Zé da Luz, na infância, teve contato com a literatura trazida pelos viajantes.

Conheci a obra de Zé da Luz no início da adolescência, em Campina Grande (onde também morou nosso poeta popular); precisamente no cabaré da feira central, onde havia uma quenga conhecida por Zefa Cega, que não tinha a mão e nem o braço, somente o antebraço. Naquela época, os adolescentes iam para o forró no cabaré, aos sábados, dançar só com Zefa. Isso porque, como só tinha o antebraço, a solução era segurar o seu seio direito para curtir o “rala-bucho”, e imaginar mil besteiras.

Ouvia os violeiros recitando os poemas de Zé da Luz. Ficava vislumbrado com a profundidade da poesia popular deste conterrâneo. Ele escrevia do jeito que o povo falava, com seu mais verdadeiro dialeto, que considero ser a maior identidade cultural de um povo.

E havia um poema, em especial, que mais deixava meus ouvidos atentos. Chamava-se “As Flô de Puxinanã”. Na verdade, tratava-se – descobri isso muito tempo depois – de uma paródia de “As Flô de Gerematáia”, de Napoleão Menezes

Puxinanã, para quem não sabe, é uma cidade onde meu avô Beltrando tinha um sítio onde eu costumava passar os finais de semana com a família, correndo entre as roças de feijão e subindo nos cajueiros sempre acompanhado do meu primo José Lavaneri, o “Nerinho”.

O poema fala de três irmãs que moravam na cidade. E que diz o seguinte: “Três muié ou três irmã, três cachorra da mulesta, eu vi num dia de festa, no lugar Puxinanã/A mais véia, a mais ribusta era mermo uma tentação! Mimososa flô do





sertão que o povo chamava Ogusta/A segunda, a Guiléimina, tinha uns ói qui ô mardição! Matava quarqué cristão os oiá déssa minina/Os ói dela paricia duas istrêla tremendo, se apagando e se acendendo em noite de ventania/A tercêra, era Maroca, com um cóipo muito má feito. Mas porém, tinha nos peito dois cuscús de mandioca/Dois cuscús, qui, prú capricho, quando ela passou pru eu, minhas venta se acendeu cum o chêro vindo dos bicho/Eu inté, me atrapaiava, sem sabê das três irmã qui ei vi im Puxinanã, qual era a qui mi agradava/Inscuiendo a minha cruz prá sair desse imbaração, desejei, morrê nos braços, da dona dos dois cuscús!”

E, assim, durante parte da minha meninice, até mesmo na adolescência, quando eu ia a Puxinanã, tinha esperança de sentir aquele perfume da dona dos dois cuscuz, e que eu nunca encontrei. Aliás, Zé da Luz morreu em fevereiro de 1965, no Rio de Janeiro, levado pela tuberculose, mas deixou para a cultura popular um rico acervo de poesia tão cantada e admirada pelo povo nordestino.

(Publicado no Jornal Estação, em 26 de junho de 2015)





ISABEL BORAZANIAN

EXISTE

Existe
uma conversa muda
que só o coração escuta
Existe
Uma comunhão dos sentimentos
que só a alma percebe
Existe
uma intensidade no querer
que só o viver revela
Existe
uma valorização da vida
que só a dor alicerça
Existe...

Ao povo armênio e seus descendentes





BRINCADEIRA

Vozes soltas
ciranda cantada
Alegria
semente espalhada
Brincadeira de roda
Folia
Brincadeira de roda
Magia
Roda, roda, roda
as mãos abraçadas
Vão formando
ciranda rodada
Brincadeira de roda
é magia
Brincadeira de roda
é poesia
Roda e canto
A ciranda é formada
Canto e roda
Brincadeira encantada

ILUSÃO

Na rua foi posta a resposta
os passarinhos eufóricos
desafiando o acostumado





fantasiaram-se
jogaram serpentinas nos galhos
cantaram em forma de protesto
e acreditaram que era carnaval

HOMEM-SUPER

Era forte a sua indiferença
diante dos gestos brutais
que a vida continha
Era longa a estrada dos instantes
que presenciavam o momento
A incoerência da vida
diante das suas ideologias
raspava sua reputação
arranhava sua estrutura
descascava seu interior
que girava, girava
na mais pura rotação de transformação
E ele não era o super homem
era sim, um HOMEM SUPER atento
aos detalhes todos da vida





JOGO

Jogo intermitente
insistente
valores pendentes
escadas do ego
real ilusão

Jogo incoerente
inconsequente
valores ardentes
estradas dispersas
falseiam a ação

Jogo imprudente
indecente
ganância crescente
resultado doente
assola a nação

SONHOS

Turbilhão de sonhos
entremeados aos desejos acesos
Sonhos acesos, combustível da alma
Entremeados aos sonhos
as ações são os alicerces
que conduzem nossos desejos





que precisam permanecer acesos
pra realidades se tornarem
E quando a soma dos afetos
coincide com a soma da razão
os sonhos se tornam concretos
e viram combustíveis para outros desejos
outros desejos acesos que habitam o coração

OLHARES

Luares serenos
serenos olhares
olhares segundos
segundos profundos
Profundos momentos
momentos luars
luars olhares
olhares profundos
profundos serenos
serenos seremos
seremos serenos
serenos, serenos...
seremos, seremos...
olhares, olhares...





LEMBRANÇAS

Momentos de tempos serenos
onde nós passamos
passamos, passarinhos, passaredos...
Memórias que não se esquece
Lembranças que nos aquecem
Tempos passados, idos
Momentos mágicos, vividos
Infância de todos vocês

Ah! O tempo foi breve
e a infância passou
e nós passamos, passarinhos, passaredos...
O que nos envolve e nos entenece
são as lembranças do tempo bom que ela deixou

Lindos momentos de brincadeiras
risadas, folias, histórias, músicas
argila, papéis, tinta escorrida
Momentos de encantamento
e soberba lucidez

Ah! O tempo passou tão depressa
Eu continuo amando imensamente vocês
e continuamos, passando, passarinhos, passaredos...





INSTANTES

O sabor do vento
invade o aposento
vivo o instante
que desperta o recordar

No compasso do tempo
que rege meu coração
vou vivendo o instante
abraçada com a emoção

CENA

Uma cena, acena
Olhares perdidos
medo do perigo
a boca que seca
o estômago que dói

Uma cena, acena
Emoções diversas
atitudes desconexas
buscas constantes
incertos instantes







JACQUES MIRANDA DE OLIVEIRA

E AI SUMIDO?

Dia desses esbarrei com um colega de escola que há muito não via e ele foi logo dizendo: “E aí sumido?”. Já havia ficado sem ação com algumas pessoas que falam desta forma. Acho estranho dizer isso a alguém. Incomoda!

Eles perguntavam para mim e respondia “eu não sumi não” e emendava “você é quem sumiu”. A pessoa ainda insistia, “nunca mais te vi, você sempre estava no lugar tal”. Que raiva!

Pra ser sincero, eu nunca gostei desse papo de “tá sumido”. Tem épocas em que “não estamos para ninguém”, e pronto! É algo como dizer: “tá bom, eu sumi, e daí?” Parece que a vontade de dizer, materializou-se. Perdi a educação... Foi uma conjugação de coisas, pois eu não estava naqueles melhores dias e emendei um carrossel de verborragias que deixou o cara – aquele antigo colega de escola – meio torto:

– E aí sumido? Tá sumido porque? – disse o colega.

– Sumido, eu? Porque? Você acha que eu deveria aparecer para você na hora que tu quisesse? Sentiu minha falta,





porque não me procurou? Você está insinuando que eu estava me escondendo de você? Quem ouviu você falar “sumido”, dá a entender que lhe devo alguma coisa? Te devo? Responde! Pois é, você tem que tomar cuidado com o que fala e ser um pouco responsável, coisa que parece que você não é. E você, estava por onde que não me viu? Eu vi muita gente neste meio tempo. Aliás, nem me lembro da última vez que te vi, de tão insignificante foi o nosso encontro...

Este “meu amigo” ficou meio cismado, sem graça e disse rapidamente já me cortando:

– Tá bom, desculpa, brincadeira, é maneira de falar somente. Tudo bem.

Enfim, olhamos um para a cara do outro e aí eu perguntei para ele:

– E você, por onde andou?

A VIDA É UM RASCUNHO

Venho meditando profundamente nas ações do meu cotidiano. Na verdade, tenho tido devaneios dentro daquilo que convencionei chamar de meu mundo. Orbitando nos meus próprios pensamentos eu vou costurando o meu dia-a-dia que mistura atividades físicas, afetividade, companheirismo profissional e familiar, docência, aprendizado, gestão de equipe e projeto pessoais que vão desde os livros, passando por palestras e ações sociais.

Com isso, não raro eu paro por um momento e pergunto-me: qual o meu papel? É claro que muitas pessoas devem fazer esta pergunta para si próprio constantemente, mas –





com uma razoável dose de egoísmo – eu quero uma resposta para mim.

Se eu faço várias coisas ao mesmo tempo e não estou contente com o resultado de nenhuma delas, isto é, não estou contente por fazer “apenas” aquela coisa; poderia mais, por isso o descontentamento -, posso supor que a nossa vida é um rascunho, do qual podemos aprimorar constantemente e não necessariamente considerar a obra acabada, pronta.

Passados alguns anos da morte de minha mãe, referência de força e aconselhamento, eu me conformei com a ausência dela (se isso é possível) quando eu pronunciei para mim a frase “nossa vida é uma obra inacabada e sempre será”. O meu martírio foi o de imaginar que eu deixei de fazer algo por ela: uma viagem, um beijo, um afago, um carinho, um presente etc... Mas, me bateu uma certeza de que, mesmo que eu fizesse isso tudo, sempre iria faltar alguma coisa, porque nossa vida, na realidade é um rascunho.

Embora, é bom que se diga que certas coisas não são possíveis de apagar.







JANE ROSSI

OLHOS DA ALMA

Eu valorizo demais as pequenas coisas, os pequenos gestos que se tornam grandes e valorosos. Eu valorizo a beleza do amanhecer, os raios de sol que aquecem a vida, a chuva que cai molhando o jardim, as rosas que perfumam o ar, uma borboleta que pousa no parapeito da minha janela, o sorriso sincero de uma criança, o abraço afetuoso, pois são através das pequenas coisas que recebemos prêmios gigantes, um troféu que jamais poderia ser fabricado, jamais poderia ser comprado, o Troféu Benção de Deus. Com os olhos da alma podemos enxergar que são as pequenas coisas que tem valores gigantes.

POBRE NOITE

A noite chega e acende as estrelas
Mostra o sorriso tão belo da lua
Faz alegria salpicando as nuvens
Com estrelinhas que iluminam a rua





JANE ROSSI

Mas no clarão enxerga uma alma triste
Num rio de lágrimas e coração de dor
Mesmo assim a bela noite insiste
Em ser repouso, alegria e amor
Mas ela enxerga outra alma aflita
Na solidão de uma estrada escura
A noite acende todas as estrelas
Para que a alma esqueça a amargura
Ela trabalha acendendo vidas
Fica feliz proporcionando o bem
Mas ela encontra muitas almas feridas
Peito que chora ausência de alguém
A pobre noite fica entristecida
É tempo curto, hora de despedida
Ela partiu, levou toda magia
Morreu a noite e nasceu o dia.

SÚPLICA

Noite azul de estrelas brilhantes
Silêncio imenso nesta madrugada
Letras escorrem do olhar minguante
Os lábios sentem as lágrimas salgadas
É o sal das dores aprisionadas
Na alma partida pela separação
Neste silêncio da madrugada
Versos parecem uma oração





POETA

Converso com as estrelas
Confesso-me com a lua
Navego na onda do vento
Lgrimas bailam na rua
Pego as pedras do caminho
Faço um castelo de amor
Deixo as pedras iluminadas
A dor eu transformo em flor
E os espinhos das rosas
Vou tirando de mansinho
Cantarei em verso e prosa
A dor, o amor e o carinho
E a caneta bailarina
Em sua forma discreta
Vai desenhando a sina
De um sofrido poeta

“ *OUTONO GELADO* ”

Pensamento ao longe
Vendo o tempo passar
E o relógio da vida
Jamais voltará
Um passado guardado
Uma saudade presente
E o outono gelado
Toma conta da gente





JANE ROSSI

“CAMINHO VAZIO”

Esse caminho está vazio de sorriso
Pouca poesia e pouca nuvem de esperança
Com muita fé eu oro a Deus e focalizo
Um amanhã todo orvalhado de bonança
Esse caminho está vazio de abraços
Pouco amor, pouco carinho e lealdade
Eu sinto frio, neste vazio, sinto cansaço
Eu ora a Deus pedindo luz e claridade
Esse caminho está vazio de compaixão
Pouca bondade e pouco dom da caridade
Eu oro a Deus e clamo a sua proteção
Esse caminho está vazio e a dor invade.

Nem tudo que tenho é meu, nem a alma, nem a vida,
pois tudo pertence a Deus na estrada desconhecida.

VAMOS SONHAR ?

Se desistirmos dos sonhos, vem a despedida dos últimos
fios de esperança
Se desistirmos dos sonhos, vem a despedida dos nossos
sorrisos de criança
Ah! Se desistirmos de sonhar, o breu permanece, pulmão
fica sem ar
Embaça o caminho, é estrada de espinho com névoa no
olhar





Sem sonho não há vida, apenas retalhos de lembranças
perdidas
Sem sonho, sem vida e sem ilusão, é beco sem saída
É mundo sem chão!
Vamos sonhar?

VÁRIAS EM UMA

Amanheço criança, sem saber o que quer
Na tarde sou outra, visto-me de mulher
Na vida corrida, no trabalho intenso
Eu fico carente, sou humana, sou gente
O peso nos ombros me faz sentir mais
Só meu travesseiro conhece meus ais
Criança, menina, guerreira e mulher
Toda feminina num shopping qualquer
Na cama lilás, no lençol de algodão
Sou ondas de amor, sou verso e canção.

SEM VOCÊ

Eu te vejo no sol e na lua
Vejo você em casa e na rua
Cada canto da casa é você
Eu não vejo, mas penso te ver
Eu dizia pra você e para o mundo
Sem você não ficaria um segundo





JANE ROSSI

Uma hora, um dia de ausência
Morreria sem tua presença
Foi um dia , um mês, um ano
E agora, mais anos e anos
O que faço da vida sem você ?
Poesia! Para sobreviver!

O POETA É FINGIDOR?

Fernando Pessoa dizia
Que ele finge que é dor
Finge tudo em demasia
Finge a felicidade
Finge viver em alegria
Foge da realidade

Amor, dor e fingimento
Solidão e desesperança
Mágica do esquecimento
Poeta é gente criança

Ser poeta é viver
Bailando na imensidão
Escreve pra não sofrer
Com a caneta da emoção.





NÃO!

Um dia o mundo disse: Não!
Pois fim na minha felicidade
Quebrou minhas asas...
Fiquei sem chão...
Um pássaro caído na tempestade
O vento frio soprava e doía
O sol se escondeu pra não me ver
A lua ficou triste e não sorria
O mundo disse Não! Me fez sofrer!

AMOR MEU

Fazer do sonho um poema
Tatuar num camafeu
Era tudo que eu queria
Sonho, poema, amor meu
Fazer poesia do amor
De Julieta e Romeu
Sem lágrimas e sem dor
Amor sem dor, amor meu

Dialogar com o luar
Descrever tudo que é teu
Pensar no amor e sonhar
Sonho, luar, amor meu





JANE ROSSI

Voltar o relógio da vida
Ser criança, tu e eu
Dar vida ao meu coração
É poesia, amor meu.

COMPANHEIRO

Tarde quente de verão
Esquentou o entardecer
Chega à noite com clarão
Noite linda e eu sem você
As estrelas brilham mais
O luar fica sorrindo
Noite linda e eu sem você
Solidão, todos dormindo
A madrugada negreira
Segredou as confissões
As estrofes sorrateiras
São doloridas canções
Meu amigo travesseiro
Encharcado de saudade
Tu és único companheiro
Na fronha da tempestade





MADRUGADA

Quando Deus apagar as luzes do céu
Quando a lua adormecer silenciosamente
Quando todos repousarem num sonho lindo
Os poetas acordam os versos confidentes
E com eles choram dores comoventes
Com o céu apagado feito breu
Com a lua desmaiada sem clarão
Os poetas gritam as dores para Deus
Fazem versos e aliviam o coração

UM POUCO MAIS

Eu quero mais, um pouco mais
Mais que abraço, mais que olhar
Eu quero mais um pouco mais
Mais que ouvir, mais que falar
Eu quero mais, um pouco mais
Mais que sentir, mais que tocar
Eu quero mais, um pouco mais
Quero entender esse teu olhar
Quero escutar teu coração
E quero ouvir tua alma falar
Eu quero mais, um pouco mais
Quero entender tua limitação
Quero mãos dadas em noite de luar
Cúmplice, amigo, amor, paixão.





JANE ROSSI

BENDITA MAÇÃ!

Flores, frutos, encantamento!
Estado de graça sobrenatural
Faltou o direito ao conhecimento
E a diferença entre o bem e o mal

De todas as árvores, tu comerás
Existe uma que não podes tocar
Se comer deste fruto, tu morrerás
A beleza e a vida reina nesse lugar

Anjos, arcanjos, não era ilusão!
Mas não se conteve, perdeu a razão
E na flor da pele sente a sensação
Que comendo o fruto teria perdão

Comeu da maçã, perdeu a perfeição!
E sente vergonha por não obedecer
Nasce outro homem, com outra visão
E o homem de hoje vive à padecer.

TEM GENTE QUE É ASSIM

Tem gente que tem dom de ser amigo
Tem gente que é carinho, ombro, abrigo
Tem gente que nasceu pra dar a mão
Tem gente que acarinha o coração
Tem gente que tem doce nas palavras





Tem gente que te levanta do chão
Tem gente que te dá colo e asa
Tem gente que é amigo e é irmão
Tem gente que te carrega nos braços
Tem gente que faz tua fé renascer
Tem gente que é abraço, que é laço
Tem gente que é assim: como você.

“OS CISNES”

No espelho d'água azul
Os cisnes enamorados
Flutuavam pela água
Bailado apaixonado

E na leveza da dança
Fluía o som do amor
A canção da esperança
Brotava como uma flor

E no lago eles viveram
Sonharam e se amaram
Um dia eles morreram
As águas se ofuscaram

O canto silenciou
O bailado se perdeu
A canção pra o céu voou
Mas o amor permaneceu





JANE ROSSI

AGARRADINHOS

Na caixinha de lembranças encontrei uma linda foto
Revivi o nosso passado, que foi como um terremoto
Mas o amor foi cravejado dentro do nosso coração
Resistiu todas as provas, vivemos linda emoção

Não queriam nosso amor, impediam nossa união
Vivemos dias de dor e momentos de aflição
E o amor falou mais alto, construímos nosso ninho
Da nossa unificação, herdamos nossos anjinhos

Ninho repleto de amor e alegria de criança
Sorriso choro e dor, são guardados na lembrança
Pássaros crescem e voam, ficam livres pelo ar
Mas nós temos um ao outro, o sol, a lua e o mar

E depois de muitos anos, amando e sendo amada
No futuro nossos planos, seguir junto a caminhada
E no fim de nossa estrada, como sempre, bem juntinhos
Estaremos de mãos dadas, morreremos...agarradinhos





JANETHE FONTES

A ESCRITA SUBVERSIVA E A DISCREPÂNCIA ENTRE A LITERATURA E A DIVERSIDADE BRASILEIRA

A palavra “*subversão*” tem sua origem no latim, a partir da palavra *subversu*, e significa aquilo que subverte; que desestabiliza; que revoluciona; que mexe completamente ou faz ruir uma estrutura.

Portanto, a pessoa subversiva é aquela que prega ou executa atos visando à transformação ou derrubada da ordem estabelecida; é o ser revolucionário. Também é considerada subversiva a pessoa que se posiciona contra as formas comuns e tradicionais de pensamento, que não compartilha do ponto de vista habitual.

Nesse aspecto, podemos dizer que o ato de escrever, por si só, já foi – e em alguns casos ainda continua sendo – um ato subversivo. Então, imagine o quanto já foi – e também continua sendo – desafiador, ou seja, subversivo, uma mulher escrever?

Você pode estar pensando que as coisas não são mais assim, já que há inúmeras escritoras publicando e se “destacando” no mercado literário. Mas será que é isso mesmo? Será





que o fato de ter inúmeras mulheres escrevendo significa um ‘verdadeiro’ avanço?

Bem, eu poderia responder a essas perguntas. Porém, as respostas não são tão simples...

O fato é que escrever e publicar no Brasil ainda é muito desafiador e subversivo, sobretudo quando se trata de literatura feita por mulheres. Veja, não estou dizendo de literatura feita “para” mulheres, mas sim de literatura feita “por” mulheres.

Mas não são apenas as mulheres que enfrentam enormes desafios para publicar. Aliás, é justo dizer que é ainda muito desafiador e subversivo a literatura produzida por determinados gêneros (tais como: homossexuais, lésbicas, transexuais) e grupos sociais (negros, índios, etc).

Porém, a escrita também já foi bastante produzida – e em alguns casos ainda continua sendo – para ‘manter padrões’ e/ou reforçar estereótipos, mesmo que de forma inconsciente.

Como exemplos disso, eu poderia citar as revistas femininas e artigos produzidos sobre comportamento feminino no início do século XX, que hoje nos parecem ‘piadas’ devido às aberrações tidas como regras de etiqueta/comportamento! Também poderia fazer referência a alguns livros que reproduziram preconceitos horrendos e que até hoje são lidos sem uma crítica ideal dos valores apresentados. Mas vamos nos focar na literatura contemporânea brasileira.

Afinal, quantos livros nacionais têm como protagonistas pessoas morenas, negras, gordas (ou gordinhas), índias ou homossexuais? Poucos, né?

Mas num país onde seu povo é, em grande parte, mestiço, não parece estranho que apenas 7,9% dos personagens





sejam negros e menos de 0,5% sejam índios, conforme nos aponta Regina Dalcastagnè em seu estudo sobre a “Literatura brasileira contemporânea”?

O estudo ainda aponta que dos 258 livros estudados, 73,5% dos personagens negros são pobres e 20,4% são bandidos.

Quanto ao perfil dos escritores brasileiros: 93,9% são brancos. 72,7% são homens e 78,8% possuem ensino superior.

E porque essa discrepância entre a literatura e a diversidade brasileira? Simples! Porque a literatura é, na verdade, apenas um reflexo da sociedade que, apesar de suas verdadeiras origens, ainda contém muito do pensamento eurocêntrico. Além disso, como a venda de livros estrangeiros no Brasil é muito grande (bem maior do que o que é produzido aqui, em terras tupiniquins), vários autores acabam ‘por copiar’/reproduzir personagens com características europeias. Afinal, esse é um padrão de vida e beleza que nos foi imposto há bastante tempo e não é fácil romper.

Ou seja, ainda se faz necessário ‘abrasileirar’ a literatura brasileira.

A literatura, como tem sido produzida por aqui, apenas ‘cultua’ valores e ideias de outros povos, que, em muitos casos, são bem diferentes dos nossos.

A crítica que faço não é para que meus pares se sintam ofendidos, injustiçados ou afrontados. Ao contrário disso! Até porque temos um mercado literário ainda muito complexo, onde os literatos penam muito para ter seu trabalho publicado e, sobretudo, valorizado.

Além disso, a concorrência que enfrentamos com ‘o que vem de fora’ beira o desleal, pois enquanto obras estrangei-





ras, advindas da Europa e USA, são trazidas para cá ‘com toda pompa e circunstância’ e expostas em todas as vitrines das grandes livrarias, a literatura brasileira fica, muitas vezes, relegada aos cantos mais escondidos dessas mesmas livrarias.

Vejam que o mesmo tratamento pomposo também não é dado à literatura africana, asiática ou latino-americana. Como exemplo, cito a escritora, ativista LGBT muçulmana, jornalista e apresentadora de televisão, naturalizada canadense, Irshad Manji (Uganda, 1968), que é uma das signatárias do Manifesto: *Juntos contra o novo totalitarismo*, cujas obras são pouco conhecidas no Brasil. Haveria outros inúmeros exemplos que não caberiam aqui se fosse citá-los.

Enfim, o problema é bastante complexo, pois envolve um público leitor que ainda não aprendeu a valorizar o que é produzido por seus conterrâneos (apesar disso estar mudando lentamente). Mas também não estou acusando os leitores e tampouco as editoras e livrarias, acredito apenas que ‘romper com as regras do mercado’ e produzir uma literatura mais heterogênea, que fale de ‘nós mesmos’, de nossos hábitos e costumes, talvez (e apenas talvez, já que não tenho certeza de nada), seja um diferencial que ainda não aprendemos a explorar em nossa literatura. Quem sabe quando isso acontecer, a literatura brasileira consiga ‘aparecer’ e assim atrair não só as editoras mas também um público leitor que se identifique verdadeiramente com as personagens?

Importante: Enquanto produzia este artigo para o blogue de uma amiga, coincidentemente, um colega publicou (em seu Facebook) um artigo da Revista Forum com a notícia de que o Conselho Superior da Fundação São Paulo, mantene-





dora da PUC, recusou a criação da Cátedra Michel Foucault no início deste ano.

Segundo Marcelo Hailer, que produziu o artigo para a revista, a “censura e intervenção contra a criação da Cátedra foi deliberada pelo Conselho Superior, órgão máximo constituído pela reitora Ana Cintra, bispos da Arquidiocese de São Paulo e o cardeal dom Odilo Scherer.”

De acordo com relatos, a censura se deu por que os pensamentos do filósofo “não coadunam com os valores da igreja”. O que espanta, ainda de acordo com Marcelo Hailer, é que o Conselho Superior tenha levado mais de 40 anos pra descobrir isso, visto que a PUC-SP é internacionalmente conhecida pelos vários estudos e grupos de pesquisa ligados à sua obra. Portanto, a censura do Conselho se dá por dois motivos: 1) Moral: Michel Foucault era homossexual, crítico da igreja e foi uma das primeiras pessoas públicas a morrer de aids na França; 2) Político: apesar da PUC ser uma referência em estudos foucaultianos, a universidade não tinha um ligamento oficial com o filósofo, a partir do momento em que a Cátedra fosse criada, a instituição passaria a ser visitada por pesquisadores do Brasil e da América Latina por conta dos áudios de seus cursos.

O que a gente abstrai desse tipo de notícia? Bem, ao que parece, a subversão pode custar muito caro ao artista que se atreve a lutar contra os padrões, contra o pensamento linear. No caso de Michel Foucault, sua opção sexual e política ainda incomodam muita gente...





JANETHE FONTES

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar.” – Michel Foucault

FRASES E TEXTOS POÉTICOS

*Procuro algo que explique esse estado de aflição em que vivo,
essa ânsia de viver, essa necessidade desesperada
de fazer as coisas acontecerem...*

(2012)

...

*Ah, o tempo... que nos escapa pelas brechas dos dedos e nos
deixa em estado de angústia... que por mais que tentemos não
consequimos controlar...*

(2012)

...

*Há sempre um risco na escolha. Mas não escolher
é um risco ainda pior.*

(2012)

...

*Ler e escrever: paixões avassaladoras
que me “devoram” todos os dias.*

(2012)

...





A fera

Cuidem-se!

Pois eu já não posso me conter!

A fera dentro de mim está impossível de ser contida...

Ela quer liberdade.

Ela quer libertar-se!

...

Em tempo: Explicações da autora Janethe Fontes: Eu não sou poetisa e nem tenho pretensão de sê-lo. As frases e textos acima fazem parte apenas de um pequeno acervo pessoal que, raras vezes, divido com os amigos muito íntimos. Trabalho como romancista e assim quero permanecer. Meus livros publicados, até o presente momento, são: *Vítimas do Silêncio*, *Sentimento Fatal*, *Doce Perseguição* e *O voo da Fênix*.

Para os meus textos poéticos, uso como pseudônimo: *Jade Campobelo*.

Redes sociais:

<https://www.facebook.com/JanetheFontes>

<http://janethefontes.blogspot.com.br/>

Twitter e Instagram: @JanetheFontes







JOSÉ AUGUSTO PINHEIRO

QUEM É JOSÉ AUGUSTO PINHEIRO?

O jornalista, escritor, radialista, mestre de cerimônias, celebrante de casamento e palestrante José Augusto Pinheiro é formado em Ciências Jurídicas e Sociais pelas Faculdades Integradas de Guarulhos (1986) e pós-graduado em Marketing e Propaganda pela Universidade São Judas Tadeu (2007).

Desde 1984, ele é mestre de cerimônias em eventos sociais e empresariais para os três setores da economia. No ano seguinte, fez o curso de locução do Senac-Guarulhos. Em 2009, ministrou aulas de Teoria da Comunicação para futuros comunicadores no Senac-Santana.

Já ministrou aulas de Radiojornalismo para estudantes de Jornalismo em Guarulhos (SP). José Augusto é ainda companheiro do Rotary Club Guarulhos Sul, estudante Rosacruz e adepto da filosofia Seicho-no-ie.

Durante 18 anos (1977-1995) foi funcionário concursado do Banco do Brasil S.A., onde ingressou como menor aprendiz e encerrou carreira como gerente de atendimentos especiais.





Como âncora do radiojornal RBN Notícias, da Rádio Boa Nova 1450 AM (Grande São Paulo) desde 2007, foi o mediador de dois debates a prefeito de Guarulhos, SP, em outubro de 2008. O programa já superou a marca das 2.100 edições diárias.

É membro efetivo da Academia Guarulhense de Letras – AGL, onde ocupa a cadeira 21 há 12 anos. É autor do livro de crônicas positivistas “Novo Amanhecer” (2003) e do livro Jubileu de Ouro da ACE Guarulhos (2013).

Nasceu em 1963 em uma casa do bairro de Vila Galvão, em Guarulhos, região metropolitana de São Paulo. É casado desde 2000 com Rosana, com quem tem um filho: Matheus Francisco (2003).

AO INFINITO... E ALÉM!

Rezam as cartilhas mais elementares de etiqueta e de boa convivência que as pessoas se apresentem no primeiro contato. Pois bem. Muito prazer, meu nome é José Augusto, nasci há 51 anos em vila Galvão, no modesto lar da família Raposo Pinheiro; fruto do amor de Paulo e de Anna, neto de José e Adelaide (paternos) e de João e Brasília.

Eu sou casado com dona Rosana, minha sócia majoritária no maior empreendimento da minha existência atual: edificar a vida de Matheus Francisco, nosso filho de 11 anos. Se eu acreditava ter enfrentado desafios até a chegada do menino, eu estava inocente e não sabia de quase nada. Ou melhor, a ignorância era ampla, geral e irrestrita.



Para manter a postura de homem honrado e digno do título de ‘cidadão’ – o que me dá o direito de agregar o codinome de ‘contribuinte’ –, eu trabalho. Quer dizer, eu creio ser um trabalhador como qualquer outro. Mas existe uma diferença... eu faço o que sempre sonhei desde menino, quando o único lazer era ouvir rádio. Eu faço as pessoas sorrirem.

Não, eu não sou palhaço. Seria interessante e até promissor, caso eu tivesse ambições políticas. Eu, na verdade, sou jornalista, radialista e mestre de cerimônias. Ah! Eu também sou animador de eventos corporativos – quando requisitado. A chave, contudo, não está no que faço. Mas como eu faço o que faço: sorrindo...

“Faça aos outros aquilo que gostaria que lhe fizessem”, disse-nos Jesus, o Cristo. Eu sou bem espertinho, como também o são todos os demais seres viventes no planeta, pois gosto de ser recebido com um lindo e franco sorriso quando chego a algum lugar. Se o rosto brilhante for acompanhado de um sincero “Bom dia”, então, nossa! Aí, eu me derreto todo. Por isso, eu aplico a regra de ouro e planto infundáveis sementes de alegria, respeito e gratidão por onde quer que eu passe. É singelo, mas é de coração.

Eu convido você a essa prática cotidiana. “Sorria para a vida, que a vida é alegria; é tempo de sorrir, sorria”, sempre pregou o filósofo contemporâneo, Silvio Santos. Você pode não se tornar dono de uma rede de TV, mas perceberá que o seu fardo não é mais pesado do que o do vizinho. E por que seria? Sorria. O seu sucesso como filho de Deus será infinito. E você irá além!



O LÍQUIDO VITAL E PRECIOSO

Parafraseando a presidente Dilma, em tempo de escassez de água potável, nós estamos todos ‘estarrécidos’ com a perspectiva de que acabe esse líquido vital para a continuidade da espécie humana e do mundo como o conhecemos. O que a natureza preparou com tanto cuidado, durante milhões de anos, nós estamos conseguindo destruir em poucas décadas, desde que a água encanada passou a ser artigo de primeira necessidade.

Segundo o Livro de Gênesis, no princípio Deus criou os céus e a terra; e, logo a seguir, o Criador separou águas de águas (Gn 1:1-10). Quando criou os consumidores da água, porém, a situação do planeta começou a mudar. Especialmente, nos versículos 26 e 27, quando ficou clara a missão a nós confiada pelo Pai: “...domine o homem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos e os répteis.”

Mas a ideia original era a convivência pacífica e altruística com os recursos naturais cedidos, e que deveriam ser utilizados com sabedoria e parcimônia. Ao orientar-nos a encher a terra, frutificando e multiplicando-nos, o Senhor do Tempo e do Espaço concedeu-nos o nosso maior desejo: o livre-arbítrio. Sim, nós podemos escolher. Somos deuses em potencial. Nem os anjos têm esse privilégio.

E o que fazemos com esse benefício divino? Valorizamos ou destruimos a natureza? Economizamos ou desperdiçamos água? Cortamos ou cuidamos das árvores? Amamos ou maltratamos os animais – nossos companheiros de viagem planetária? Purificamos ou poluímos o ar que respiramos? Todos nós sabemos as respostas, mas não adianta conhecê-las



simplesmente; é preciso praticar o Amor. Quem ama valoriza e cuida, usa com gratidão, convive com alegria e respeito.

Como disse certa vez Francisco Cândido Xavier (1910-2002), a maior personalidade brasileira de todos os tempos: “Ninguém pode voltar atrás e fazer um novo começo. Mas qualquer um pode recomeçar, e fazer um novo fim”. Muito obrigado, Chico. Recomeçemos, pois! É agora... ou não haverá futuro.

A ARTE DE EMITIR BOAS PALAVRAS

Conta-se a inspiradora história na qual alunos do ensino fundamental receberam trabalho escolar muito interessante: cada um recebeu vaso com sementes de flores plantadas na terra. A tarefa seria dirigir à planta durante 30 dias palavras feias e nada motivadoras.

No dia da entrega do resultado, todos os vasos continuavam do jeito que foram entregues um mês antes. À exceção de um, que ostentava linda e exuberante flor. Indagada pela professora sobre a razão desse inusitado fato, a aluna respondeu: “Eu senti pena da sementinha, e não consegui ofendê-la”.

Sim, as boas palavras têm efeito absolutamente positivo sobre a nossa vida cotidiana. Com o advento da internet, e da criação de um idioma específico para as conversas diárias na rede mundial de computadores, alguns vocábulos foram transformados em abreviaturas ou simplesmente deletados.

Eu relembro algumas palavras muito utilizadas em tempos idos, e que eu faria gosto que retomassem o seu lugar nos diálogos familiares, sociais e profissionais: ‘Bom dia’, ‘boa tarde’ e ‘boa noite’ – são expressões que indicam que a pessoa



chegou a local onde já existia pelo menos uma pessoa presente; indicam o desejo sincero de que o interlocutor tenha horas futuras construtivas.

‘Com licença’ e ‘Por gentileza’ – Também são expressões muito úteis quando se deseja ser atencioso para com os filhos de Deus com os quais nos relacionamos, ainda que seja uma só vez. As portas abrir-se-ão, infalivelmente.

Outro par de palavras, que estranhamente tornou-se raro ouvir ou ler é ‘Muito obrigado!’. Significa que o emissor está agradecido por ter recebido alguma forma de serviço ou de interação interpessoal. A simplificação ‘obrigado’ também tem o mesmo valor. Ah! Mulheres dizem ‘muito obrigada’ ou ‘obrigada’. A gratidão é a mãe de todas as demais virtudes.

As boas palavras são excelentes construtoras de boas amizades, bons relacionamentos e bom destino. Segundo o evangelista Mateus, capítulo 12, versículo 34, “... pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca”. Palavras da Salvação!

TRABALHAR É SERVIR

Gíria é uma figura de linguagem que obedece a modismos. É algo reprovável porque empobrece a nossa tão violentada língua portuguesa. Na década de 1970, acreditem, era utilizada a expressão “Fala, bicho”, em vez das palavras “Pois não”.

Pois sim, o homem é um bicho esquisito. É rigorosamente a única parte da Criação de Deus que pensa ser mais do que de fato o é. Somente ostentamos a sagrada condição de



Universos em miniatura quando plantamos a semente da humildade. E cuidamos dela.

A humildade é praticada nos mais singelos atos do cotidiano. Trabalhar é um deles. Quem trabalha, serve. Deus foi o primeiro Servidor. E Ele nunca se rebaixou por causa disso. Nós somente precisamos dar seqüência a Sua Obra neste pequeno planeta.

Mas, voltando ao paradoxo tão humano, nós buscamos desesperadamente um emprego, com o propósito de levarmos uma vida digna com os recursos materiais provenientes desse labor. Uma vez obtida a colocação, ato contínuo, consultamos o calendário mais próximo, a fim de sabermos quando haverá um feriado – de preferência, prolongado.

O ideograma japonês para a palavra ‘trabalho’ tem o significado de “facilitar a vida do outro”. E o conceito é bem esse mesmo. Cada um, na missão que lhe foi confiada, cerca de atenção, respeito e cortesia aquele que é beneficiado com seus melhores esforços.

Quando nos levantamos pela manhã, o galo já cantou e o padeiro já fez o pão nosso de cada dia. Os funcionários garantiram a manutenção das centrais elétricas e os médicos estiveram lá, de plantão, à espera de alguém que se sentiu mal durante a madrugada.

Nós precisamos entender a essência do verdadeiro trabalho, aquele que nos faz felizes e orgulhosos somente com a lembrança da forma como contribuímos para a construção da sociedade. “Pois aquele que não vive para servir, talvez não sirva para viver uma vida plena.” Bom serviço!



DESLIGUE O PILOTO-AUTOMÁTICO

Mohandas Karamchand Gandhi (1869-1948), a Grande Alma (em sânscrito, Mahatma), pediu certa vez a uma criança que parasse de consumir açúcar. Antes disso, ele solicitou o prazo de uma semana para, ele mesmo, adaptar-se a sua própria orientação. Ele não poderia pronunciar palavras incompatíveis com as suas atitudes cotidianas. Muito sábio.

O que Ghandi tem a ver com o empresário norte-americano Mark Elliot Zuckerberg (1984), fundador do Facebook? A princípio, muito pouco. Porém, essa rede social criada há 10 anos vem popularizando pensamentos nobres e elevados quanto esta frase do célebre indiano: “Aprenda como se fosse viver para sempre. Viva como se fosse morrer amanhã”.

Há poucos dias, eu postei as palavras acima mencionadas em minha página do ‘Face’. A repercussão foi impressionante: em sete dias, 70 pessoas haviam curtido a mensagem. Comentários: zero... Incrível, pois Gandhi conseguiu resumir o sentido da existência humana nesses dois singelos versos. O conteúdo é, simplesmente, imensurável.

A explicação, creio, seja que, para curtir, basta um clique – é fácil e rápido; não requer prática tampouco habilidade. Por outro lado, refletir sobre Filosofia e escrever algo a esse respeito exige certo exercício reflexivo. Dá trabalho!

Por que nós estamos agindo de maneira tão automática em nossa vida? Por que conversamos sempre com as mesmas pessoas? Só respondemos a quem nos cumprimenta, sem jamais tomarmos a iniciativa de conhecermos gente nova? Por que nós fazemos sempre o mesmo caminho para a escola ou



para o trabalho? Por que aquela pizza com os amigos fica sempre para o ‘vamos ver uma data’?

Nós temos o dever de buscarmos sempre o nosso melhor empenho, a cada novo dia em que acordamos pela manhã. Como pregou a Grande Alma, na Escola da Vida aprender é o único objetivo. Viver plenamente é o caminho para quem deseja aproveitar o dia de hoje como o Sagrado Presente do Criador. Desligue o seu piloto-automático e... VIVA!

A MELHOR GUARULHOS DO MUNDO

Uma cidade não é o conjunto de suas obras arquitetônicas, tampouco o volume de recursos que chegam via Fundo de Participação dos Municípios. Uma cidade é o somatório dos habitantes que a compõem, cada um desenvolvendo o que sabe fazer de melhor em prol dos demais cidadãos. Neste último rol, incluem-se aqueles que escolheram a cidade para nascer ou para viver/trabalhar.

A minha cidade-natal chama-se Guarulhos, e faz parte da Grande São Paulo. Tem 1,3 milhão de seres humanos vivendo em seus 318 k2 de área. De há muito é a segunda maior economia do estado que a abriga, atrás apenas da capital São Paulo. Ambas são limítrofes. A distância histórica entre as duas cidades é de apenas seis anos (1554-1560). Hoje, inclusive, os guarulhenses comemoram seus 454 anos de fundação.

Eu amo Guarulhos, e por isso vou fazer um interessante exercício por meio deste espaço gentilmente cedido pela redação da Folha Metropolitana: o método do professor Hermógenes, grande divulgador da Yoga – “Eu entrego, aceito, confio e agradeço”.



Eu entrego Guarulhos a Deus, a fim de que ilumine todos os homens e mulheres de boa vontade que dedicam a sua melhor energia em prol desta cidade abençoada. Eu aceito Guarulhos como ela é, com seus problemas em diversas áreas abrangidas pelas necessidades humanas mas, também, com suas imensas potencialidades econômicas e estratégicas.

Eu confio que o Criador tem importante propósito para todas as suas obras, e com Guarulhos não pode ser diferente. O padre jesuíta Manuel de Paiva, foi iluminado ao fundar este povoamento, com o objetivo de proteger a São Paulo de Piratininga de possíveis ataques dos índios Tamoios.

Eu agradeço a você, leitor, por ser igualmente um co-fundador desta maravilhosa cidade, contribuindo diariamente para que o progresso seja irmão da solidariedade; que o sorriso e os abraços fraternais sejam rotineiros; que a solicitude tenha presença marcante nas relações interpessoais. Muito obrigado, Guarulhos; muito obrigado, Senhor!

A SOLIDARIEDADE EXTINGUE O EGO

Eu acredito que não exista diferença entre o céu e o inferno. Ao menos é o que prega a história que é-nos contada em palestras espiritualistas, que apregoam que, depois de cumprida a missão na Terra, todos nós perderemos a articulação dos braços. Seremos como autômatos, sem a dobra na altura dos cotovelos.

O que muda o destino de cada um, depois da vida física, é a postura mental. No inferno, os habitantes tentam alimentar-se jogando em vão a comida para cima; só não morrem de fome porque já morreram. A população do Céu, por outro



lado, não sofre nada, pois um estica o braço e leva o alimento à boca alheia. Simples, assim.

Fica claro que somente os altruístas e solidários conquistam o Céu, que aliás começa aqui mesmo – neste plano. Aquilo que nos acontece não é tão importante quanto a maneira como reagimos a tal fato. Nós precisamos nos auxiliar mutuamente, fazendo ao outro o que nos seria prazeroso recebermos.

Na vida real, o melhor exemplo do que nós estamos tratando aqui é a doação de sangue. Essa é a forma mais econômica de ajudarmos alguém que precisa (muito) de nós. Não é a única, mas é altamente eficaz. Qualquer jovem entre 16 e 65 anos pode ser candidato a esquecer-se momentaneamente de si mesmo, e oferecer sua energia vital (sangue) a quem dela precisa.

Na quinta-feira passada, dia 11, eu e minha mulher fomos doar sangue no Hemocentro São Lucas, unidade Guarulhos (r. Santo Antonio, 95 – Centro). Malu e os demais colaboradores nos trataram com muita atenção; todos são dedicados no seu mister. O horário durante a semana é das 08h às 16h; aos sábados, o expediente termina ao meio-dia.

Eu irei um pouco além: proponho a você tornar-se um doador habitual de sangue. Programe-se para visitar o hemocentro mais próximo de sua casa a cada quatro meses. O mundo será bem mais solidário a partir de seu gesto de amor altruístico.



O MELHOR PRESENTE DE NATAL!

Houve um tempo em que as pessoas tinham um hobby: juntavam-se selos, moedas, figurinhas, tampinhas; enfim, tudo que pudesse ser agrupado, a fim de mostrar para as visitas em casa. Dava trabalho, mas valia a pena. Era fator de integração, entretenimento e de cultura.

Eu já fui filatelista. De tempos a esta parte, eu coleciono amizades. É sempre bom conhecer pessoas novas; são universos em particular, normalmente com muito em comum com os nossos propósitos de vida. Seria um reencontro...?

Faz 12 anos que soube do valor intrínseco de um abraço sincero. Eu já ouvira falar da Terapia do Riso, com gargalhadas curando males diversos ao desopilar o fígado. Mas abraçar alguém desconhecido também pode ser lenitivo para a dor das carências afetiva e espiritual? Pode, sim.

Em sua obra *A Terapia do Abraço*, Kathleen Keating afirma que “abraçar é um instinto, uma resposta natural a sentimentos de afeição, compaixão e alegria; é também uma ciência, um método simples de oferecer apoio, cura e crescimento, com resultados excelentes. Abraçar é também uma arte”.

Desde 2010, eu tenho a felicidade de integrar harmonioso grupo que se reúne uma vez por ano, não para trocar presentes de Natal, mas para oferecer a sua melhor energia a quem dela quiser fazer uso. Nós trocamos abraços na principal rua comercial de Guarulhos.

Será na próxima quarta-feira, dia 24, das 09h às 11h, na rua Dom Pedro II, em frente à Igreja Matriz. Márcia Barbosa, colaboradora das Casas André Luiz, foi quem fundou esse



grupo. “É uma forma de retribuir o muito que recebemos durante o ano que se finda”, diz ela.

O abraço é o melhor presente de Natal ou de qualquer outra época do ano. Afinal, trata-se do único benefício que se dá e que se recebe simultaneamente – e não tem custo. Junte-se a nós. Viva uma experiência diferente. O espírito, mais leve, agradece. Feliz Natal!

DEFINA O SEU DESTINO!

Nas microférias de dezembro eu estive em Serra Negra (SP) passando alguns dias ao lado de minha amada mãe, Anna. Foram intensos os momentos recentes que eu desfrutei ao lado da mulher que me trouxe ao mundo; Paulo, meu saudoso papai, já está no mundo espiritual há quase sete anos. Tudo o que sou, eu devo a eles.

No prédio onde vive mamãe existe elevador. Ao subir nele, no andar térreo, de tão preocupado com as malas da família, esqueci-me de apertar o botão correspondente ao número do pavimento de destino. A porta fechou-se e, “estranhamente”, o elevador não parou onde eu queria, mas onde havia sido chamado por um distinto senhor.

Assim é a vida... se eu não determinar para onde desejo ir, eu serei levado para onde o governo, a conjuntura econômica, o trânsito, os colegas de trabalho e até os desconhecidos quiserem me conduzir. As chances de sucesso serão mínimas. ‘O sucesso é ser feliz’, já dizia Roberto Shinyashiki.

Sei que você, meu querido leitor, tem sonhos – como eu também os tenho. Então, lute por eles. Mas combata o bom combate. Os inimigos a superar são o temor da rejeição, o



medo do fracasso, a ojeriza ao que não enxergamos com a visão física, a falta de fé em si mesmo.

Aperte o botão que o levará diretamente para a satisfação de viver com alegria e gratidão a Deus. Escolha alcançar os seus objetivos – um a um. Não há problema algum em sonhar algo grandioso, desde que você esteja disposto a fazer a sua parte. Normalmente não é fácil, mas sempre vale a pena dar o melhor de si.

A felicidade, inclusive, não está em alcançar o destino almejado, mas em percorrer o caminho que leva até a realização plena. Faça seus planos para o ano-novo; defina em qual degrau pretende estar no próximo dia 31 de dezembro. Duas ações, para começar: 1) pratique ao menos uma boa ação por dia (e anote em um caderno como contribuiu para melhorar o mundo em que vive); 2) jamais reclame das pessoas, coisas e dos fatos. Na semana que vem, vamos sugerir ações construtivas em algumas áreas de sua vida. Como disse Og Mandino, no livro *O maior vendedor do mundo*, “eu formarei bons hábitos e me tornarei escravo deles”. Iluminado 2016!





JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ
(J. Maelick)

O NASCER DA NOITE ETERNA

O prado verdejante,
Perde seus tons
Multicores;

O sol se põe
No horizonte,
Enterrando-se no monte,
Qual chama ardente...
Cansada.

E no céu,
Nuvens doiradas,
Ora escuras,
Ora claras,
Cinzalam a tarde
Que cai!





Um pássaro,
Solitário,
A Fênix
Deste calvário,
Passa,
Pairando,
Num balanço
Leve,
Livre...
Ligeiro;

Roçando a árvore
Majestosa,
Balouçando co'a
Brisa da tarde,
Num dia
De primavera.

Os sons noturnos,
Qual pífaros de vida,
Instrumentos
De orquestra antiga,
Vão, aos poucos,
Se animando,
Num crescendo.

E o murmúrio da fonte,
Que corre no leito de pedra,
Anima o regato viçoso
Onde se banham luzeiros,





Que acordam, preguiçosos,
Para a longa noite de espera!

Janeiro/2015

O TREM

A estação ferroviária era bem diferente de tudo o que eu já havia visto.

Quando entrei, tive a sensação de estar dentro de um jardim botânico, ou algo parecido.

Parecia uma estufa com um mezanino, cheia de árvores e plantas, fechada por um teto parcialmente transparente, do qual, através de uma rede de condutores de água, emanavam, de tempos em tempos, finas cortinas de orvalho, que mantinham o ambiente umedecido e fresco.

Escadas rolantes, partindo do nível térreo, subiam até o andar superior, de onde, apoiado nas muretas de vidro que o cercavam, viam-se vários ambientes, lá embaixo, formando um agradável conjunto.

Espaços separados por vasos de plantas e estátuas limitavam restaurantes com mesinhas ocupadas por passageiros que certamente deviam estar aguardando o seu horário de partir, conversando, comendo e tomando refrescos.

Uma fila de escolares, meninos e meninas, brincava alegremente entre os bancos e as árvores, sob o olhar atento das professoras que não as deixavam afastar-se muito de onde estavam.





O horário de partida do meu trem já se aproximava e eu dirigi-me lentamente para a plataforma, que ficava no térreo, por trás daquela espécie de floresta tropical.

A composição já estava estacionada e as pessoas, aos poucos, iam tomando os seus lugares.

Procurei no meu bilhete e verificando o vagão que me correspondia, dirigi-me ao fiscal, que, com um amável cumprimento, franqueou-me a passagem, indicando-me, com um aceno de mão, o caminho até o meu assento.

Ao subir, uma porta automática de vidro se abriu e eu pude sentir a diferença de temperatura e o conforto que o ar-condicionado interno propiciava.

À frente do meu assento, uma mesinha, com um abajur acesso sobre ela, convidava a trabalhar, ou, quem sabe, a simplesmente escrever memórias, impressões, ou organizar os próximos passos da viagem.

Após colocar a bagagem de mão no maleiro acima da minha cabeça, observei que do lado de fora, numa coluna, na plataforma, havia um grande relógio, bem ao lado da minha janela.

O meu cartão de embarque mostrava que a composição deveria partir às 14:13 h, e o relógio já marcava 14:05 h, faltando, portanto, uns 8 minutos para a partida, se o trem fosse pontual, como deveria.

Ajeitei-me na poltrona e tirei um bloco de notas do estojo, pronto para não perder nenhum detalhe daquela viagem, a minha primeira num trem de alta velocidade.

Após algum tempo, ainda ocupado com meus preparativos, percebi que as pessoas, na plataforma ao lado, pareciam movimentar-se para trás, e, num gesto automático, olhei para





o grande relógio, que marcava exatamente... 14:13 h. O trem havia partido suave e rigorosamente no horário estabelecido.

Uma voz feminina, extremamente melodiosa, anunciou pelos alto falantes, em várias línguas, o trajeto que a composição percorreria, dando as boas vindas aos passageiros e agradecendo por terem escolhido a companhia para fazerem o percurso que agora se iniciava.

Deixando para trás o perímetro urbano, o trem passou a percorrer vastas planícies de campos semeados e de flores silvestres, que se estendiam infinitamente pelo horizonte afora.

Da janela, tal era a velocidade que a paisagem só podia ser vista, em detalhes, ao longe, já que, próximo aos trilhos, apenas passavam sombras de árvores e casas que não podiam ser claramente identificadas.

As pontes sobre os rios ou apenas ligando montanhas, mal começavam a passar e já eram deixadas para trás, com extrema facilidade.

Moinhos de vento passavam, desafiantes, como em contos antigos, e a sua beleza só era perceptível quando assentados sobre elevações mais distantes.

Pequenas estações, onde o trem não parava, passavam rapidamente, sem que se pudesse saber os seus nomes.

Aquela primeira viagem durou pouco mais de hora e meia, e eu cheguei bem adiantado para o meu compromisso.

A modernidade daquele transporte, de alta eficiência, causou-me uma boa impressão. Era algo realmente inquestionável do mundo moderno.

Mas, na volta, deixei de lado a modernidade e optei por um confortável trem normal, daqueles que levam o dobro do tempo, mas são mais compatíveis com uma pitoresca viagem natural.





Eu queria ver animais de perto, pastando à beira da estrada, casinhas pintadas de branco com chaminés fumegantes e roupas estendidas sobre a cerca, e pessoas próximas, arando pacientemente os campos.

Talvez fosse por uma questão romântica, própria da minha avançada idade, mas...

Confesso que até cheguei a torcer para que o trem, naquela tranquila volta à cidade, primeiro soasse um longo apito, depois rangesse as rodas, desse um bom tranco e até saísse com algum atraso, daquela antiga, mas bucólica e charmosa estação, cercada por riachos de águas claras, arbustos sobre os muros e milhares de flores multicores enfeitando as ruas.

01/09/2014

O ARRECIFE

Uma fileira de coqueiros, parecendo um grupo ordenado de soldados em formação, agitando seus braços ao sabor do vento, em uniforme balanço, estendia-se ao longo da mata rasteira, e terminava em delicada duna, na praia ensolarada.

Na areia branca, as ondas deixavam rastros de espuma que logo desapareciam na vazante do mar, e pequenos buracos na areia, ainda úmida, formavam balões que explodiam como suaves bolas de sabão, sopradas por invisíveis crianças arteiras.

O mar retirava-se para a retaguarda, além do arrecife, exausto de tanto açoitá-lo a areia, procurando acumular forças, quem sabe ainda mais poderosas, para, mais tarde, voltar novamente a atacar.





Seu rugido feroz ouvia-se ao longe, dando ligeiro descanso à praia. Era a trégua de uma batalha, que, furioso, um dia o mar ainda esperava vencer.

O seu estratégico recuo, permitia, por outro lado, que o singelo rochedo, até há pouco submerso na servidão da sua impotência, naquela interminável luta contra a força da maré, agora emergisse, encharcado de suor e glória.

Ele se erguia imponente, qual orgulhosa muralha de antanho.

Firmava a fugidia posse sobre a faixa de areia em que se apoiava a sua alma, já velha e desgastada pela interminável luta, que há tantos séculos enfrentava.

Neste momento de trégua, apenas algumas ondas teimosas e desgarradas, ainda procuravam superar a intransponível altura que o rochedo tomara, com a baixa da maré.

Elas somente conseguiam a arrebentação sobre a dura superfície daquele escudo natural, depois de ter-se elevado em grotescas e espumantes formas, que, com o impacto, se desmanchavam no ar.

Um pouco além da areia molhada, um fundo antes escondido mostrava agora seus contornos vivos, onde pequenos peixes, coloridos e esquivos, entre plantas ondulantes, nadavam alegremente em seus berçários naturais.

Ouriços do mar, escuros e espinhosos, balançando ao sabor das diminutas correntes que ainda teimavam em ficar, escondiam-se entre as frestas das pequenas rochas esparsas, que, aos poucos, também começavam a se mostrar.

Observando de perto esse maravilhoso movimento de renascimento da vida, naquela praia deserta, fui levado a imaginar como o arrecife e o mar se assemelham a nós.





Pois, quando as águas das nossas emoções se elevam, saltando descontroladas em sua fúria natural, vencem a força da nossa razão e invadem, em ondas avassaladoras, a nossa desprotegida alma, que, assim, vê-se invadida por u'a maré crescente, que desequilibra nossas vidas.

Mas, ao conseguirmos afastar os embates furiosos dessas emoções instintivas, como numa baixa maré, não permitindo que elas se avolumem e adquiram força sobre nós, é como se, através de uma razão esclarecida, elevássemos nossa muralha protetora, formando uma sólida barreira natural.

O arrecife é como a nossa consciência... Um escudo protetor que evita o choque frontal das ondas que tentam desequilibrar nossa vida.

As bolhas de ar que espoucam, quando as ondas se retiram, são como as paixões enfraquecidas que ainda ficam, mas que se desvanecem quando a integridade do nosso caráter, a nossa areia branca, volta a emergir após cada nova investida.

Os ouriços entre as pedras, são como os vícios submersos que dificultam nosso avanço no mundo, e que, não sendo visíveis, são extremamente difíceis de evitar.

Os peixes coloridos, que nadam alegremente na calma da maré, parecem as nossas realizações pessoais, que se desenvolvem na quietude e no silêncio da nossa alma, dando cores vivas à existência humana.

E as piscinas naturais, que se formam quando a maré se retira, lembram as condições pacíficas de que goza a alma, quando a serenidade se faz presente em nossas vidas.

Desta forma, serenos e em paz, as pequenas ondas que teimarem em nos atingir, desmanchar-se-ão impotentes, e a





vida renascerá a cada nova maré, mostrando-nos as cores e a imensidão da natureza ondulante, à qual, natural e pacificamente, nesse momento sublime, poderemos nos integrar.

O arrecife particular que todos nós possuímos, será efetivo ou não, de acordo com a nossa vontade de evoluir como seres humanos.

Mas, de um modo ou de outro, visível ou submerso, ele sempre estará lá, pronto para emergir e cumprir seu destino.

Com extrema razão diziam os antigos filósofos que aquele que presta atenção à natureza circundante, acaba conseguindo entender muito melhor a si mesmo, e ao infinito universo que o cerca.

01/09/2014







JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO

“CRÔNICA” (1)

O carrinho

Peri, com seu amigo Pécias, havia terminado de fazer uma compra no supermercado da cidade onde aproveitavam o feriado prolongado de carnaval. No estacionamento, colocou os produtos no porta-malas de seu carro. E o carrinho, que lhe fora útil quando estava nos corredores do supermercado e depois para levar o que comprara até seu veículo, deixou ali mesmo, na vaga ao lado de onde tinha estacionado. Porém, Pécias questionou:

– Peri! Não devíamos levar o carrinho de volta aonde o pegamos?

– Não! Claro que não. Deixa aí mesmo. Um trouxa qualquer desce do carro e tira para estacionar. Não é problema nosso.

– Ah, eu acho que isso não está certo. A gente deveria...
– e foi prontamente interrompido pelo amigo.





– “Se liga”, Pécias! Deixa isso pra lá! Vamos voltar logo pro sítio. O pessoal já deve ter acabado com a cerveja.

Seguiram para a estradinha que levava ao local. O caminho era estreito, repleto de curvas com muitos aclives e declives em pista de mão dupla. Tendo, por isso, inúmeros trechos onde não se enxergava quem vinha no sentido contrário, os chamados “pontos cegos”. Entretanto, como era asfaltado, sempre aparecia algum veículo que, conduzido por jovens sem prudência, sem perícia e, principalmente, alcoolizados, excediam a velocidade máxima determinada nas placas.

A distância do supermercado ao sítio era de nove quilômetros. Peri dirigia respeitando a sinalização. Todavia, quando faltavam dois quilômetros para chegar, um carro em alta velocidade surgiu na contramão logo após uma curva. No ímpeto de evitar a colisão, Peri virou bruscamente o volante para a esquerda. Foi o suficiente para o outro veículo passar, mas não para o seu manter-se na estrada. Peri tentou virar de volta à direita, porém seu carro já estava derrapando na terra com pedriscos e foi de encontro a uma árvore.

O impacto ocorreu do lado do passageiro, onde estava Pécias. O cinto de segurança e o *airbag* atuaram em sua segurança, mas não impediram que o galho de um pinheiro quebrasse o vidro lateral e batesse em sua cabeça. Como Peri feriu o braço só levemente, pois também usava cinto de segurança e foi protegido pelo *airbag*, tratou de acudir o amigo, que ficou desacordado.

Já anoitecia, e o sinal do telefone celular ali era precário, não funcionando na maior parte do tempo. O carro parecia preso na árvore e Peri decidiu que não convinha tentar tirá-lo, pois poderia agravar os ferimentos de Pécias. Daí tratou de acionar o pisca-alerta e voltou à estrada para pedir ajuda.



E logo surgiu um carro. Seus ocupantes notaram o acidente e pararam.

– Uma ambulância com socorristas! Precisamos para retirar meu amigo dali e levá-lo ao hospital! Com urgência, por favor! Peçam pra nós! – disse-lhes Peri.

– Deixa com a gente! – respondeu o condutor e imediatamente seguiu para atender ao pedido.

Alguns quilômetros adiante o sinal do telefone celular permitiu-lhes que ligassem ao “192”. E uma equipe de plantão no hospital da cidade saiu rapidamente com sua viatura para a ajuda. Em poucos minutos Pécias já estava sendo atendido.

Conseguiram retirá-lo do veículo, dar-lhe os primeiros socorros e imobilizá-lo numa maca. Em seguida partiram ao hospital. Com o uso da sirene e das luzes intermitentes abriram caminho e chegaram depressa.

Porém não havia médico. Fato esse corriqueiro nos hospitais públicos do Brasil desses dias. Era para ter um clínico geral de plantão, mas não havia chegado. No entanto, ele fora contatado por um enfermeiro, via telefone, e se encontrava a caminho.

Pécias estava piorando e o doutor não chegava. Os socorristas e enfermeiros não podiam fazer nada além do que tinham feito.

Seis minutos depois, ele apareceu. Peri levantou-se bruscamente e se pôs à frente dele, vociferando.

– O senhor é um irresponsável! Vai ver, se ele morrer! Salva ele! Salva ele! Vai!

O médico agiu rapidamente. Procedeu à realização dos exames necessários, ministrou os medicamentos devidos e, então, chamou Peri para informar.

– O senhor é o que dele?



– Sou amigo de infância, praticamente um irmão. Estamos passando o feriado aqui num sítio.

– Tivemos sorte. – disse o médico – Cheguei a tempo de identificar o problema e medicá-lo antes que o pior acontecesse.

– Agradeço, doutor. Mas por que o senhor não estava aqui quando chegamos? Por que tivemos que passar por essa agonia?

– Eu ia chegar na hora. Atrasei-me por causa de uma dificuldade no estacionamento do supermercado, onde costumo comprar os alimentos para meu lanche aqui no hospital, exatamente para ficar por perto.

– Como assim?

– Quando cheguei ao estacionamento havia duas vagas, no entanto o condutor à minha frente resolveu pôr o carro dele justamente numa que tinha um carrinho largado no meio. Parou no corredor e desceu para retirá-lo. E enquanto ele estacionava, a outra vaga era ocupada por um motorista que entrou pela saída do local. Tentei encontrar uma nova que pudesse ter surgido, mas não achei. Então, saí dali e deixei meu carro na rua, a uns duzentos metros do supermercado. Senão eu me atrasaria ainda mais. Você me entende?

– Sim... – Peri respondeu, com um nó na garganta.

O médico continuou:

– Nesse tempo, o supermercado foi ficando mais cheio e as filas para os caixas, maiores e mais demoradas. Eu não teria me atrasado para esse plantão se alguém não tivesse deixado aquele carrinho numa vaga de estacionamento. Foi isso.

E concluiu:

– É incrível como pequenos atos, aparentemente sem importância, podem ter grandes consequências. Não é mesmo?

Peri baixou a cabeça, voltou a sentar-se e ficou em silêncio.





“POEMAS”

Minha cidade, cidade minha.

Posso estar longe, onde quer que seja,
posso pousar em qualquer lugar do mundo,
mas há paragem que meu coração enseja,
e por ela tem apreço terno e profundo.

A distância que há também com o tempo
faço com que nunca venha a acontecer,
para que eu seja mais em cada momento
partícipe de sua história em meu viver.

Tanto faz quanta riqueza nela existe
e quanta beleza lhe seja admirada;
o valor que de fato para mim consiste
é o meu querer que lha faz ser encantada.

Que localidade é esta que me cativa?
Que cidade pode assim me fascinar?
Será porque em mim está sempre viva
ou só porque onde for a quero levar?

É isso mesmo o que sinto e o que penso,
é isso mesmo minha razão, meu orgulho,
a cidade que tem de mim amor imenso
é esta, minha grande e querida Guarulhos





JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO

Fumava ⁽²⁾

Fumar, ou não?
Eis o pulmão,
a garganta e o coração;
além de atrapalhar
a direção.

E pra quem diz o contrário:
Como não?
Se o cigarro
pega-se com a mão.

A mão que muda a marcha,
a mão que puxa o freio,
a mão que aciona a seta
e o alerta
quando o cigarro cai,
não ao chão,
mas no colo
do João,
que fumava...,
agora não.





Educando político

Criatura da política,
não adianta explicar,
pois um absurdo deste
não dá pra justificar.
Só pode ser maldade
misturada à má vontade,
com estultícia, sem par.

Assim ninguém pode ganhar;
achar que pode é ilusão;
quanto mais analfabetos,
mais perdas pra nação
e a todos que nela está,
porque têm que amargar
a ignorância do irmão.

Nossa vida é comunhão,
cancele o oportunismo
que aproveita da fraqueza
e enriquece com cinismo,
pensando ser ganhador
o endinheirado perdedor
constrói o social nanismo.

Saia do raquitismo
e da crônica leviandade,
faça a transformação,





chega de mediocridade.
Educação seja promovida,
para o bem de toda vida
e a cada um dignidade.

Cumpra a responsabilidade
que a você foi outorgada
pelo cidadão eleitor,
que quer ver implantada
educação pra toda gente,
dando chance igualmente
a uma vida equilibrada.

Porque pessoa educada
não é boa só para si.
Seu viver, que fica melhor,
Inclui você e também a mim.
Tudo em volta fica fácil
e o bem se torna ágil
ao cidadão e ao país.

Educação agora e aqui!
Político, faça acontecer!
Com a burrice todos perdem,
isso inclui a mim e a você.
Seja digno, faça história.
Que sua vida tenha glória.
Com saber, vamos vencer.

Criatura da política,





sê criador você também,
da prosperidade ao povo,
da condição que gera o bem.
Com o poder da educação
seremos grande nação,
para felicidade geral, amém.

“Mensagem ao motorista”⁽³⁾

Antes de sair de casa com seu veículo, você pode fazer uma meditação simples, e rápida, como no exemplo a seguir, mas que também pode ser com suas palavras e do seu jeito. Com isso, tenha certeza de que este dia será melhor, a você e a todos que encontrar pelo caminho.

Neste momento,
e em todo este dia,
decidi que vou dirigir com
segurança, paz e sabedoria.

Serei paciente no trânsito,
cortês e tolerante com
os outros motoristas,
manterei distância de seus veículos,
serei tranquilo, feliz e grato pela vida,

Sinto-me bem
ao volante de meu veículo.





JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO

Peço que Deus abençoe,
oriente e proteja
a todos os motoristas, motociclistas,
ciclistas, pedestres e passageiros.

Que meu veículo e que o trânsito
sejam apenas meios oportunos
de chegar onde quero e preciso
para, a cada trabalho feito
e a cada objetivo conquistado,
realizar um pouco mais dos meus sonhos.

E do mesmo modo que saí,
com saúde, paz e alegria, quero voltar
para o meu lar e para a minha família.

“CANÇÃO”

Saraus, sarais.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.

Se tendes um problema,
conforme seja o grau,
poderia indicar:
participei de um sarau





talvez não acreditais,
é possível que sarais,
dependendo qual o mal.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.

Nesse evento pode ter
variada emoção:
alegria, aprendizado,
mensagem com lição.
Tem música, teatro,
poesia de fino trato,
a tocar o coração.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.

Tereis bons momentos
estando em um sarau,
de modo que voltareis
a tantos mais saraus;
essa festa de cultura,
que até ajuda a cura,
duma dor e doutro mal.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.

É arte em comunhão





entre bons artistas
e seleta plateia,
trazendo à vossa vista
exercício de saber,
que além de entreter,
educa e vos conquista.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.

Se tendes um problema,
conforme seja o grau,
poderia indicar:
participeis de um sarau
talvez não acreditais,
é possível que sarais,
abrandando qualquer mal.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.

Há saraus que sarais
porque são medicinais.





“FRASES” (4)

Se eu ler, se tu leres, se ele ler, nós... saberemos.

Que a chuva refresque o pensamento do que reclama do sol, e que este aqueça a boa vontade do mesmo que agora se queixa da chuva, para que aprenda a apreciar e a agradecer à natureza, que com tais eventos, lhe dá a vida.

Em minhas preces também peço para sempre lembrar de continuar orando.

Ler é mover-se com a engrenagem do verbo; é ter dúvidas com o sinal de interrogação, porém tornar-se resolutivo com o de exclamação; é saber do que já foi ditado, mas ter a expectativa do que ainda se conjugará; é dar pausa quando reticente; é viajar na imaginação para motivar-se a transformar sua realidade; ler é, acima de tudo, ultrapassar o ponto final.

A cada um é permitido usufruir do mundo, mas a cada um também cabe, no dia a dia, deixar este mundo melhor do que quando chegou.

As leis só existem porque, em algum momento, nós, através de nossos representantes, as criamos e as promulgamos. Então, para revogarmos as que não prestam e substituírmolas por outras que nos sirvam, basta que nos unamos e ordenemos aos nossos representantes o que é para ser feito.





Alguns livros ensinam a pensar; alguns pensamentos ajudam a mudar as pessoas; algumas pessoas contribuem para melhorar o mundo.

1. JERÔNIMO, J.R. *Peri & Pécias no Trânsito – Crônicas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2015.
2. _____ *Via e Versos, Por Um Trânsito Mais Humano*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2015.
3. _____ *Como Se Tornar Um Asno Volante Em 19 Lições Erradas*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2010.
4. _____ *As Mil Frases de J.R. Jerônimo*, Guarulhos, Ed. do Autor, 1ª edição, 2014.





LINEU ROQUE ACEIRO

Senhor Presidente.
Senhoras, senhores...

Sejam minhas primeiras palavras uma saudação carinhosa, preito e homenagem ao ilustre colega e confrade Clóvis Domingues, notável presidente que ora deixa o cargo – cujo caráter, inteligência, paciência, cultura e dedicação a serviço desta Academia tanto elevaram e enobreceram a sua função, valorizada e por todos bastante aplaudida.

Acadêmico e escritor, presidente e velho amigo, tem sido um extraordinário artífice das atividades acadêmicas desta Casa. Grande parte do brilho que a Academia conquistou entre as instituições co-irmãs, devemos ao seu esforço, trabalho, dedicação, paciência (sem queixumes), confiança! – confiança é a cola que gruda os relacionamentos, o que terminou por influenciar seus confrades e congreiras a participarem ativamente das reuniões mensais e eventos promovidos pela assessoria desta Casa de Cultura – a Academia, lugar onde Platão ensinava filosofia.

Nestes 36 anos de existência de fecunda produção de fraterna convivência, é de se destacar principalmente a recepção entusiástica que a Academia ofertou a inúmeras rea-





lizações culturais: A Semana Castro Alves, saraus, a posse de novos acadêmicos, homenagem ao Dia Internacional da Mulher, galardões ofertados a ilustres personalidades da cidade, condecorando-os com o Medalhão João Ranali, as Feiras de Livros, a mostra de respeito e veneração aos 4 remanescentes da fundação desta Confraria, (Baddini, Castelo, Gasparino e Oscar Gonçalves), a visita de cortesia que fizemos, de quase todo o Sodalício a Gasparino José Romão – encontro repentino que logo se transformou num lenitivo para a alma da gente. As homenagens de carinho e respeito a João Ranali e Adolfo Vasconcelos Noronha. A aquisição necessária de 40 novas cadeiras, pintura e placa alusiva afixada no prédio da Academia. O chamamento dos faltosos! Tremeram as colunatas da Academia Guarulhense de Letras.

O mais notável, entretanto, na gestão do Clóvis, foi certamente o Convênio firmado com a Secretaria de Cultura da nossa cidade, cuja colaboração irrestrita, devemos ao ilustre secretário acadêmico Edmilson Souza Santos, feito que jamais esqueceremos!

A cadeira que recebeu o nº 13 deste Sodalício, tem como patrono o advogado e poeta Guilherme de Almeida. Essa valorosa cadeira é atualmente ocupada pelo professor e acadêmico fundador Ary Baddini Tavares. Pois é esse homem que, de cabeça erguida, toma posse hoje na difícil e importante posição de presidente desta Casa de letras – isso em cumprimento legal ao que lhe foi ordenado pelo voto consciente de seus eminentes confrades. Responsável e competente, como todo ser humano tem suas dúvidas, dúvidas e apreensões, mas ele tem um programa de trabalho entabulado. Aos acadêmicos não é dado escolher diretrizes. O nosso caminho





só tem um norte, a nossa estrada uma só direção: o cumprimento da lei, prevenção da cultura da língua nacional, o amor à bandeira de nossa pátria e, entre outros, a preservação do pouco patrimônio histórico que nos resta; onde estão as estações do trem? O casarão do Saraceni, as ruínas da mineração, as olarias dos italianos, onde estão?

Do que é capaz no cumprimento do dever o novo presidente!, penso já ter dado pública demonstração em mais de 35 anos de vida e convivência acadêmica. Ele traz para esta nova função muito de sua experiência: presidiu esta confraria na gestão 2003/2004, ocupou diversos cargos em suas diretorias, são inúmeros os livros que tem publicado. Jornalista e professor emérito das FIG – Faculdades Integradas de Guarulhos, hoje UNIMESP. Nesse glorioso Estabelecimento de Ensino, durante anos seguidos soube como bom mestre, preparar, educar, aqueles que tiveram a oportunidade de lhe ouvir falar, e que guardaram os seus ensinamentos para servirem de degraus na longa caminhada em busca do ideal tão sonhado, ideal que não se consegue sem a mescla de amargura, desenganos e desencontros, mas, esperanças, esperanças que a cada dia iam se renovando...

* Meu filho Fábio esteve aqui um dia... Então ele me disse: Pai, aquele acadêmico que a neve pintou seus cabelos foi meu professor, bom professor pai, todos gostavam muito dele! * O Ary Baddini.

Para que não faltasse a genuína explosão da mais justa alegria, aqui se encontra também – além dos senhores e das senhoras, amigos e seus confrades, a dona Simone, Dr^a Simone, pois, atua nas lides forenses da cidade, a esposa exem-





plar, mãe idolatrada, a companheira de todas as circunstâncias da vida do casal, trazendo para o marido neste momento de consagração, o calor do próprio lar – do lar aconchegante do apartamento de Santana, para participar desse benfazejo oásis de felicidade que é a posse do companheiro na presidência da Academia Guarulhense de Letras.

Na contracapa do livro de autoria dos confrades Mauro e Teresinha, “A História da Academia Guarulhense de Letras”, topamos com calorosa manifestação do agora presidente Ary Baddini Tavares, que tão bem mostra o seu alto espírito acadêmico: “Uma Academia de Letras se constrói como um edifício de sonhos, onde os tijolos são os ideais de cada um, procurando levar para a sociedade humana um pouco mais de saber e de fantasia, através das criações literárias. Se me permitem os senhores ouvintes, não fecho aspas, porque as palavras originais do presidente têm muito mais de belezas do que aqui foi dito.”)

Vós que me escutais.

Agradeço o silêncio respeitoso e amável. Obrigado por me emprestarem seus ouvidos, para que eu pudesse falar e os senhores me ouvirem.

A palavra é dom de Deus. A palavra é o verbo sagrado. Há palavras que choram e lágrimas que falam – tomei a palavra e usei dela, e é tempo de fazê-la silenciar. Mesmo porque, nesta hora feliz lembro o poeta distante:

“É grave incomodar os outros, fazê-los sair de casa, pô-los de pé...”





É grave prendê-los longos minutos, mãos estendidas, coração tendido, implorando uma luz ou um bocadinho de coragem para viver, para agir, para amar..”

Parabéns Baddini, boa sorte, saúde, saúde e sucesso pleno.

De pé aplaudimos a tua passagem triunfante!!!

(Veio abaixo o auditório Baeta).

Discurso de posse de Ary Baddini Tavares

Guarulhos, 26/09/2014.

* Lineu Roque Aceiro *

MORTE

Tememos a morte, entre outros e variados motivos, porque traz sofrimento; no plano físico, apresenta-se a dor e, muitas vezes, uma série de sintomas incapacitantes que vão aos poucos deteriorando a qualidade de vida; e, no plano psicológico, significa perdas, separações, lutas, temores, raiva até, e tristeza profunda.

Mário Quintana, levíssimo poeta Riograndense, explicou a coisa com humor:

“ Um dia... pronto!... me acabo.

Pois seja o que tem que ser.

Morrer: que me importa?

O diabo é deixar de viver!”

../.





MENSAGEM À MULHER

Bom dia, boa tarde, boa noite.
Flor do dia, flor da tarde, flor da noite,
Eu preciso de você...

Quando você se levantou pela manhã, eu já havia preparado o sol para aquecer seu dia, e o alimento para sua nutrição. Sim, providenciei tudo isso enquanto vigiava seu sono, sua família, sua casa.

Esperei pelo “bom dia”, mas você se esqueceu... Bem, você parecia ter tanta pressa, que perdoei.

O sol apareceu, as flores ofereceram seu perfume, a brisa da manhã o acompanhou e você nem lembrou que eu é que havia preparado tudo para você. Seus familiares sorriram, seus colegas o saudaram; você trabalhou, estudou, viajou, realizou negócios, alcançou vitórias, mas não percebeu que eu estava cooperando com você e teria atuado mais, se você tivesse me dado chance. Eu sei, você corre tanto... Perdoei.

Você leu bastante, ouviu muita coisa, viu mais ainda, e não teve tempo de ler ou ouvir minha palavra. Eu queria falar, mas você não parou para ouvir. Eu quis até aconselhá-lo, mas você nem pensou nesta possibilidade. Seus olhos, seus pensamentos, seus lábios seriam melhores. O mal seria menor em sua vida. A chuva que caiu à tarde foram minhas lágrimas pela ingratidão, mas foram também, minhas bênçãos sobre a terra, para que não lhe faltasse o pão e a água.





Findou seu dia. Você voltou para casa, mandei a lua e as estrelas tornarem a noite mais bonita para lembrar-lhe do meu amor por você.

Certamente, agora você vai dizer um “obrigado” e uma “boa noite”. Psiu... está me ouvindo? Já dormiu. Que pena! Boa noite, durma bem. Eu fico velando por você.

Outubro 2014.

INFORMAÇÃO HISTÓRICA

Bandeirantes – As bandeiras tinham caráter particular e objetivos mais nitidamente econômicos, foram empreendidas, sobretudo, por paulistas, visando a capturar índios para utilizá-los no trabalho escravo e a descobrir jazidas de pedras e metais preciosos. Valentes e corajosos, foram bandeirantes famosos: Antônio Raposo Tavares, Fernão Dias Paes, Domingos Jorge Velho, Bartolomeu Bueno da Silva, Manuel de Borba Gato, entre outros.

Atribuiu-se aos bandeirantes a expansão territorial do Brasil (antes limitada oficialmente pelo Tratado de Tordesilhas), o povoamento do interior e o levantamento dos recursos naturais do país. Mas eles foram também responsáveis, infelizmente, pela dizimação avassaladora de muitas populações indígenas, atacando até mesmo as Reduções Jesuíticas para aprisionar índios.

Há poucos anos, o Senhor Júlio Mesquita lendo uma velha monografia, publicada na Revista do Arquivo da cidade





LINEU ROQUE ACEIRO

de São Paulo, deparou-se com uma preciosa informação histórica: “a avó materna de Tiradentes era natural de Nossa Senhora da Conceição dos Guarulhos”.

A referência, admirável por sinal, apenas reitera o fato já conhecido de que, nas raízes históricas das mais antigas cidades mineiras estão as botas de sete léguas dos bandeirantes...

Adaptação do Livro “Guarulhos”
Adolfo Vasconcelos Noronha – p. 98.





MARIO YOSHINAGA

CRISE E OPORTUNIDADE URBANA

Crise e oportunidade, no ideograma chinês, é o mesmo. Sabedoria milenar que está presente nos nossos dias, nas nossas cidades.

A cidade de Medellin, na Colombia, aqui próximo, na América do Sul, e Bilbao, na Espanha, da distante Europa, são exemplos de cidades que chegaram ao fundo do poço, e de forma criativa, tornaram-se exemplos de recuperação de cidades, antes dominadas pela apatia, pelo terrorismo, e consideradas irrecuperáveis e praticamente falidas.

As crises foram motivadoras de reformas urbanas radicais nas cidades, algo como remédios amargos, para romper com os padrões tradicionais de desenvolvimento urbano de forma corajosa e planejada.

Essas intervenções urbanas radicais, segundo se verifica ao longo da história foi viabilizada por uma forte vontade política de seus dirigentes, objetivando adequá-las a propósitos específicos.

Assim, no século XIV, o Papa Sixtus V construiu grandes vias retas unindo os principais polos de peregrinação de Roma, dessa forma organizando o roteiro dos religiosos com





percursos diretos e concentrados, possibilitando ao mesmo tempo o incentivo ao comércio de artigos religiosos ao longo dessas estradas.

Segundo os mapas da época, percebe-se duas interessantes condições dessas estradas traçadas pelo Papa Sixtus V: por serem vias absolutamente retas, constituíam os menores percursos entre os pontos referenciais dos peregrinos, portanto sem chances para o desenvolvimento de atalhos, constituindo-se no melhor atalho, sendo portanto a menor distância uma garantia do seu uso e sobrevivência no meio urbano; a outra condição, tão estratégica como o menor percurso, porém derivada dela, foi a sua implantação num terreno de topografia acidentada, fazendo com que a estrada, diferentemente das usuais que seguiam as curvas de níveis sempre que possível, tivesse um percurso de subidas e descidas, e que aos olhos dos peregrinos, fazia com que as construções a serem visitadas, localizadas no foco das estradas, ora eram vistas no percurso da subida e ora desapareciam no percurso de descida, e a cada sumida e ressurgimento, a fé se renovava pela aparição cada vez mais próxima desses marcos urbanos.

Catedrais e monumentos, nesse caso, estavam integrados com as estradas, dando um exemplo, talvez pioneiro, da necessidade das vias públicas e uso do solo estarem vinculados numa estrutura tipo origem-meio-destino para maior eficiência de mobilidade urbana, que tem sido por décadas uma fala dos especialistas em engenharia de tráfego, estranhamente ignorada pelos Urbanistas.

Essas vias estruturais, além do traçado em reta, que tende a eternizá-la, como comentado anteriormente, precisa ter





uma largura ou pelo menos uma faixa de domínio suficientemente larga, para que a coloque no topo da hierarquia viária.

Para os interessados, uma pesquisadora americana, Jacqueline Tatom, fez interessantes considerações sobre essas vias estruturais em cidades como Paris e seus boulevards, Boston e suas Parkways e as avenidas de Barcelona, em seu texto *Urban Highways and the reluctant public realm*, sob a visão de Paisagismo Metropolitano. Ela entende que essas vias de grande porte, quando tratadas com um bom desenho, conseguem entrosar-se no meio urbano, em vez de serem vistos como intrusos a serviço dos transportes.

A minimização de percursos das estradas, na cultura romana já existia na época, fora das muralhas de Roma, implantadas pelos estrategistas em logística militar do Império Romano, conhecidas como Appias, cujas ruínas são visíveis próximos aos portais de entrada da cidade, embora algumas tenham desaparecido, substituídas por vias no padrão rodoviário atual.

O império romano abriu estradas predominantemente retas ligando os territórios conquistados, e com condições de tráfego em dias de chuva e durante a noite, para surpreender os exércitos inimigos com a mobilidade de suas tropas. As estradas do Império Romano foram feitas com o objetivo de logística militar, e para assegurar seu funcionamento em dias de chuvas, foram pavimentadas com pedras, e tendo a pista mais elevada que o terreno, para ter boa drenagem, e as pedras claras para serem vistas com pouca luz, e longos trechos retos para facilitar o deslocamento dos veículos de transporte.

Parece, salvo melhor juízo, que o Papa Sixtus V desenvolveu o esquema conhecido pelas radiais como – todos os





caminhos levam à Roma – implantando-os na Roma intramuros, desenhando uma teia interligando os Portais da cidade aos pontos de peregrinação e de referência urbana, como as estátuas e obeliscos.

Ao que tudo indica, o traçado dessas vias teve um efeito tão forte no desenvolvimento urbano que várias delas foram estendidas seguindo a implantação original.

Dois séculos depois do Papa Sixtus V, o prefeito de Paris, Barão Haussmann, registra uma ousadia similar, porém num ambiente densamente construído, causando enormes impactos ambientais pela necessidade de desapropriar um grande número de imóveis.





MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA

A vida é pra ser vivida, porém, há que se tirar dela todas as benesses ofertadas, usando e abusando da expertise, privilegiando os melhores momentos, escolhendo as melhores pessoas, acatando os melhores conselhos. Daí, preparado, aceitar plenamente aqueles que lhe demonstram amor e, dentre os amigos, encontrar o par para somar, dividir, multiplicar até encontrar o caminho que os conduza para a tão sonhada felicidade.

DÚVIDAS...

Impossível ignorar a finitude tão temida,
Se a única certeza que se tem é a morte,
E, quanto tempo, ainda, me reserva a vida
Que tanto me deu: a luz, o amor, a sorte.

Há de chegar a hora de se concluir a jornada,
Mas que seja tardia, sem pressa, sem surpresa,
Pois, ainda tenho muito o que fazer na caminhada,
Desvendar, desfrutar, amparar, seguir a correnteza.





MAURO DOS SANTOS OLIVEIRA

Vai metade de mim, alçar um vôo cego,
Deixe-me a sós, mergulhado em pensamentos,
E, ao retornar sofrida e ferida em seu ego,
Me encontrarás pra amenizar teus sofrimentos.

Tal qual as ondas que ao retornarem,
Encontram forças para um novo impulso
As nossas vidas ao se interligarem
Usam, também, deste mesmo recurso.

Amar ao próximo como a ti mesmo, axioma que deve
regular o comportamento humano, inundando o Universo
de amor, contagiando a todos os seres, permitindo que se
regozijem com os influxos benéficos da felicidade.

DEVER DE OFÍCIO

Eu não te faço favor quando te acaricio,
pois, satisfação a vontade de sentir prazer
e se te faço feliz com o que propicio,
é meu dever revelar o meu bem querer.

O que sobeja do amor que te ofereço,
Reparto com quem gravita ao meu redor
E dando mais amor àqueles que conheço
Amor eu tenho pra aplicar melhor.
No vai e vem que alegra este compasso
Vamos vivendo a vida sempre atentos
Entre sorrisos, beijos e abraços
Aproveitar, curtir cada momento.





Algum profissional estudioso e compenetrado se preocupou em ressaltar as 7 maravilhas do mundo. A mim, que ousou cantar as coisas do coração, coube traduzir a maravilha que encanta os meus dias e me proporciona devaneios incríveis e me complementa com a meação desejada. Sabe das minhas dores e como arrefecê-las. Sabe das minhas alegrias e nelas se integra. Sabe dos meus sonhos e compartilha nas realizações. Ajuda a suportar a carga profissional abraçando as causas e participando das soluções. Divido com Teresinha as agruras dos fracassos e os méritos dos sucessos nas proporções suportáveis por um casal que se ama.

MINHA MUSA

Meus olhos contemplam sua bela nudez,
registram, as retinas, ritual perfeito,
mimosa, acanhada, despida, sem jeito,
por certo escudada na atroz timidez.

Revela seu corpo dourada escultura,
tal qual desenhou o meu imaginário,
um sonho, suponho, ser meu santuário,
sagrado, sonhado, real, és tão pura.

Tão bela, candura, tão cheia de graça,
que vendo seu corpo, meu corpo estremece
e sendo tão minha, a mim se oferece,
e assim me fascina, me envolve, me abraça.





Não importa a forma escolhida para falar de amor a quem se ama, o importante é expressar a declaração sem meios termos. Assim, ante a possibilidade de guardar o sentimento tão grande dentro do peito, melhor dividir com a companheira que me inspirou.

CONFISSÃO RESUMIDA

Eu disse pouco pra você
Eu disse quase nada
Eu disse só, meu bem querer
Eu disse amor, amar, amada
Eu disse só viver, lhe ver
Eu disse tudo... eu disse nada.

E se esta forma de falar da vida,
simplista, pura, sem teor formal,
que não agride, nem é atrevida,
exprime um jeito todo natural
de lhe falar o quanto és bendita,
sem o condão de confissão fatal.
Mas, o que eu sinto não traduz os ditos,
tampouco, os gestos estão a falar,
Se são ligeiros, mostram-me aflito
e, se morosos, deixam a desejar
Mas, se olhares meu olhar constrito
Verás que tenho a vida pra lhe dar.





E tendo a posse desta vida errante
Terás, por certo, que mudar-lhe o rumo
Para entender de quem serás amante
Fazendo tudo pra manter-lhe o prumo
Tarefa um tanto quanto desgastante
Final feliz num singular resumo.

MELHOR DEIXAR FALAR O CORAÇÃO...

Melhor seria me prover do seu encanto,
Recostar-me em seu colo, ouvir o seu canto
E depois de mimado com o seu acalanto
Envolver-me em seus braços, a guisa de manto
Bem longe de tudo, dormir como um santo.

Acordar na manhã esboçando um sorriso
Na certeza de ter tudo o que é preciso
Pra viver com você neste meu paraíso
E ouvi-la à exaustão, sem valor de juízo
Pois você é o ser com quem eu afinizo
E pensar em perdê-la me faz indeciso.







NELSON NATALINO

Dezembro de 2014 marca minha entrada para a Academia Guarulhense de Letras. Desta forma, esta é a minha primeira participação na Revista da Academia, então eu gostaria de aproveitar esta oportunidade e o espaço que foi oferecido, para apresentar uma pequena mostra do meu trabalho como escritor. Ou melhor, como contador de histórias, pois assim me avalio melhor, utilizando-me das diversas formas com as quais possa contá-las, flinando pela poesia, pela música, pela dramaturgia, pela prosa (em contos, crônicas ou romances), ou seja, a forma que melhor se apresente no momento em que determinada história venha ao meu encontro para ser contada.

Aqui vão alguns exemplos:

CRÔNICA

Palavras ao Vento

A palavra soa frágil na ponta rollerball da minha Bic cristal. Talvez, para que ganhasse credibilidade, fosse necessária a intervenção de uma pena adornada pela pluma de um





pavão, um tinteiro com tinta azul lavável, onde cuidadosamente a pena fosse mergulhada para transformar o azul royal líquido em palavra concreta, sob a tênue luz das velas espetadas em família de quatro no castiçal de prata escurecida.

Houvesse ainda o complemento de uma túnica em tons de cinza jogada sobre o meu corpo magro, uma toalha de organdi puída pelo tempo jogada sobre a mesa, livros com seus títulos escondidos sob uma camada de poeira, chinelos com solado de couro e um globo com o velho Mediterrâneo voltado para a face norte, talvez se concedesse mais propriedade às palavras, antes que elas adentrassem no túnel infinito dos meios magnéticos.

Nós, os deuses mortais de carne, reinventamos a comunicação, o tempo e o meio. Revisitamos a vida. Reinventamos o jeito, onde sussurramos palavras digitais que se espalham em tempo real através de um megafone universal do tamanho do mundo.

Hoje, as palavras jogadas ao vento, desabam nas mesas de presidentes e sheiks, monarcas e putas, padres e donzelas e loucos, vagabundos e burocratas, enfim... se espalham como fogo na pólvora, sem bater na porta, sem pedir licença, sem aquele velho bernal encardido do mensageiro.

Nós reinventamos o papel do papel.

Mero figurante se rende, humilde, sujeitando-se a ser tão somente eventual e rele portador das palavras. Saudosista e melancólico estende seus olhos para trás e relembra o romantismo das cartas perfumadas entregues sorrateiramente. Não é dado o direito, nem a mim nem a ninguém, a nenhum dos deuses mortais, do atrevimento de soprar e apagar as velas dos velhos castiçais. Não.





O tempo consome a vela.

Entre seitas, dogmas e parábolas, algum dia, um ancião, venerado entre os deuses, arrastará sua cadeira, riscando o assalho com um rangido estridente, para sentar-se, escrever suas últimas palavras num velho e tosco caderno amarelado, fechará os olhos e aguardará que suas palavras ganhem a eternidade e a posteridade. Quando o vento bater entre os espaços da veneziana, se dará ao trabalho que não nos é permitido.

E das trevas sempre se fará luz.

CONTO

Bandidos

Eles dividiam aquele quarto fétido, ao lado do córrego que conduzia os dejetos daquela comunidade marginal que se estabelecera ao longo dos últimos dois anos, próxima à zona central da cidade. Estrategicamente construída, permitia o acesso a duas largas avenidas, rotas de fuga. As armas embaixo dos travesseiros encardidos apontavam para o medo que sentiam de que fossem encurralados no barraco pela polícia, para prendê-los, já que não pagavam propina a nenhum e, por princípio, a ninguém.

Fizeram um pacto, certo dia. Resistiriam ali até a morte. Por isso, chamavam o dormitório de alçapão. Talvez fosse ali o seu túmulo. O local onde a alma se lhes escaparia do corpo rumo à expiação. Do crime, já haviam se arrependido. Ambos haviam confidenciado em meio a uma das noites mal





dormidas a sua compunção por terem entrado nesse caminho. Consideravam-no, entretanto, de mão única.

Não guardavam mais dentro de si, sequer um átimo de piedade. Matavam gente, assim, como nós matamos insetos. Apenas para livrarem-se delas, após despojá-las de seus pertences mais valiosos, por vezes relógios baratos, ou dinheiro miúdo destinado ao pagamento da condução para o trabalho ou para casa. Vez por outra, antes de matá-las, abusavam sexualmente das suas vítimas, fossem estas mulheres ou homens, posto que ao longo das penas cumpridas, a cadeia se incumbira de homo ou bissexualizá-los.

O dinheiro lhes abastecia o vício do cheiro. Pó. O maldito.

Naquela noite de garoa intermitente, antes de dormir, ambos estavam inquietos, pois haviam planejado um assalto a um dos supermercados de uma grande rede, cujo carro blindado recolhia a fêria da noite anterior às 7 da manhã. Deveriam entrar e render os funcionários as seis, enquanto terminavam de contar o dinheiro para acomodá-lo no malote. Seria a primeira vez que fariam algo desse porte. Mas tudo havia sido bem planejado. Até mesmo o funcionário que lhes passara todas as informações concordara em ser baleado na perna, para não suscitar suspeita.

Tucano, que assim era chamado pela anomalia de sua nariganga, levantara-se diversas vezes durante a madrugada, perturbado por estranhos ruídos do lado de fora do barraco.

Nicola, o comparsa, sono pesado, ressonava. Mas bastou que o primeiro tiro varasse as duas paredes do barracão para que ele saltasse, arma em punho e atirasse a esmo devolvendo balas para o lado de fora do barracão. Gritou para que Tucano se deitasse, quando a saraivada de balas batucou no





zinco do barracão, mas não obteve resposta do companheiro. Num breve momento em que um raio entrecortou o céu, ele viu de relance o sangue correndo pela testa do amigo caído no chão. Incontinenti, sentiu o chumbo quente penetrando em diversas partes do corpo, ardendo na carne, por instantes. Quando tombou, já sem vida, os olhos arregalados recebiam a água da chuva que penetrava pelos vãos do telhado mal assentado. No momento em que as almas pactuadas pularam do corpo e se olharam, e olharam em torno de si, puderam constatar que anjos caídos, gênios maléficos, membros do exército de Lúcifer, já se encontravam ali para recepcioná-los em júbilo.

Abraçaram-se e foram. O Mestre os receberia pessoalmente, ainda aquela noite.

DRAMATURGIA

Trecho do musical “Na era dos homens macacos” -
2014

CENA 3

DANTON ENTRA EM CASA VOLTANDO DA ESCOLA E JOGA SUA MOCHILA NO CANTO. TEM AS ROUPAS DE MATERIAL SINTÉTICO. OS POUCOS MÓVEIS NECESSÁRIOS, ESTÃO GASTOS PELO TEMPO. NA SALA SENTADA NA POLTRONA VELHA A MÃE TEM O OLHAR PARALIZADO E PERDIDO.





ELA DEMONSTRA ESTAR AUSENTE A MAIOR PARTE DO TEMPO. NÃO SORRI.

DANTON Mãe... cheguei! (EMPOLGADO) Hoje no Galpão 97 teve outra oficina de sobrevivência... Uma oficina nova, mãe! Aprendi tanta coisa lá! Sabe o que o instrutor falou? Que os humanóides existem há pouco tempo, mãe... Que eles são uma transmutação dos humanos para se adaptar aos novos tempos... E que eles têm muitas linhagens de acordo com o local onde viviam seus ancestrais e de acordo com as necessidades... mas eles tem um problema sério, mãe. O coeficiente de inteligência deles é muito baixo. Eles disseram que isso foi causado pela falta de árvores.

Falta de árvores... nós não entendemos porque a falta de árvores pode causar consequências genéticas. Mas o instrutor explicou que com a devastação das florestas o oxigênio ficou degradado. E aí, mãe sabe o que aconteceu? Isso alterou... alterou... (PEGA UM FONE DE OUVIDO LIGADO À UMA CANETA DE METAL PRATEADO) Espera que eu anotei aqui. (PÕE OS FONES E FAZ MOVIMENTOS COMO SE ESCREVESSE NA PROPRIA MÃO PARA VERIFICAÇÃO) Alterou a morfologia dos gametas para adequação ao ambiente. (PAUSA – OLHANDO PARA A MÃE) E aí? (PAUSA) Você quer saber, né mãe? E aí? Nós também ficamos curiosos. (COM ÊNFASE) As crianças nasceram com mutações e deformações. Alguns nem parecem humanos, mãe. Outros parecem





macacos. Outros... nascem sem braços, sem pernas e seus cérebros já vem prejudicados. Ele falou mãe, que se continuar assim, em breve teremos uma população de macacos e depois subespécies de macacos... até sermos um nada!

E é por isso que eles têm que cuidar de nós. De todos nós. A disciplina tem que ser rígida. Temos que obedecer o Grande Imperador. Ele é nosso pai. Ele zela por nós. Nós somos felizes por estarmos dentro do pulmão mecânico. Não precisamos de máscaras. Pelo menos aqui temos ar puro... E cada um de nós, gasta 140 a 150 m³ de ar por dia. Ele falou. Por isso temos que trabalhar para pagar pelo ar que respiramos! É lógico! Senão a gente ia estar lá fora... Usando aquelas máscaras para poder respirar... Quem sabe, mãe, até eu já não teria nascido com mutação genética... Quem sabe não seria também um menino-macaco?

A MÃE COMEÇA A TER PEQUENAS REAÇÕES. COMO SE ESTIVESSE VOLTANDO DE UMA ANESTESIA.

MÃE Danton! Danton... eu... eu...

DANTON Calma, mãe... calma.... já, já tá na hora de comer outra vez...

MÃE Não, Danton! Não quero...

DANTON Calma, mãe. Fica calma. (PAUSA) O pai ainda não saiu do impedimento?





A MÃE CHORA E NERVOSA, BALANÇA A CABEÇA
NEGATIVAMENTE.

DANTON Mas ele deve sair logo. Já faz tempo que está impedido. (PAUSA) O instrutor falou que as usinas de dessalinização estão contratando, mãe... Se o pai não estivesse impedido ele podia ir trabalhar lá. E sabe como eles pagam mãe? Com o que eles mais têm lá. Com água potável!!! Também, com aquele marzão de água salgada pra dessalinizar, o que mais sobra lá é água! Se o pai trabalhasse lá, a gente ia ter água, fora do racionamento, mãe! Já pensou? A gente poder tomar mais de um litro de água por dia! A pele ia melhorar muito, né mãe?

OUVE-SE UMA SIRENE. A MÃE DE DANTON FICA AGITADA.

DANTON Tá na hora de comer, mãe. Vou pegar seu almoço.
(SAI)

MÃE Não! Eu não quero... eu não quero isso...

VOLTA COM UMA CAIXA ONDE SE ENCONTRAM TABLETES DE COMIDA PRENSADA .

DANTON Tá aqui, mãe. Olha este é pra você comer...

MÃE Eu não quero...

DANTON Mãe o doutor disse que na sua idade você tem que comer isso. São proteínas e vitaminas... tem cálcio pra fortalecer o seus ossos que estão fracos. E isto... (PEGA UM ENVELOPE QUE CONTÉM UM PÓ QUE ELE MISTURA EM MEIO COPO DE ÁGUA – A MÃE





FICA DESESPERADA AO VER A ÁGUA E TENTA TOMAR DAS MÃOS DE DANTON) Água totalmente purificada. Você só pode beber a água se comer tudo. É ordem do médico. Você quer morrer? Coma.

A MÃE SE NEGA A COMER E TENTA NOVAMENTE PEGAR A ÁGUA DAS MÃOS DE DANTON.

DANTON Não adianta, mãe. Come. Estou fazendo isso para o seu bem. Você quer morrer, mãe? Tem que comer. Eu almocei lá. Hoje comemos batata, arroz e peixe. Peixe! (MOSTRANDO FELICIDADE) Hoje eu comi peixe do viveiro central, mãe! (A MÃE PEGA O TABLETE E MORDE) Isso, mãe! Come tudo e te dou a água. Sabe o que o instrutor disse? Os peixes que hoje são criados em viveiros existiam aos borbotões nos rios... e que há muito pouco tempo bastava abrir a torneira e pegar quanta água se quisesse. Que havia água em abundância. As pessoas morriam com 75 ou 80 anos. Hoje, sem água, nem chegam aos 50. Problemas renais lotam os hospitais. Você bebeu muita água, né, mãe?

A MÃE CONTINUA COMENDO O TABLETE E OLHANDO DESESPERADAMENTE PARA A ÁGUA.

MÃE Me dê água...

DANTON Só um pouquinho, hein mãe? Aproveita e toma esse comprimido hidratante. (ENTREGA UM COMPRIMIDO PARA A MÃE QUE O COLOCA NA BOCA





NELSON NATALINO

– E DEPOIS A SERVE UM POUCO DE ÁGUA QUE ELA SORVE LOUCAMENTE) Nossa, mãe! Até esqueci do pai...

A MÃE VOLTA A COMER O TABLETE E O COME ATÉ O FIM. DANTON PEGA UM TABLETE E PREPARA UMA ÁGUA QUE LEVA ATÉ UMA PORTA QUE TEM UMA ENTRADA EMBAIXO PARA ELE COLOCAR UMA PEQUENA BANDEJA COM A ÁGUA E O TABLETE. DANTON BATE NA PORTA.

DANTON Olha aí, pai! Sua comida...

PAI (EM OFF) Não quero essa merda.

A BANDEJA VOLTA PARA FORA SÓ COM O TABLETE.

DANTON Pai... o senhor é teimoso! Desse jeito vai ficar mais um mês aí dentro! As câmeras de infravermelho estão vendo tudo. Aí dentro também. Come, por favor... (COLOCA NOVAMENTE A BANDEJA NO QUARTO - DE DENTRO SÓ SE OUVI UM GRUNHIDO DE REPROVAÇÃO)

A MÃE VOLTA ARRASTANDO OS PÉS LENTAMENTE PARA SUA POLTRONA E SE JOGA NELA, FICANDO NOVAMENTE COM O OLHAR PERDIDO NO NADA. AUSENTE. DANTON SE APROXIMA.

DANTON Ah! Comeu tudo? Muito bem. Tome sua água.





A MÃE TOMA, AGORA SEM AQUELE ÍMPETO ANTERIOR. TEM OS BRAÇOS ESTENDIDOS E INERTES. O OLHAR VIDRADO.

DANTON Isso! Bebe, bebe... (PAUSA) Sabe o que eu aprendi também, mãe? Que o mundo era dividido em territórios, chamados países. Não era como agora, que nós temos “o grande imperador” que olha e pensa por todos nós e todos têm o direito à mesma coisa. Cada país tinha o seu comandante. E o comandante de um país, queria a riqueza do outro país para o país dele. As coisas do solo, minérios, terras férteis, petróleo. E sabe o que acontecia? Guerra. Por tudo acontecia uma guerra. Começava com 2 países e depois todo mundo entrava na briga. Chegou uma hora, mãe, que ninguém sabia quem estava do lado de quem... eles iam acabar destruindo o mundo, com bombas que eram cada vez mais poderosas. Eram armas nucleares, de destruição em massa. Eles criaram armas químicas... armas genéticas... Ele falou que eles criaram uma arma que acabou saindo do controle e gerou uma doença que matou muita gente! A doença deixava as pessoas sem imunidade. Eles ficavam doentes e não tinha remédio que curasse. Um simples resfriado matava. Já pensou, mãe? Pensou, né? Você viu isso acontecer né, mãe? (PAUSA – GUARDA O COPO)





E as armas nucleares? Cada país possuía a sua bomba e jurava que era mais potente que a dos outros. E Deus? As pessoas guerreavam em nome de um Deus! E você não sabe, mãe. Que burrice! O Deus de um lado era o mesmo Deus do outro lado! E eles se matavam, em nome d'Ele...

Foi aí que o Grande Imperador com sua sabedoria conseguiu mudar tudo... E ele ficou muito triste porque achou que já era tarde demais... Os homens já tinham acabado com quase tudo e a natureza precisa de muitos anos talvez séculos para se recompor... e o Grande Imperador começou o trabalho de unificação e reconstrução e agora, todos nós temos que nos sacrificar... Não podemos passar do limite em nada. Temos que obedecer as regras do Grande Imperador, pois senão o mundo vai virar um grande deserto sem vida... nós todos vamos morrendo, morrendo, até não sobrar ninguém...

POESIA

Assim, assim

Se me sinto assim, entre os demônios da vida,
Bastando-me só, porém de ti precisado,
vem assombrar-me a vontade do grito calado
A maldade que vem e se cabe, de tão descabida





Não apraz olhar-se o vento pois nada se vê,
Ou cantar as canções que só ninam adultos
Nas sombras que aos olhos se fazem só vultos
Perdi-me outra vez sem nem como ou porquê
Conta-me a lua em ondas de luz
Segredos que alguém não ousou me contar
Contou dos demônios que vêm me atizar
Da pele tão clara, que cala e seduz
Disso perdido me faço mais me perder
São as tuas palavras tão lidas, não ditas
Que vagam na mente sombrias, noturnas malditas
Que me mostram caminhos que não sei percorrer
Não quero bastar-me, tampouco eu quero
Que reste um perfume um desejo que reste
Uma sombra despida que aos poucos se veste
Ou um pedaço de ti, pois que inteira te espero

Devaneio

Naquele canto onde me detive,
o teu contorno distinguia flores,
em teu afeto em que não me detive
ouvi teu canto que vertia cores
entre murmúrios e gemidos roucos
um sentimento desbotava dores
jorrava sonhos e amores loucos
me enlouquecendo destilava amores
aprisionei-me em delírios mortos
que escondidos escondiam prantos
naquele gozo que calava os corpos





NELSON NATALINO

cortei-me em mil e me tornei em tantos
 Eu vi teu riso, teu escárnio solto
 Em meu avesso, então vesti teu manto
 O teu contorno, um chorar revoltado
 O meu destino, me deter num canto

ROMANCE

Trechos do romance “Amores de Sangue”

“Repentinamente, ecoou forte pela casa, um grito de mulher. Um grito longo, angustiante e desesperado. Um lamento. Um gemido agudo, lancinante. Lúcia sentiu esse grito entrar pela sua alma e tocar lá no fundo, o seu coração. Assustou-se a princípio, mas depois, ao sentir a tristeza que esse grito carregava, foi tomada de uma súbita aflição, que nunca havia experimentado. Conhecia muito bem essa voz. Lançou um olhar inquisitivo para Santa que apenas baixou os olhos. Lúcia queria falar, mas sentia sua voz embargada. Até que por fim, completamente chocada, conseguiu gaguejar uma evidente pergunta, da qual já sabia antecipadamente a resposta: - Esses gritos... são de Isabel?”

Amores de sangue – p. 23

“Tudo o que Isabel houvera dito, fazia eco ainda na cabeça de Teodoro, que sabia que ela tinha razão. Esse amor proibido, esse amor que se instalara inexoravelmente na vida dos dois, era um amor condenado, um amor que gerava ódio, espanto,





pungência, inveja, indignação e na maioria dos casos, morte. Amores assim, embora fortes em si, trazem a fragilidade da incompreensão alheia. Amores assim nascem para serem perseguidos. Amores assim brotam para serem ceifados. São amores condenados. São amores de sangue.”

Amores de sangue – p. 153

“A partir de então, uma antítese de sentimentos iria guiar as pessoas para objetivos opostos, mas cujo grau de intensidade se assemelhava e se igualava. Ódio e amor iriam caminhar lado a lado. A busca pela vida e a sombra da morte estariam em cada momento, em cada lugar, em cada pessoa e sua presença seria marcante e impetuosamente sentida por todos.”

Amores de sangue – p. 164

“Havia luz nos olhos de Isabel. Havia mais que luz, havia alma. Havia amor, desejo, sedução, e uma ânsia de viver para Teodoro e por Teodoro. Ele sentia isso cada vez que a olhava no fundo dos olhos. Era como se olhasse para o infinito. Sentia-se mergulhar num despenhadeiro onde a queda era harmoniosa e agradável, onde flutuava ao sabor do vento que lhe lambia os cabelos enquanto descia lenta e prazerosamente como só é permitido nos mais doces sonhos. E quando Isabel cerrava os olhos, não era para impedir a Teodoro esse sonho, mas sim para fazê-lo embriagar-se em seus doces lábios. Me ame apenas, dissera ela. Como se amá-la fosse tão somente amar. Como se a chance de ser feliz dependesse dele. Era tudo o que mais queriam. Amar na singela paz da felicidade. Bastava apenas que a vida lhes desse essa chance. Como naquele momento em que a felicidade residia em





mergulhar na amplidão do infinito abismo dos olhos dela, tocar seus lábios e revolver com a língua sua boca tentando arrancar dela sua alma e trazê-la para si. Essa era a chance de ser feliz. A felicidade do momento em que seus corpos se pertenciam, sem que nada, nem ninguém os importunasse ou os interrompesse. Um momento de felicidade. Quem saberia no mundo dizer com precisão quanto tempo dura um momento de felicidade?”

Amores de sangue – p. 168

No instante em que Josias ia descer a chibata para aplicar o primeiro golpe nos escravos, a mão forte de Venâncio segurou o seu punho, impedindo-o. Josias olhou-o surpreso e incrédulo, mas pela primeira vez o medo tomou conta de si, quando ousou fitar os olhos do negro forro, que falou com firmeza:- Tú num si atreva! Poi dessa vez eu lhe mato, mardito!

Amores de sangue – p. 198

Militar reformado, oriundo das tropas de Salvador, o coronel tinha por assim dizer, o gosto pelas batalhas tatuado em seu DNA. Afeito ao manejo com as armas e amante dessa prática, trazia em seu currículo diversos combates em conflitos, como a revolta independentista, a revolta dos Malês, em que escravos muçulmanos organizaram-se objetivando a libertação dos demais escravos africanos de religião muçulmana, a Revolta dos Guanais, de ideais republicanos, visando congregar o povo da Bahia na luta pela Independência e a Revolta de Sabinada, esta também objetivando a libertação do Brasil do jugo da coroa de Portugal, entre tantas outras contendas





de menor importância. Muitas dessas pelejas passou o coronel lutando ao lado daquele que então, seria agora seu maior adversário, o major Gonzaga Rocha. Era, portanto profundo conhecedor de sua bravura e destemor. Agora, em lados opostos o coronel sabia que liquidá-lo seria um enorme e fundamental passo para pôr fim ao conflito.

Amores de sangue – p. 248

Venâncio que até esse momento se encontrava imóvel, virou-se ao ouvir a voz de Isabel. Ao ver sua sinhá sendo trazida com brutalidade pelos homens, num átimo, lhe veio à lembrança tudo o que ela havia feito por ele. Lembrou-se da doçura da sua voz, do carinho com que o tratava e recordou-se que desde que fora capturado na África e trazido para o Brasil ela fora a única pessoa, que o fizera sentir-se como um ser humano e não como um animal, forma com que todos os homens brancos o tratavam. Lembrou-se que prometera dar sua vida por ela se preciso fosse. E sentiu que esse momento havia chegado.

Amores de sangue – p. 353

www.natalino.com.br







PLINIO TOMAZ

SUICÍDIO DE GETÚLIO VARGAS

No dia 24 de agosto de 1954 estávamos eu, a minha irmã Neusa e o seu namorado Elio de Castro Mesquita à beira de uma piscina no sítio do seu pai Otavio Braga de Mesquita localizado no bairro do Taboão. O rádio estava ligado e deu a notícia do suicídio do presidente do Brasil Getúlio Vargas.

A piscina era de concreto rustico e tinha cerca de 3,00m de largura por 15m de comprimento. Havia uma parte funda onde dávamos os mergulhos e uma parte mais rasa.

Havia buracos no piso da piscina e por várias vezes jogávamos concreto no fundo para tapá-los e aprendi que o concreto endurece e não seca como os pedreiros dizem.

A uns cem metros da piscina tinha início o lago do Taboão que também estava na propriedade dos Mesquitas. Havia um barco a remo e por uma passagem por meio das taboas, a gente chegava remando ao lago onde íamos costumadamente pescar.

Era um lago artificial sendo que havia um dique de terra e nele plantada pés de bambu que era para proteger o barramento. Hoje esta lagoa não existe mais.





Depois de nossa ida ao sítio, caminhávamos até o ponto do ônibus que ficava na atual av. Otavio Braga de Mesquita e voltávamos para Guarulhos.

Getúlio Vargas perdeu a eleição presidencial em 1930 e iniciou uma revolução a qual tomou o poder. Prometeu novas eleições e depois esqueceu. Daí nasceu a revolução constitucionalista paulista de 1932.

Getúlio ficou no poder de 1930 a 1945 quando do término da guerra foi deposto. Foram feitas eleições e foi eleito o Marechal Dutra.

Cinco anos depois houve eleições e em 1950 foi eleito Getúlio novamente. O governo tinha uma inflação muito alta, havia muita corrupção e ele cometeu o suicídio para salvar a sua família dos inúmeros processos.

Após nova adaptação foram feitas eleições e foi eleito Juscelino Kubitschek de Oliveira como presidente da República do Brasil.

Em novas eleições foi eleito Jânio Quadros e seu vice Jango Goulart. Jânio renunciou e Jango assumiu o poder. Jango associou-se ao PCB querendo dar um golpe de estado, mas os militares deram um golpe de estado antes e teve início a revolução de 31 de março de 1964.

Juscelino apoiou a revolução de 1964, juntamente com Adhemar de Barros, Magalhães Pinto e Carlos Lacerda. Os militares tinham prometido eleições em 1965 e Juscelino seria o vencedor.

Em pouco tempo, foram cassados por ato institucional Adhemar, Juscelino e Lacerda.



A revolução de 1964 só terminou com a eleição de Tancredo Neves para presidente da República do Brasil e a partir dele não houve mais problemas.

JOÃO GOULART

Estava com 23 anos e no terceiro ano da EPUSP quando estourou o golpe militar de 1964. O Serra estava no segundo ano e era o presidente da UNE e imediatamente fugiu para o Chile.

O interessante que apesar de viver naquele tempo, desconhecia um monte de fatos e somente no passar dos anos é que vou entendendo um pouco mais.

Jânio Quadros tinha sido eleito em 1960, presidente da República em seu vice era o João Goulart do PTB.

Jânio Quadros fez uma renúncia misteriosa, pois, parecia que ia implantar uma ditadura, e foi então colocado como presidente João Goulart.

Goulart era um homem muito rico, fazendeiro, latifundiário e líder do PTB. Pelo que li não fez nenhuma reforma agrária nas suas terras.

Fez tantas besteiras que nem o Serra que participou do seu discurso de 13 de março de 1964 não o entendia direito. Sobre as causas da queda de Goulart, Serra muito habilmente cita a historietta de uma empregada que esqueceu a gaiola de um pássaro no chão da cozinha e o gato comeu. Quem é o culpado? A empregada que esqueceu no chão ou o gato que comeu. E se não houvesse gato? e assim por diante...

Jango dizia que “cunhado não é parente”, se referindo ao Brizola, que o criticava por horas no Rio de Janeiro na rádio



Mairink Veiga. Brizola queria ser ministro da Fazenda para fazer as reformas socialistas e mandar totalmente em João Goulart.

Em minha opinião, Goulart queria dar um golpe de estado no Brasil, pois, se aliara de uma maneira estranha e profunda ao PCB deixando de lado até o seu PTB.

Seus inimigos basicamente eram 3 governadores importantes: Carlos Lacerda no Rio de Janeiro, Adhemar de Barros em São Paulo e Magalhães Pinto em Minas Gerais.

Todo o aparato militar estava na mão do Goulart e até o comando do segundo exército General Amaury Kruehl tinha batizado o seu filho.

De repente houve-se a notícia que o General Olímpio Mourão Filho partia com suas tropas do exército da cidade de Juiz de Fora para a cidade do Rio de Janeiro. Lembro-me das notícias pelos rádios e conversa com meus colegas da Poli.

Goulart mandou a sua melhor tropa para deter o General Mourão, que era tarefa fácil, pois, o agressor não tinha tantos recursos. Aviões militares chegaram a sobrevoar na estrada as tropas do General Mourão só para assustá-los.

De repente o governador de São Paulo Adhemar de Barros põe toda a Força Pública a disposição do General Amaury Kruehl e este se declara a favor da rebelião do General Mourão. Imediatamente os demais comandos do exército e das outras forças armadas também se declaram a favor da revolução.

Goulart sabiamente foge, mas ainda tinha fortes regimentos pesados de artilharia a seu favor. Não queria derramar o sangue dos brasileiros. Foi um gesto nobre do Jango.

Foi assim que estourou o chamado Golpe de 1964.

Lembro quando peguei o ônibus da Poli no Bairro do Bom Retiro em São Paulo para minha casa em Guarulhos, havia em



cada quilometro uma viatura do exército quebrada pelo meio do caminho. Acho que não chegou ninguém até o Rio de Janeiro.

As discussões sobre o tema são as seguintes:

- Goulart queria mesmo dar um golpe de estado?
- O golpe de Estado militar foi realmente preparado?

Há muitos anos, não acreditava que Goulart queria dar um golpe de estado, mas lendo muito sobre o assunto, conclui que sim, queria dar um golpe de esquerda no Brasil.

Achava também que a Revolução de 1964 feita pelos militares tinha sido muito bem preparada com meses de antecedência e quanto mais eu li sobre o assunto, vi que isto não é verdade e o desenlace foi o discurso de Goulart do dia 13 de março de 1964. A meu ver foi os “idos de março” de Júlio Cesar se repetindo.

Li também que a partir do dia 13 de março que acabou com João Goulart, que o General Castelo Branco procurou Juscelino K. de Oliveira em seu apartamento, para apoio dos militares para tirar Goulart e fazer eleições no fim do ano e em 1965 faria o segundo governo de JK.

Juscelino que era senador apoiou com o PSD os militares, pensando em 1965 haveria eleições e ele ganharia na certa. Seria a hora da agricultura dizia JK. Alguns meses depois, foi cassado juntamente com Adhemar de Barros e Lacerda.

A GRANDE DEPRESSÃO DE 1929

Aprendi no ginásio que em 1929 houve a famosa quebra da Bolsa de Nova York. Foram os dias 24 e 29 de outubro de



1929 chamados de Quinta-feira Negra e Terça-feira Negra. Só não aprendi que a subida de Hitler ao poder e a 2ª guerra mundial que matou milhares de pessoas, foi uma das consequências da crise de 1929.

Se não tivesse havido a crise de 1929, Hitler seria um político medíocre e nunca assumiria nenhum poder e nem teria havido a 2ª guerra mundial.

O escritor brasileiro Ivan Santanna fez um livro muito esclarecedor a respeito do *crash* chamado: 1929.

Vou contar alguns detalhes interessantes do livro do Santanna.

Charles Chaplin aquele famoso artista do cinema mudo tinha todo o seu dinheiro aplicado em ações e viu que havia 14 milhões de americanos desempregados. De certa maneira viu que a situação não estava boa, apesar de toda a euforia da bolsa de valores. Então vendeu todas as suas ações guardou os seus 5 milhões de dólares.

Outra curiosidade de *Charles Chaplin* é que quando começou a segunda guerra mundial, fazia um monte de palestras pelos Estados Unidos, pedindo que o povo ajudasse os seus “companheiros” comunistas. Mais tarde Chaplin foi perseguido pelo famoso senador *Joseph McCarthy* como simpatizante dos comunistas e teve que praticamente fugir dos Estados Unidos para a Europa. Eu nunca tinha entendido por que Chaplin tinha sido perseguido pelo macarthismo, pois, geralmente as pessoas omitem o que aconteceu antes. Chaplin fazia filmes de um mendigo feliz. Um dia em uma entrevista perguntaram se ele gostava da pobreza e ele imediatamente respondeu que não, pois sua mãe tinha morrido por falta de remédios, pois não tinham dinheiro para com-



prar. A pobreza que gostava era só para ganhar dinheiros com seus filmes.

Quando estourou a bolsa de 1929 os americanos pobres que não tinham ações na bolsa, deram risadas, mal sabendo que em seguida milhares ficariam sem empregos. Já vi operários brasileiros que davam risadas de quando subia a gasolina, pois, não tinham carros e não tinham problemas. Esqueciam que vinham trabalhar de ônibus e que os feirantes vinham em caminhões.

Joe Kennedy, pai do famoso presidente americano assassinado *John Kennedy* era um admirador da Alemanha nazista e ganhou muito dinheiro com a Lei Seca americana.

Com a crise de 1929 o mundo parou. Caíram todas as *commodities* no mercado internacional, como produtos agrícolas (café e outros), minerais (cobre e demais). Lembro que minha mãe comentava da queima de café no Brasil sem entender muito o porquê.

Primeiramente vamos explicar o modelo proposto pelo economista russo *Nikolai Kondratieff*, em 1922.

Kondratieff demonstrou que as ondas K (de *Kondratieff*) duram em média 60 anos, sendo que os primeiros 25 a 30 anos representam a fase de expansão e os outros 25 a 30 anos representam a fase de depressão.

Kondratieff previu o colapso do capitalismo em 1929 que é conhecida como a grande depressão mundial, o que agradou bastante aos comunistas. Previu também que após isto haveria a fase de expansão do capitalismo o que ocorreu e devido a isto, foi preso pelos comunistas e executado em 1938. Lembro que em 2025 termina a onda longa de *Kondratieff* e ainda não sabemos quem governará o mundo!



O presidente dos Estados Unidos, devido a grande depressão de 1929, criou entre 1933 a 1937 o *New Deal* (novo acordo, ou novo trato) e deu início a grandes obras públicas que deu origem as teorias de *Keynes*. Alguns autores atribuem não só a Roosevelt, mas também ao economista alemão *Hjalmar Schacht* (QI= 149) que inspiraram Keynes na sua obra “Teoria geral do emprego, do juro e da moeda”. Foi *Schacht* quem acabou com a hiperinflação alemã e desenvolveu a Alemanha de Hitler, sendo ministro da Economia do III Reich de 1934-1937. Lembro ainda, que *Roosevelt* gostava tanto de Getúlio Vargas que atribuía ao *New Deal* como criação dos dois. Será verdade?

A grande barragem *Hoover Dam* nos Estados Unidos, perto da Las Vegas foi construída durante a grande depressão pelo presidente *Franklin Delano Roosevelt* de 1931 a 1936 e de maneira estranha foi dado o nome de Represa *Hoover* em homenagem ao presidente *Herbet Hoover*.

Em 2008 houve outra grande crise mundial e como sempre originária dos Estados Unidos. Como o mundo já estava mais preparado do que em 1929, a crise não foi tão aguda (marolinha), mas seus impactos continuam até hoje em 2015.

A MINERAÇÃO DE OURO NO BRASIL TEVE INÍCIO EM GUARULHOS

Os portugueses aportaram as nossas praias em 1500 e a primeira cidade interiorana no Brasil foi Santo André da Borda do Campo instalada oficialmente em 1553. Um ano após isto é em 1554 a cidade foi transferida para São Paulo.



Logo depois foram estabelecidas várias aldeias em redor de São Paulo para proteção contra os índios Tamoios do Rio de Janeiro.

Assim em 8 de dezembro de 1560 foi rezada a primeira missa em Guarulhos com portugueses e índios guarus. É interessante saber que em 1560 houve uma enorme inundação no rio Tietê, rio Tamanduateí e no Vale do Anhangabaú.

Em 1597 descobriu-se ouro de aluvião em Guarulhos no bairro das Lavras e no Pico do Jaraguá, em quantidades muitas grandes.

A mineração começou em três lugares: barros da Lavras, Tanque Grande e região da Tapera Grande, perto da Pedreira Martelo.

A família Cerqueira Cesar morava na Tapera Grande e quando o ouro foi escasseando, mudou-se para São Paulo, sendo que Cerqueira Cesar foi governador da Província de São Paulo por um ano.

A maior quantidade de ouro estava no bairro da Lavras, onde existe montanha até hoje com restos da mineração de ouro.

Segundo os geólogos da USP a mineração de Guarulhos passou para as minas de Cataguases que hoje é o estado de Minas Gerais. A estrada percorrida pelos Bandeirantes passava pelo reservatório do Tanque Grande e ia para as Minas Gerais;

Em 1708-1709 nas Minas Gerais houve uma guerra dos Paulistas com os portugueses e outros brasileiros, chamada guerra dos Emboabas que os paulistas perderam. O motivo era que os paulistas como foram os descobridores das minas se julgavam os donos naturais das mesmas. Foi então criado o Estado das Minas Gerais.



Os paulistas então foram para Goiás e Mato Grosso onde descobriram mais minas de ouro.

Interessante observar que a capitania de São Paulo incluía também os Estados de Santa Catarina e Paraná.

Em 1777 o governador da província de São Paulo Bernardo José de Lorena (1788-1797) fez a estrada do Lorena em 1789 que ia de São Paulo até Cubatão, obrigando que todo o açúcar passasse por São Paulo e fosse até Santos por um caminho percorrido pelos índios e colocado pedras e em muito ziguezague para evitar erosão das águas pluviais. A Estrada de Lorena foi construída em um antigo caminho dos índios e com pedras para o transporte de açúcar através de mulas.

Guarulhos era muito grande e incluía: bairro da Penha de França, Franco da Rocha, Mairiporã, Arujá, Santa Isabel, Poá e Itaquaquetuba.

Até hoje o pessoal de geologia da USP estuda como foi transferida a tecnologia de Guarulhos para Minas Gerais, pois não há documentos oficiais e somente as escavações é que irão responder. Nos Estados Unidos toda a evolução da mineração está documentada, mas no Brasil não.

FORMAÇÃO DA ALEMANHA

Otto Von Bismark foi o idealizador da Alemanha como um só país.

O grande general Prussiano *Carl Von Clausewitz* ajudou a derrotar Napoleão na Batalha de Waterloo detendo as tropas do General francês Grouchy. Em seu livro “Da guerra”, sabia que a Prússia era a melhor potência militar da Europa,



mas faltava uma massa crítica de homens e daí a ideia de juntar os 13 Estados. Não há dúvida que Bismark leu o seu livro e o pôs em prática.

Havia na época esta ideia, mas havia duas lideranças, a Áustria e a Prússia que eram na época as maiores potências militares da Europa.

Bismark primeiramente fez uma guerra contra a Dinamarca para reclamar o Estado de *Schleswig*. Anexou o Estado de *Hostein* que era da Áustria e daí iniciou a guerra.

Hoje na parte mais setentrional da Alemanha está o Estado de *Schleswig-Hostein* cuja capital é Kiel.

Bismark então para tirar a Áustria do lado provocou uma guerra contra a mesma usando a Prússia, que era a maior potência militar da época e com ajuda de alguns estados alemães venceu a guerra. Foi a chamada guerra Alemã de 1866 sendo que a batalha decisiva foi a de Koniggratz, local que hoje é a república da Checslovaquia.

Novamente Bismark teve outra ideia. Provocou a França e Napoleão III caiu no engodo em 19 de julho de 1870. Reuniu então todos os treze países sob a direção da Prússia e derrotou facilmente os franceses em 1871 na Batalha de Sedan e instalando o Império Alemão em Versailles no Palácio dos Espelhos em Paris sob a direção prussiana do rei William I. Foi chamada de guerra Franco-Prussiana.

NAVIOS NEGREIROS E OS INGLESES

Fiquei surpreso ao ler um livro de Niall Ferguson chamado “Império” que conta como foi o Império Britânico desde o



seu início até sua queda com as 1ª e 2ª guerras mundiais, que os navios ingleses transportaram 3,5 milhões de africanos para a América Central.

Quanto estudei a história universal e ocidental, sempre aprendi que os ingleses eram contra a escravidão. Mas quando li que durante 145 anos no período de 1662 a 1807 os navios ingleses transportaram 3,5 milhões de africanos para o Novo Mundo fiquei pasmo. Isto significa que mais de 1/3 dos africanos transportados para toda a América. Na verdade fui enganado e conversando com vários amigos praticamente todos se espantaram com a notícia.

Sabemos que D. Pedro II tinha criado o “Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro” da qual ele era o presidente e nada saía publicado sobre aqueles assuntos que não fosse autorizado pelo imperador. Foi o início da história oficial e não tenho conhecimento para informar quando este sistema realmente parou de funcionar.

Quando os ingleses foram colonizar o que hoje é os Estados Unidos mataram muitos índios e queriam eliminar todos. Os massacres dos powhatan em 1623 e 1644, dos pequots em 1637, dos doegs, dos susquehannocks em 1675. Contaram com a “mão de Deus”, conforme dito pelo governador da Carolina nos anos 1669 John Archdale pois, os Europeus trouxeram varíola, gripe e difteria e outras doenças que eliminaram milhares de índios americanos, ficando para eles mais fácil a colheita dos alimentos para sobrevivência.

Entretanto como todas as colonizações sempre houve algo de bom e de mau. Os ingleses chegaram a dominar ¼ de todas as terras do mundo e ¼ de toda a população mundial e levaram a língua inglesa e o protestantismo para todo lado.





É curioso como 90 mil ingleses na Índia dominaram 350 milhões de indianos.

Quase ninguém conhece a história de Churchill quando estudava teve uma visão profética de haveria uma guerra mundial e que ele iria salvar a Inglaterra e o Império Britânico. Conseguiu salvar a sua pátria, mas perdeu o Império Britânico.

Há anos, li o “Diário de Goebbels” que comentava os discursos de Churchill na BBC de Londres todas as noites. Churchill dizia que os alemães tinham se acabado e Goebbels comentava que a Inglaterra não estava percebendo que o seu império também estava desmoronando.

O REÚSO POTÁVEL ESTÁ CHEGANDO...

Quando as tropas do rei George avançavam para Concord em Massachussetts, Paul Revere chegou à meia noite gritando “Os ingleses estão chegando...”. Todos se prepararam e os americanos ganharam a batalha.

Hoje posso dizer que “O reúso potável está chegando...”

Em breve todos nós de áreas metropolitanas e com estresse de água, tomaremos água potável com 50% de água de reúso de esgotos potável e 50% de água superficial de alguma barragem ou água provinda de poços tubulares profundos.

Com o crescimento da população o custo de trazer água de longe está ficando cada vez mais caro, sendo que felizmente hoje podemos dizer que o homem já domina todas as tecnologias de tratamento de esgotos. Mesmo pesticidas, desrupto-





res endócrinos que aparecem em parte por bilhão, podem ser removidos pela osmose reversa e demais técnicas existentes.

Temos que nos preparar para a batalha que está por vir. Temos toda a tecnologia disponível a disposição, faltando somente os projetos e a conscientização.

WALT DISNEY E A ALEMANHA

Visitando a Alemanha vi o castelo de *Neuschwanstein* (novo cisne de pedra), que é um dos mais bonitos do mundo e que inspirou o castelo de Walt Disney.

Visitando outra cidade *Rothenburg*, vi que a mesma serviu de modelo para o filme de Disney sobre Pinocchio. A cidade de Gepeto é praticamente a mesma de *Rothenburg*. Fui a uma loja nesta cidade medieval que era toda decorada para o Natal durante 365 dias do ano. As roupas das moças que serviam eram semelhantes às usadas na Disney.

CASTELO DE NEUSCHWANSTEIN

Na Alemanha no Estado da Baviera houve um rei chamado Ludovico II que construiu 3 (três) castelos: *Linderhof*, *Neuschwanstein* e *HerrenChiensee*. Visitei os dois últimos, achando o mais importante e famoso, o Castelo de *Neuschwanstein* que quer dizer: castelo do cisne de pedra.



A palavra em alemão e seu pronuncia estão abaixo:

Neuschwanstein= *neu* (noi)= novo; *schwan* (chuam)= cisne e *stein* (estain)= pedra.

Inicialmente no local existiam dois castelos e que foram demolidos e as fundações do novo castelo iniciou-se em 1869. Esclareço que o rei Ludovico II gostava muito de cisne e de música e mandou fazer uma Sala de Canto.

Quando estive lá meu genro Ivanésio Carrilho inspirado pelo local, cantou em italiano com sua voz de tenor, a música "*Nessun Dorma*" sendo aplaudido de pé por nós e pelos visitantes.

Foi este castelo que deu origem ao castelo usado por Walt Disney nos Estados Unidos.

Uma curiosidade é que o mesmo foi construído em homenagem ao autor e as obras de Richard Wagner e este nunca conheceu o castelo. Quase ninguém conhece o fato de que o imperador do Brasil D. Pedro II convidou Richard Wagner para morar e trabalhar no Brasil, mas o convite foi recusado.

O castelo fica nos Alpes da Alemanha no Estado da Bavária na cidade de Fussen. Apesar de parecer uma obra absurda, ajudou muito a Bavária, pois, foram feitas estradas e muitos artistas internacionais se mudaram para Munique. Munique então ficou a cidade das artes, importante como Paris e Roma.

Richard Wagner nascido em Leipzig, compôs as óperas Lohengrin, Tannhauser, Rei dos Nebulungs, Tristão e Isolda e outras. Richard Wagner era anti-semita e é devido a isto que Hitler o homenageou no castelo de Neuschwanstein 50 anos após sua morte.



A morte do rei Ludovico II em 1886 é ainda um mistério, pois, apareceu morto em no lago Stamberg. Dizem que o seu primeiro sinal de loucura foi quando teve a ideia de fazer um dispositivo para voar. Mais tarde foi ficando cada vez mais deprimido e não atendia ninguém. Foi julgado louco por quatro psiquiatras que nunca o viram e nem conversaram com ele. As causas da sua depressão foi a guerra da Prússia com a Áustria e da Prússia com a França que ele adorava.

O rei Ludovico II estudou latim, grego, alemão, francês, inglês. Estudava 8h por dia e fez a Universidade de Munique aprendendo química, física e filosofia.

Era apaixonado pelas novas tecnologias, como vapor d'água, eletricidade, telefone e de voar.

Ele foi contra a nova doutrina papal sobre Infallibilidade. Era primo da rainha Elisabete (Sissi) da Áustria que casou com o imperador Francisco José em 1854. Ficou noivo, mas não se casou com a irmã da Sissi chamada Sofia Carlote, filha da Duquesa da Bavária Ludovika e do Grão Duque Maximiliano.





SERGIO EDUARDO PORT

O ATO DE APRENDER E DE ESTUDAR SOZINHO

Aprender, o ato de se adquirir conhecimento, ou estudar sozinho exige muita dedicação, disciplina, perseverança, técnica, organização e um bom ambiente onde serão desenvolvidas as suas práticas.

Vamos lembrar que o saber é a luz e a paz do espírito humano, pois o estudar sempre enriquece a alma, fortalece a inteligência e a memória, obtendo, desta maneira, instrução e habilidade. Isto, ninguém pode tirar de você, então, leia e estude muito, aprenda o quanto mais puder, pois, com certeza, este caminho é o grande segredo para o sucesso.

Para poder enfrentar os desafios dos livros, dos testes e das dificuldades que possa encontrar nas disciplinas mais complexas, você tem que preparar a sua cabeça (cérebro) e também criar uma rotina organizada.

Lembre-se, você deve ter uma visão geral de mundo e não ficar somente restrito aos livros didáticos: procure ler jornais, revistas, artigos publicados por instituições, assistir programas de televisão de relevância e, se tiver acesso à internet, realizar pesquisas que possam ser utilizadas como instrumento de aprendizagem.





Uma coisa muito importante é que você não deve tentar se transformar em um super-herói nos estudos, pois todos nós temos os nossos limites e sabemos aonde podemos chegar, então, reserve um tempinho para poder relaxar e descansar.

Agora vamos enumerar algumas dicas que ajudarão na sua aprendizagem:

- 01) Prepare o ambiente de estudo, que pode ser na sala, no quarto, na cozinha, na varanda, no quintal, enfim, onde você se sinta mais à vontade, deixando sempre o local bem arejado e com boa luminosidade.
- 02) Mantenha o local de estudo sempre organizado e silencioso, pois, assim, você estará evitando a perda de sua concentração.
- 03) Você deve sempre estar pensando positivamente, pois isso ajuda a romper barreiras.
- 04) Antes de começar os seus estudos tente relaxar pelo menos uns quinze minutos, período que você deverá se concentrar para harmonizar os seus pensamentos, pegar algo gostoso para beber, fazer um pequeno alongamento, etc, desta maneira, com o passar do tempo, a sua cabeça (cérebro) entenderá que chegou a hora de estudar.
- 05) Se possível, tenha o hábito de estudar sempre no mesmo local, no mesmo horário e com a mesma quantidade de horas.
- 06) A sinceridade é um ponto chave para o estudo, então, você deve estar sempre identificando as suas facilidades e as suas dificuldades.



- 07) Mantenha tudo o que possa tirar a sua concentração afastado ou desligado, celular, televisão, rádio, toca CDs, etc. Nem pense em um minutinho somente ver as redes sociais, pois esse tempinho se estenderá e você terá um perda de rendimento.
- 08) Na medida do possível, escolha cadeiras ou poltronas confortáveis, para que após algumas horas de estudo você não fique com dores nas costas, nos braços e nas pernas.
- 09) Após uma hora ou uma hora e meia de estudo, faça um pequeno intervalo para alongar o corpo e dar um descanso para a sua cabeça (cérebro).
- 10) Você deve estar atento no que está estudando, não deixando outros pensamentos atrapalharem. Estude com o objetivo de aprender e recordar.
- 11) Quando necessitar interromper os estudos, deixe sempre marcado o local onde parou, assim se torna mais fácil para retomar a aprendizagem.
- 12) Elabore sempre resumos, fichamentos e rascunhos, pois além de estar revisando a matéria, estará também praticando a escrita. Escreva à mão em vez de digitar, pois a sua cabeça (cérebro) é mais estimulada, mais redes neurais são ativadas pelos movimentos distintos que sua mão fará.
- 13) Quando você se deparar com um conteúdo que ache difícil e que não consiga chegar a uma resposta, não insista várias vezes, siga adiante e mais tarde retorne.
- 14) Sempre que precisar memorizar algum conteúdo, após escrever leia em voz alta.



- 15) Procure memorizar alguns conteúdos difíceis, associados à ideias mais familiares.
- 16) Às vezes, procure estudar a céu aberto, por exemplo, em praças, em parques, em jardins, em clubes, etc, lembrando sempre que você deve escolher lugares tranquilos.
- 17) Lembre-se que a palavra de ordem é DISCIPLINA, então, não crie desculpas para si mesmo para não estudar.
- 18) Procure ter ótimas noites de sono, pois com o corpo descansado a assimilação da aprendizagem é bem melhor.

Bom, após essas dicas é só arregaçar as mangas e mãos à obra, sempre tentando e nunca desistindo, até atingir todos os seus objetivos e metas, pois o maior prazer está no sucesso da conquista.





SILVIO RIBEIRO

OS CAMPOS DE PIRATININGA E GUARULHOS

Tendo sido estabilizada a vida cotidiana após a fundação da cidade de São Vicente no litoral paulista, Martim Afonso de Souza, o mandatário da Capitania, concluiu junto aos jesuítas que já se encontravam na Colônia, sob a direção de Manuel de Nóbrega, estudos visando a escalada da Serra do Mar, no intuito de se explorar os altiplanos dos Campos de Piratininga a procura de novas descobertas e explorações outras, incluindo-se núcleos indígenas ali localizados, para tentativa de catequese e formação de mão de obra para trabalho e desempenho na Capitania.

A duras penas, a escalada por meio a cerrada selva que cobria toda a extensão da grande serra até se ganhar os altiplanos dos Campos de Piratininga, foi de muitos sacrifícios por parte da caravana formada por jesuítas, portugueses e silvícolas já catequizados.

Nesses tempos já havia nas proximidades do topo da Serra, um pequeno núcleo populacional formado primordialmente por indígenas que ali viviam sob o controle do cacique Arari-





boia e do português João Ramalho, seu genro, pois era casada com sua filha Bartira, com quem tinha vários filhos e ali todos viviam pacificamente, local que posteriormente se configurou como sendo o povoado de Santo André da Borda do Campo.

Recebidos amigavelmente pelos moradores do povoado, os exploradores ali conseguiram ajuda tanto do cacique como de João Ramalho, para prosseguirem a viagem segundo havia sido planejado.

Ao chegarem em pleno e amplo campo aberto, de extensões a perder de vista, vislumbrou-se a beleza do local e da grande serventia que este oferecia a todos como fartura de águas cristalinas, terrenos planos, rios e ribeirões com boa pesca, animais silvestres e muitas outras serventias que encantaram a todos. Para ambos os lados do grande campo só se avistava extensas florestas verdejantes que se estendiam para o infinito distante, sem aparentarem vestígios de quaisquer tipos de ocupações.

A primeira providência seria a da construção de um abrigo para acomodar a todos adequadamente e poderem mais calmamente executar o ponto maior do plano, a construção de um Colégio que pudesse abrigar todo pessoal ali presente, além de um templo para as orações e um ambiente para os trabalhos da catequese.

O trabalho foi árduo, porém, decorrido algum tempo dessa incansável jornada, o conjunto foi inaugurado com a celebração de uma solene missa rezada pelo Padre Manuel de Paiva, o chefe da caravana, com ajuda do Padre Anchieta que acompanhava o grupo, no dia 25 de janeiro de 1554, dia da conversão de São Paulo, o Santo do dia, sendo considerado nos dias atuais como o dia da fundação da cidade de São



Paulo, Capital do estado que leva o mesmo nome, em decorrência do nome do santo do dia como era praxe naqueles tempos se nominar locais ou acidentes recém descobertos.

O tempo passou, as dependências do Colégio foram aprimoradas tornando-se o local um centro administrativo importante da Capitania. Em consequência, diversos outros pequenos núcleos populacionais foram se expandindo no entorno do Colégio de São Paulo, os quais se tornaram com o decorrer dos tempos cidades importantes do território paulista e que hoje figuram no grande complexo denominado “A grande São Paulo”, composto por 39 municípios espalhados ao redor do centro da Capital, com distancias variadas entre cinco e setenta quilômetros.

Uma dessas importantes cidades é a de Guarulhos, cuja fundação ocorreu no dia 8 de dezembro de 1560, quando fora rezada a primeira missa no município em louvor a Nossa Senhora da Conceição, a Santa do dia, pelo Padre Manuel de Paiva, considerado o grande fundador de Guarulhos.

Após navegar alguns dias pelo Rio Anhamby, atual Tiete, o Padre Manuel de Paiva, acompanhado por alguns auxiliares, dentre eles Padres, portugueses e índios catequizados, tendo desembarcado nas proximidades do ponto mais alto da região, chamados pelos indígenas Iberê, no que seria futuramente terras guarulhenses e após galgá-lo concluíram ser tal localidade propícia para ali se estabelecerem o que culminou com a construção de uma rústica ermida que passou a servir de acomodação para o grupo, além de um pequeno local próprio para as orações, tendo sido levantada ao lado, uma cruz de madeira, diante da qual fora rezada a primeira missa guarulhense no dia 8 de dezembro de 1560. Após incessante



pesquisa feita por historiadores de Guarulhos, quanto a data correta da fundação, essa data foi oficializada pela municipalidade como sendo o dia da fundação de Guarulhos.

A região guarulhense nos tempos da fundação do município configurava-se como uma enorme floresta, apenas cortada pelo grande rio das anhumas com suas águas caudalosas, límpidas e cristalinas que traçava uma linha longitudinal no sentido nordeste – oeste do Colégio de São Paulo, praticamente dividindo ambas as localidades, porém, confundindo a visão de estar no que seria o futuro território guarulhense como fazendo parte dos grandes Campos de Piratininga, dado a grande massa verdejante que cobria todo o Planalto de São Paulo. O que dividia os limites entre ambas as regiões era o grande rio.

Falar do aguerrido Padre Manoel de Paiva, considerado por todos como o grande “fincador de estacas” e sua grande bravura em enfrentar terrenos hostis, animais ferozes, insetos de toda natureza, além de sua grande habilidade no trato com os silvícolas de quem era considerado bom amigo e seu destemor ao enfrentar os inimigos, tal pensamento se torna realmente desnecessário e em decorrência a todo esse seu desempenho foi o primeiro capelão de Guarulhos, aqui permanecendo até 1567, quando foi substituído por outro jesuíta, pois recebera a incumbência de se transferir para a Capitania do Espírito Santo com a missão de comandar e coordenar a restauração do colégio e a Igreja daquela Capitania, cujas reformas se transformaram no grande complexo que compõe o belo conjunto arquitetônico utilizado como Palácio do Governo do Estado do Espírito Santo, onde em uma de suas salas especiais são encontrados os restos mortais do Apóstolo Anchieta, que também muito deu de si para aquela cidade.





A obra do Padre Manuel de Paiva está imortalizada em grandes painéis expostos nos salões de entrada do grande palácio, a despeito de Guarulhos onde seu trabalho foi total e de desbravamento a partir da estaca zero e que poucos guarulhenses sabem de sua grande importância para Guarulhos, pois nada consta publica e visualmente que diga sobre tal façanha.

Os restos mortais do grande fundador, que deveria estar em um mausoléu em nossa cidade, encontram-se sepultados numa pequena Capela lá do Espírito Santo, conforme pude constatar ao pesquisar os feitos do fundador naquele estado brasileiro.

DIFUSORA DE GUARULHOS

Primeira rádio Difusora,
Foi a Hora Certa de Guarulhos,
Criada pelo engenheiro Paulo Nogueira,
Com muito carinho e orgulho.

Transmitia diariamente,
Notícias, programas variados e a hora certa,
Aos poucos rádios que existiam,
Cuja audiência era uma festa.

Sua fundação ocorreu,
Em junho de cinquenta e sete,
Instalada na rua D. Pedro I,
Em cima do sobrado da D. Odete.





SILVIO RIBEIRO

Sua antena transmissora,
Colocada no Jardim Vila Galvão,
Local apropriado para ser captada,
Em toda nossa região.

Sua vinda foi um marco,
Da rádio difusão,
Por toda região de Guarulhos,
A qual cobria com diapasão.

Festas, eventos e desfiles,
Lá estava a trabalhar,
Os agentes da difusora,
Para com carinho tudo nos informar.

Época em que o rádio era forte,
Estava surgindo a televisão,
Informava a notícia de tudo,
Na mais pura servidão.

Mas o tempo passou rápido,
Tudo cresceu e se modificou,
Novas rádios apareceram em Guarulhos,
E a Difusora se acabou.

Restou apenas a saudade,
Daquela rádio querida,
Criada pelo vibrante Paulo Nogueira,
Hoje, totalmente esquecida.





ERA UMA VEZ UM RIO

Através da imensidão,
Em meandros corria o caudaloso rio,
Completando a grande paisagem,
Cuja beleza igual nunca se viu.

Assim era o nosso Tietê,
Servindo a fauna existente,
Banhando suave a mata verde,
Onde os animais silvestres viviam livremente.

Além da água pura,
Oferecia a pesca de qualidade,
Também era uma verdadeira piscina,
Para toda a coletividade.

Para o guarulhense da época,
O Tietê servia de diversão,
Além de respirar o ar puro de suas matas,
Praticava canoagem que lhe dava muita emoção.

Rio de nome original,
Era chamado de Anhemby,
Por causa das grandes aves, as anhumas,
Que eram abundantes e habitavam por aqui.

Guarulhos conta na história,
Momentos de sua fundação,
Tendo o antigo Anhemby,
Como primeiro meio de locomoção.





SILVIO RIBEIRO

Porém como sempre acontece,
Quando ocorre o chamado progresso,
O querido rio transformou-se em esgoto,
Não tem mais seu grande sucesso.

Em terras guarulhenses,
Há somente águas poluídas,
A fauna e a flora já não existem,
Foram totalmente destruídas.

Não existe mais o pescado,
Da traíra, do cara e do lambari,
Foram sufocados pelas águas poluídas,
As quais, igual eu nunca vi

Apenas resta a lembrança,
Daqueles tempos de outrora,
Em que muito se utilizava o grande rio,
Hoje o que vemos, nos apavora.





TERESINHA SILVA MALTEZ DE SOUZA

DESAJUSTADOS...

Fui procurada por uma senhora, mãe de dois meninos, dizendo não conseguir mais viver com o marido e por esta razão queria a separação legal. Fiz todas as perguntas de praxe indagando se a decisão dela não era precipitada. Ela disse que não, uma vez que ele saia todo final de semana sem lhe dar satisfações, mas, afirmou: o filho de 13 anos o acompanhava asseverando que eles se davam muito bem. Como costumeiro, liguei para ele a fim de marcar um horário para acertarmos os trâmites da separação, pois, ao que constava, ele concordava com o fim do relacionamento. Marcado o dia, fomos juntos para o Fórum e a separação foi homologada. Algum tempo depois recebo um telefonema do ex-marido dizendo estar sendo ameaçado pela ex-mulher solicitando uma reunião urgente comigo. Tentei convencê-lo a procurar outro advogado, pois, apesar da separação ter sido consensual, eu havia sido contratada por ela e devia preservar a fidelidade do patrocínio. Ele muito desesperado me disse que não havia tempo de para procurar outro, implorando por conselhos. Marcamos para a manhã do dia seguinte em meu





escritório. Confesso que a noite eu não dormi direito por mais que eu fundisse a cachola, não conseguia imaginar qual o real motivo da ameaça. Chegando, foi acompanhado pela secretária até a minha sala. Solicitou que eu fechasse a porta. Parecia muito atormentado. Sem mais delongas eu indago: Ameaçado por quê? Vocês voltaram a viver juntos? Ele respondeu: não, continuamos separados, mas, ela ameaça dizer ao nosso filho mais velho que eu não sou o seu pai! Ora, que coisa mais maluca, diga a ela que vá para o inferno. Você não é pai do menino? Não, não sou e muito abalado começa a me contar uma história que mais parecia de cinema, eis o relato: Conheci esta mulher numa noite escura e chuvosa. Chorava muito. Fiquei na dúvida se deveria interferir na vida de quem nem conhecia. Mas, aquela situação era constrangedora. Puxei papo. O que aconteceu? Posso ajudar? Ela respondeu: ninguém pode me ajudar! Falei para o meu namorado que estava grávida e ele me abandonou. Minha família quando soube da gravidez, me colocou para fora de casa. Estou com a roupa do corpo e pensando se tenho coragem para me matar. Eu indaguei: Você não tem um amigo, um parente que possa lhe acolher? Quando a criança nascer seus pais certamente mudaram de idéia, ao que ela respondeu: Meus parentes são de Mato Grosso, muito longe para pedir ajuda e os poucos amigos que possuo não podem me abrigar neste momento difícil. Mas, obrigada por me ouvir. Tenho que achar uma solução para encerrar este tormento. Menina, achei a solução: Você vai morar na minha casa. Sou solteiro, não tenho compromisso com ninguém. Chegando à minha casa, apresentei-a para a minha mãe e para a minha irmã como minha namorada, dizendo que ela estava grávida e a família dela





não aceitava a gravidez sem marido e a colocou para fora de casa. Apesar de ninguém conhecê-la, foi recebida como filha e algum tempo depois nos casamos legalmente. A criança nasceu e eu registrei como meu filho. Posteriormente, tivemos outro menino. O incrível nesta história e que eu tenho grande afinidade com o mais velho, maior da que nutro por meu filho de sangue. Saímos juntos para todos os lugares. Jogamos bola todo final de semana. O filho mais novo é muito mimado e vive na barra da saia da mãe. O mais velho é companheiro, tudo que digo que vou fazer ele acompanha, ajuda se for trabalho, se diverte se for passeio, enfim, verdadeiros amigos. Na certa ela tem ciúme e não se conforma com a nossa cumplicidade. No último sábado fomos jogar futebol de salão. Ela tentou convencer o filho a não ir, mas, não conseguiu impedi-lo. Fala mal de mim para os filhos, tentando denegrir a minha imagem. Como todas as tentativas com o filho mais velho são em vão, desta vez ameaçou falar pra ele que eu não sou seu pai. Me ajuda, o que faço doutora? Condoída, respondo como se fosse sua mãe: Primeiro, o que vocês fizeram é crime. Registrar como filho, filiação alheia, é proibido. Segundo, você poderia tê-lo adotado legalmente, porém, se você registrou e o pai verdadeiro não contestou e uma vez que já se passaram 14 anos do acontecido, porque trazer a baila situação que ninguém sabe, só vocês dois? Doutora, o suplício continua, pois, se me recuso a cumprir as suas ordens, lá vem chantagem: é hoje que eu conto que você não é o pai dele. Essa conversa foi me provocando repulsa. Pedi que ele me fornecesse o número do telefone dela. Liguei e ao me identificar, restou um silêncio do outro lado da linha. Não tive dúvidas e, de supetão, indaguei: Quem você





pensa que vai sofrer com a sua revelação? Você? Ele? Ou o seu filho? Que você queira ou não é dele também, pois, o criou como filho! Vai explicar para o menino como vocês se conheceram e tudo o que aconteceu ou o seu egoísmo é tamanho que você acha que ele te fez algum mal, abrigando-a do frio e dividindo a sua família com você? Pare de achar que o mundo gira ao seu redor. Tome juízo. Pare de tentar afastá-lo dos filhos. Viva a sua vida e deixe-o viver a dele. Quando terminei de falar percebi que ela chorava e, então, desliguei o telefone, na esperança de que o tratamento de choque surtiria efeito. Finalmente, solicitei que o homem desesperado me comunicasse caso ela revelasse o segredo ao filho. Nunca mais soube notícias de nenhum dos dois.

ACADEMIA GUARULHENSE DE LETRAS UMA VIDA...

Nos últimos 33 anos fui e sou secretária administrativa da AGL. Neste longo tempo vivenciei passagens com vários acadêmicos, algumas dignas de registro e que, agora, ousou colacionar.

CONFRADE JOÃO RANALI

Do Dr. Ranali fui motorista no transporte para eventos relacionados a Academia, por alguns anos. Ora em dias de reuniões, ora em eventos, confraternizações ou festas promovidas pelo Sodalício.





Eram tempos bons aqueles. Eu sempre aprendia coisas novas e diferentes com ele. Ele tinha cada sacada sobre o cotidiano que me surpreendia.

Um belo dia fui apanhá-lo para levar a mais um encontro acadêmico. Anunciei a chegada e aguardei a sua aparição, notando, principalmente, que ele se mantinha calado, soturno, comportamento antípodo ao que eu conhecia. Intrigada, perguntei: Aconteceu alguma coisa? Eu posso ajudá-lo? Ele respirou fundo e me respondeu: Minha mulher está chateada comigo, pois eu esqueci o dia do seu aniversário, você acredita? Retruquei: mas Dr. Ranali, o senhor tem uma cabeça privilegiada, se lembra de fatos históricos contando-os com detalhes e minúcias, além de lembrar tantas outras coisas de relevância, como se esqueceu do aniversário dela? O senhor está casado há mais de 50 anos, não são 50 dias, justifique. E o amigo que se mantinha calado se pôs a vociferar: Pois é, Teresinha, o erro foi meu ao ser demasiadamente sincero, pois, confessei para a Virgínia um segredo de Estado: “minha cabeça é boa porque eu não a ocupo com bobagens”. Dito isto, o caldo entornou ante a resposta indignada: Então o meu aniversário é bobagem? Quedei silente, não dava mais para consertar. O final de semana estava acabado.

CONFRADE NORLANDIO MEIRELLES DE ALMEIDA

Antes do advento do computador eu fazia a convocação para as reuniões mensais e/ou eventos através de ligações telefônicas. O acadêmico Norlandio, atencioso, agradecia e sempre que podia comparecer me trazia um livro autografa-





do de presente. Além de escritor e exímio conhecedor da vida e obra de Castro Alves, escreveu alguns romances e, dentre eles, um intitulado “Eliane”. Um dia me confessou que queria me presentear com um exemplar da referida obra, mas, a edição estava esgotada e ele não havia ficado com nenhum volume, batendo-lhe o arrependimento. Num novo encontro, Norlandio relatou acontecimento, no mínimo curioso, consistente no que passo a escrever. Disse que passeava pelo centro de São Paulo, quando teve a atenção voltada para uma bela vitrine emoldurada por livros, percebendo tratar-se de um “Sebo”. Não se conteve e entrou para vasculhar as prateleiras e, qual não foi a sua admiração, quando se deparou com alguns exemplares de um livro de sua autoria, intitulado “Eliane”. Entrou e entabulou conversa com o vendedor: “Contou que era autor do livro e solicitou, graciosamente, um exemplar, alegando não ter condições para comprá-lo, pois, no momento, não tinha dinheiro para tal”. O atendente retrucou: Infelizmente não poderei ajudá-lo, pois, o meu ofício é vender livros e não promover doações. Norlandio pediu para falar com o dono do estabelecimento tentando convencê-lo da sua necessidade e comprovando, documentalmente, que era mesmo o escritor do livro, mas, a irredutibilidade prevaleceu ante a seguinte alegação: Se você é mesmo o escritor deste livro é claro que tem como pagá-lo. O Norlandio expôs a sua situação financeira atual respondendo que, no momento, realmente, não tinha como arcar com a despesa, mas, argumentou que o livreiro pensasse no seu pedido e, caso mudasse de idéia, deixou o número do seu telefone para o contato necessário. Certamente, diante de pedido inusitado, o livreiro não esqueceu aquele homem de quase dois



metros de estatura e, no dia seguinte, ligou para que o Norlandio fosse buscar o exemplar solicitado. Adivinhem quem foi a beneficiária deste presente? Eu, Teresinha, que guardo com grande carinho e orgulho, um exemplar do romance “Eliane” autografado pelo escritor e grande amigo Norlandio Meirelles de Almeida.

De outra feita, coincidentemente, ocorreu a troca de gentilezas. Conversando com Norlandio o tema de sempre, literatura, revelei que, recentemente, reli uma obra que pensava que lhe pertencia, intitulada “Contos de Terror”, o que provocou a lembrança do velho amigo. Surpreso, o escritor respondeu que não havia possibilidade do referido livro se seu e, se o livro está em sua casa, lhe pertence, obedecendo a máxima de que: “Presume-se seja dono aquele que detém a posse”. Ao que retruquei: No livro consta o seu nome gravado, portanto, depreendi que lhe pertence. Eis a justificativa para Norlandio explicar porque o livro não era seu: Livro meu eu não empresto, pois, não consigo dormir imaginando – “O que será que estão fazendo com o meu livro?” Neste compasso, continuou o interlocutor: Se o livro está em sua casa, é seu, embora conste o meu nome e o equívoco se dissipou ante a seguinte afirmativa:

Ele me respondeu: meu não é se está na sua casa o livro é seu. Não, não é meu, está escrito o seu nome. E então ele retrucou: Livro meu eu não empresto. Não consigo dormir imaginando: o que será que estão fazendo com o meu livro? Portanto, amiga, se o livro está em sua casa é seu. Se eu reunia condições, lhe presenteei, caso contrário, eu lhe vendi, e estamos conversados.





PARTE II

Discursos de posse







JOSÉ ROBERTO JERÔNIMO

Digníssimo Senhor Presidente Ary Baddini Tavares, Excelentíssimo Secretário de Cultura Senhor Edmilson Souza e Ilustríssimos Componentes da mesa,
Confreiras e Confrades,
Colegas Escritoras e Escritores,
Senhoras e Senhores.

Obrigado ao Senhor.

Obrigado aos confrades que me convidaram a fazer parte desta excelsa Agremiação.

Obrigado às amigas e aos amigos que me incentivaram estar aqui.

Obrigado ao saudoso professor, que também foi desta Academia, José Edinaldo Freitas Couto que, em 1981, no Instituto de Ensino Monteiro Lobato, motivou-me a escrever meus primeiros textos literários.

Obrigado pela presença à minha mãe, Luzia; ao meu irmão, Marcelino; à minha esposa, Soraia; e à minha filha, Roberta.

Obrigado aos amigos e a cada um aqui presente.

Às vezes se procura longe um tesouro que está perto.





O que quero dizer é:

Leiam o que escrevem estes guarulhenses e também o que deles se escreve, e a senhora e o senhor certamente se agradarão.

A mim foram concedidos a honra e o privilégio de ocupar a cadeira nº 29, cujo Patrono é o saudoso e notável escritor Sylvio Ourique Fragoso.

Ele nasceu no dia 13 de setembro de 1937, em São Paulo.

Apaixonado por livros desde a infância, sua biblioteca chegou a ter mais de 4.500 títulos. Na adolescência já escrevia contos. Venceu concursos no ginásio e participou em torneios de revistas de charadas.

Teve trabalhos publicados em jornais, revistas e livros com distribuição nacional e em países vizinhos; também sob o pseudônimo de “Shanning”.

Recebeu menções honrosas da Câmara Municipal de Guarulhos.

Em 7 de março de 1980, Sylvio Ourique Fragoso, tomou posse como um dos membros fundadores desta Academia, na cadeira nº 16.

Foi Autor de poesias e artigos sobre filosofia, literatura, ciências psíquicas, espiritismo, cultura indígena e especialmente cangaço. Publicou trabalhos sobre a Inquisição, a Inconfidência Mineira e o Santo Sudário.

Foi Desenhista, Psicólogo Clínico, Músico e um dos fundadores de uma loja maçônica em Guarulhos.

Como Diretor de Cultura, fomentou obras e eventos e criou museus. Sabedor de Latim Arcaico e de Heráldica, corrigiu o Brasão de Guarulhos. Tornou-se fundador, dirigente e doutrinador do seu próprio centro espírita.





Foi ter à morada do céu em 10 de fevereiro de 1995.

À época, o também notável escritor e confrade, o saudoso João Ranali, em artigo no jornal Folha Metropolitana o homenageou, destacando:

“O Silvio tinha uma espécie de ligação sentimental entre o céu e a terra, como demonstram estes versos de um poema seu:

Pois que no mundo, nada mais vejo / Que possa dar a alguém mais ensejo.

Que ter, na terra, o que nos aguarda o céu.”

No bairro da Vila Galvão o Museu de Ciências Naturais leva seu nome e igualmente, em sua lembrança e homenagem, no Jardim Vila Galvão, um logradouro assim ostenta: PRAÇA SYLVIO OURIQUE FRAGOSO.

“É importante SER da Academia, porém ainda mais valioso é FAZER a Academia SER, pela nossa participação e pelo nosso envolvimento, cada vez mais razão de orgulho e merecimento de a ela pertencer.”

Para encerrar...

Por este breve cordel,
me permita presidente
dizer que sinto agora,
perante garbosa gente,
desmesurada alegria
de ser parte nesse dia





da Academia Guarulhense.
Agradeço aos confrades
pela minha admissão
em tão eminente quadro
desta instituição,
que dedica com amor
e devotado labor,
para a letra ter ação.

Miremos no horizonte:
há bastante que fazer,
para nossa sexta arte
muito mais vir a crescer,
honrando aos senhores,
e aos dignos fundadores,
a esta obra suceder.

“Observar e absorver”,
disse um grande autor,
é a base para somar
aos dotes do escritor
que se dá à nobre causa,
intensamente sem pausa,
até tornar-se vencedor.

Vamos juntos, sempre,
ao possível de alcançar
e escrever em oração
o que Deus pode nos dar
por nosso engajamento,





e justo merecimento,
que nos Venha abençoar.

Muito obrigado.







NELSON NATALINO

Boa Noite!

Digníssimo Senhor Presidente Ary Baddini Tavares
Exmo. Sr. Secretário de Cultura de Guarulhos Edmilson Souza Santos

Ilustríssimos componentes da mesa,
Confreiras e Confrades,
Autoridades presentes
Senhoras e Senhores.

Minha relação com a Academia Guarulhense de Letras se deu através de três sinais. O primeiro deles aconteceu na década de 90 através do nosso confrade Castelo Hansen. Eu levava meus filhos para o curso de Teatro na Biblioteca Monteiro Lobato ministrado por Edinho Silva que me apresentou a Castelo Hansen, que me convidou a participar dos encontros do Letra Viva e pela primeira vez me falou sobre a Academia.

Nessa época havia editado apenas o meu primeiro livro de poesias. Pela primeira vez imaginei que poderia quem





sabe um dia, pertencer à AGL. Mas isso era um sonho ainda muito distante.

O segundo sinal se deu por volta de 2009, numa visita que fiz com Marcos Plonka à FIG, ocasião fomos recebidos pelo nosso digníssimo presidente Sr. Ary Baddini (lembra-se presidente?) com quem tive o prazer de conversar e acabamos falando sobre meus trabalhos literários e dramáticos e ele na época me sugeriu que me candidatasse a uma vaga na Academia. Na verdade ainda não achava ser o momento.

Alguns anos depois filiei-me a Lê Guarulhos uma entidade que visava reunir autores guarulhenses para trabalhar em prol da literatura e autores da cidade. No final de 2012, tive que me afastar do Lê por motivos profissionais, que iriam tomar a totalidade do meu tempo.

Em 2013 estava me programando para retornar às atividades do Lê Guarulhos, quando meus colegas do Lê Guarulhos assumiram suas cadeiras na AGL.

Era o terceiro e derradeiro sinal. Nada melhor do que me unir a eles e aos mais renomados autores, escritores, jornalistas, poetas, homens das letras de Guarulhos na AGL, onde certamente poderemos contribuir e forma muito mais significativa com a literatura e a cultura de Guarulhos, unindo forças com nossos digníssimos confrades e confreriras.

Hoje quero dizer do meu orgulho, imensa satisfação, privilégio e honra em assumir a cadeira de número 16 desta Academia, cujo patrono é um dos nomes mais importantes da literatura brasileira: o jornalista e poeta Olavo Bilac.

O que falar de um homem tão especial como Olavo Bilac? De um dos maiores nomes da nossa rica e vasta literatura?





O que pinçar nessa biografia extensa e irretocável desse escritor, jornalista, conferencista, poeta, quase médico e quase advogado...

Quase sim, porque aos 15 anos, antes, portanto, de completar a idade exigida, por sua aplicação nos estudos, obteve autorização especial para ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, atendendo a um desejo do pai que era médico e queria ver o filho seguindo seus passos. Ele bem que tentou. Coursou medicina até o 4º ano. Mas durante esse tempo, o que realmente lhe dava prazer era o seu trabalho na redação da *Gazeta Acadêmica*. E também sua frequência rodas boêmias e literárias do Rio de Janeiro. Desistiu da medicina.

Veio então para São Paulo, cursar a Faculdade de Direito. Desistiu no primeiro ano.

Os amantes da literatura certamente agradecem e aplaudem essas desistências.

O talento literário de Olavo Bilac logo começou a ser notado.

Em 1884, o seu soneto “Nero” foi publicado na “Gazeta de Notícias” um dos mais importantes jornais do Rio de Janeiro na época.

Pouco a pouco Bilac foi fazendo das letras sua profissão definitiva: produziu, além de poemas, textos publicitários, crônicas, livros escolares e poesias satíricas.

Colaborou com diversos periódicos ente 1885 e 1920 como as revistas:

A Imprensa, A Leitura, Branco e Negro, Brasil-Portugal e Atlântida





Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, sendo a mais famosa em favor do serviço militar obrigatório. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como A Cigarra, O Meio e A Rua. Substituiu Machado de Assis, na seção “Semana” da Gazeta de Notícias, onde trabalhou durante anos. Fez jornalismo político no começo da República, sendo perseguido por Floriano Peixoto. Teve que se esconder em Minas Gerais, quando frequentou a casa de Afonso Arinos em Ouro Preto. No regresso ao Rio, foi preso.

Em 1891, foi nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio.

Em 1898, foi nomeado inspetor escolar do Distrito Federal, cargo em que se aposentou.

Foi também delegado em conferências diplomáticas e, em 1907, secretário do prefeito do Distrito Federal.

Sua obra poética enquadra-se no Parnasianismo, que teve na década de 1880 a fase mais fecunda. Ao lado de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia, Olavo Bilac foi a maior liderança e expressão do Parnasianismo no Brasil, formando a *Triade Parnasiana* (os três escritores mais importantes do Parnasianismo). Fora dessa linha, suas poesias eram líricas, amorosas e sensuais, abandonando as características do Parnasianismo.

No começo do século 20, Olavo Bilac teve o reconhecimento nacional: foi eleito o “príncipe dos poetas brasileiros”, num concurso realizado pela revista “Fon-Fon. Existem algumas curiosidades sobre a sua vida, como por exemplo, a briga com outro grande escritor: Raul Pompéia. Dizem que os dois chegaram até mesmo a marcar um duelo em praça





pública, porém por fatores desconhecidos, ele não chegou a acontecer.

Outra curiosidade aconteceu em 1897. Bilac acabou perdendo o controle do seu automóvel e bateu contra uma árvore na Estrada da Tijuca, sendo o primeiro motorista a sofrer um acidente automobilístico no Brasil.

Bilac foi também um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Em 1917, recebeu o título de professor honorário da Universidade de São Paulo.

Muito embora tenha cantado o amor em seus poemas, e tenha amado e noivado Amélia de Oliveira, e também Maira Selika, não constituiu família vivendo sozinho até o fim dos seus dias. Em um dos seus mais conhecidos poemas, Via Láctea, Bilac disse:

“Ora (direis) ouvir estrelas! Certo
Perdeste o senso!” E eu vos direi, no entanto,
Que, para ouvi-las, muita vez desperto
E abro as janelas, pálido de espanto...
E conversamos toda a noite, enquanto
A Via Láctea, como um pálio aberto,
Cintila. E, ao vir do sol, saudoso e em pranto,
Inda as procuro pelo céu deserto.
Direis agora: “Tresloucado amigo!
Que conversas com elas? Que sentido
Tem o que dizem, quando estão contigo?”
E eu vos direi: “Amai para entendê-las!
Pois só quem ama pode ter ouvido
Capaz de ouvir e entender estrelas”





Olavo Bilac faleceu em 28 de dezembro de 1918 no Rio de Janeiro com apenas 53 anos.

Termino dizendo o seguinte: Quem mais nos poderia brindar palavras mais exatas ao cantar a insígnia maior da nossa pátria ao dizer, como o primeiro verso do nosso Hino a Bandeira:

“Salve lindo pendão da esperança, salve símbolo augusto da paz”.

Hoje, eu vos digo amigos, é um orgulho ter como patrono da cadeira número 16 da Academia Guarulhense de letras, Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac, símbolo augusto da literatura brasileira.

Creio que já me estendi demais, e gostaria de encerrar agradecendo ao apoio dos meus amigos e familiares, em especial à minha esposa Maria Tereza, meus irmãos Mauro e Amelia e meus filhos Bianca, Giovanna e Breno, que sempre me apoiaram nos meus trabalhos literários e dramaturgicos.

Obrigado.





PARTE III

Elogio Fúnebre







JOSÉ MANUEL MATEOS MARTINEZ

Mauro dos Santos Oliveira

É com profundo pesar que os membros da Academia Guarulhense de Letras participam aos escritores de todos os quadrantes do Universo o falecimento do Confrade José Manuel Mateos Martinez. O brilhante escritor nasceu em Madri, Capital da Espanha, no dia 02/12/42, deixando o torrão natal aos 14 anos de idade, acompanhando a família que fugia das atrocidades da guerra, aportando na cidade de Guarulhos onde cresceu e formou sua vida familiar, profissional e social. Partiu para a última morada no dia 20 de julho de 2015, não por acaso, data em que se comemora o “Dia Internacional da Amizade”, deixando uma lacuna na literatura guarulhense. A Academia pranteou o irmão que deixou saudade. Sua passagem pelo Sodalício teve os contornos de um Cometa especial que passou rapidamente, deixando para trás um rastro luminoso, colorido e incandescente que, ao desaparecer, salpicou o céu com letras a mancha para saciar a fome de quem tem vontade de aprender. A sua elegância e primorosa educação, aliados à presteza e cordialidade restarão indelévels em nossos corações. O seu trabalho permeado de crônicas e contos de primeira grandeza formam um celeiro de obras primas,





talhadas pela inteligência e pela dedicação e, certamente, ficará registrado nos anais da nossa Confraria, onde Martinez conquistou a cadeira de número 24, sendo apadrinhado pelo festejado patrono Ibraim de Almeida Nobre. Tal conquista consagra o nobre confrade como patrono da cadeira vacante, para a eternidade. Ingressou na Academia no mês de março de 2014 e, na semana seguinte, começou a trabalhar em prol da causa acadêmica, demonstrando, cabalmente, possuir o real valor exigido para incorporar a casa do saber e do conhecimento. Era conhecido e reconhecido pelo esmero no falar e no comportamento, além, da acurada elegância e dedicação na solução daquilo que se comprometia realizar. Há alguns anos se dedicava à escrita na adaptação de histórias conhecidas, adequando-as para a linguagem atualizada e usando ferramentas do século XXI. Foi, também, pesquisador de assuntos da espiritualidade, deixando um acervo composto de três livros e farto material para publicação. Demonstrou seu talento participando de quase todos os eventos capitaneados pela Academia, fazendo-se presente, também, na edição da Revista 2014. Com tantos predicados, o nome do consagrado Martinez fulgurará no panteão dos escritores guarulhenses, recebendo o referendo dos seus pares que muito se orgulham de ter convivido com tão ilustre companheiro. Ele partiu pela via natural ainda menino, tinha apenas 72 anos. Foi cintilar entre os astros, consagrado pela imortalidade que conquistou em vida.

Descanse em paz.

Julho/2015









PARTE IV

Complementação do
Livro Histórico







Complementação da história da Academia Guarulhense de Letras: de agosto de 2014 a julho de 2015

Mauro dos Santos Oliveira
Teresinha Silva Maltez de Souza

A vida pulsa no seio do Sodalício. Seus membros se destacam por trabalhos primorosos extraídos de seus intelectos. Impulsionam as notas acadêmicas proporcionando aos amantes das letras, interatividade que permite manter aceso o liame entre o saber e o conhecer. Por vertentes múltiplas, incansáveis escritores se revezam no cumprimento do mister de disseminar a cultura, buscando abranger o maior número de ouvintes, de leitores, enfim, prender a atenção daqueles que, ao ouvi-los, despertam para a profundidade do dito de Monteiro Lobato que vaticinou: “Um país se faz com homens e livros”. Vigiar, assegurar o emprego escorreito e consagrar o idioma é trabalho titânico que obriga o Acadêmico efetivo a exercer, com fidelidade, o magnânimo direito de escrever e propagar as suas idéias. Sendo o universo que compõe a nossa Agremiação composto por 40 membros, um contingente





expressivo se encarrega de fazer prosperar a entidade e, para tanto, promovem contagiante encontro mensal para atualizar as atribuições que lhes compete. As reuniões consagram o respeito, a amizade, a alegria, a fraternidade, a boa-venturança, a solidariedade, além, da obrigatoriedade de produzir obras para assegurar a boa colheita literária que a sociedade tanto precisa. Neste compasso, peço vênica para ilustrar, de forma singular, a síntese que retrata a continuidade da vida acadêmica até aos dias de hoje, como forma de manter atualizadas as notas elementares das letras. Observe o resplandecer de um novo ano de trabalhos no Sodalício.

- Em 26/08/2014 – Reunião transformada em assembléia geral ordinária para a realização dos atos preparatórios da eleição da nova diretoria que regerá o Sodalício no período compreendido entre 2014/2016. Vale lembrar, a guisa de curiosidade, que em 36 anos de existência, pela primeira vez, o escrutínio sofreu concorrência com embates entre duas chapas.
- Chapa número um – Presidente Ary Baddini Tavares e mais 22 membros – Baddini falou de sua disposição em concorrer para viabilizar alguns projetos que julga de extrema urgência para o Sodalício.
- Chapa número dois – Presidente José Augusto Rodrigues Pinheiro e mais 34 membros – apresentou projetos para o Sodalício.
- O presidente Clóvis consultou o Colégio sobre a existência de outras chapas e, não havendo, encaminhou a votação, iniciando-se o sufrágio secreto. Não houve registro de nenhum voto em branco ou nulo. As duas chapas obtiveram



11 votos cada. Diante do empate o Colégio determinou que se passasse ao segundo escrutínio, cuja apuração culminou com o seguinte resultado: 01 voto branco, 11 votos para a chapa um e 10 votos para a chapa 02.

- O presidente Clóvis declarou eleita a primeira chapa, comandada pelo confrade Baddini.
- Em 26/08/2014 - O presidente Clóvis abriu os trabalhos lembrando os pares que na última reunião virtual, como havia sido decidido na presencial, a escritora Concita Weber foi celebrada como acadêmica correspondente, uma vez que reside na Alemanha.
- O confrade Jacques teceu elogios ao confrade Clóvis, classificando como magnífica a gestão do biênio que se finda, de muito sucesso e conquistas sob o seu comando, o que foi corroborado por todos os presentes.
- O confrade Clóvis agradeceu justificando o desempenho positivo alegando que só foi possível graças à união e empenho dos pares e que retribui os elogios a todos que se empenharam durante sua gestão.
- O confrade Valdir Carleto anunciou a presença de escritora Concita Weber, autora de 11 livros, como sendo o primeiro membro correspondente em terras internacionais. Disse que a confrreira mora na cidade de Berlim - Alemanha e pertence a Associação dos Escritores de Berlim. Concita agradeceu a honraria dizendo-se satisfeita e pronta para zelar pela AGL, não só na Alemanha, mas, nos países que frequenta promovendo a literatura. Consoando o ato, o presidente transmitiu o diploma.



Sob a égide de nova direção, o Sodalício imprime marcha para frente e para o alto, em busca de soluções para possíveis entraves, rendendo homenagens ao Confrade Clovis Domingues. No comando da última reunião de uma profícuca gestão repleta de grandes conquistas, Clovis será lembrado por memoráveis feitos que marcarão, indubitavelmente, para sempre a sua magistral passagem pelo comando da nossa Agremiação. Vide a próxima nota.

- Em 26/09/2014 – Reunião de transmissão de diretoria realizada no Teatro Abílio Baeta Neves no Campus das Fig-Unimesp.
- O confrade Colacioppo, como mestre de cerimônias, cumprimentou a todos formando a mesa diretiva dos trabalhos. Cumprida a formalidade, convocou a acadêmica honorária Maria Alice para que, acompanhada ao piano, apresentasse os hinos Nacional e de Guarulhos.
- Na sequência destacou as autoridades presentes. Convocou os acadêmicos: Castelo e Ibrahim para declamarem poesias e a confrreira Alice para apresentar mais dois números musicais. Em seguida convidou o acadêmico Mauro para que, da tribuna, efetuasse a leitura da ata constitutiva da diretoria que presidirá o Sodalício no próximo biênio.
- O orador Lineu, inspirado e sob forte emoção, fazendo as honras da Academia, brindou os presentes com um texto que coroou a cerimônia. Encerrou enaltecendo os feitos da gestão que se finda, enquanto acolheu com a mesma ênfase a equipe que doravante comandará os destinos da Confraria.
- O mestre de cerimônias conclamou os presidentes Clóvis Domingues e Ary Baddini Tavares para que, num abraço





fraternal efetuassem a transmissão e a recepção da presidência da Instituição, seguindo ambos, irmanados, à frente do comando e dos interesses da Sodalício.

- O presidente Clóvis, ao transmitir o comando proferiu palavras de agradecimento aos companheiros das letras e, para registrar os efeitos do trabalho desenvolvido por toda a diretoria, como forma de prestação de contas, distribuiu um exemplar do Boletim Acadêmico – Ano II – nº 1, para assentar nos anais do Sodalício.
- O presidente empossado, Ary Baddini, teceu elogios ao antecessor Clóvis destacando o magnífico trabalho realizado nesta casa de cultura. Prometeu empenho e dedicação para que a confraria caminhe sempre para os píncaros da glória.

A sucessão presidencial se renova por exigência do que reza nos Estatutos. Assim, o Presidente que ora inicia a nova caminhada, o faz consubstanciado no dogma que alimenta toda entidade próspera e de interesse público: Trabalho; União; Ideal e Coletividade em prol da riqueza, do conhecimento e do saber. Observe os próximos registros.

- Em 28/10/2014 – O presidente Ary Baddini Tavares abriu os trabalhos comunicando que o confrade Mauro se submeterá a cirurgia no dia 24/11 e consultou os pares sobre a possibilidade de antecipação da próxima reunião para o dia 18/11, uma vez que, a próxima reunião cuidará dos preparativos para a festa de final de ano do Sodalício, recebendo aprovação da sugestão por unanimidade.
- Ainda, o presidente submeteu à apreciação do Colégio a manutenção do nome do saudoso professor Gasparino José





- Romão, na cadeira nº 01, em substituição ao patrono João Gualberto de Oliveira. Sugeriu, também que, doravante, toda cadeira que vagar pelo desaparecimento natural de seu detentor, primeiro ocupante, receberá o patronato em sua homenagem, sendo esta regra aplicada, exclusivamente, para as cadeiras numeradas de um a vinte e cinco.
- Na sequência, discorreu sobre os postulantes a membros efetivos da AGL, enfatizando que os escritores que reúnem atributos para integrar o Sodalício são: Nelson Antonio Natalino e José Roberto Jerônimo. Os candidatos serão oportunamente empossados.
 - Informou que o posto de Presidente do Conselho Fiscal será ocupado pelo nobre acadêmico Clóvis Domingues, esclarecendo que a confrreira Aura Gold abdicou daquela função por motivo de força maior.
 - O confrade André deu notícias sobre o andamento da Revista 2014, informando que a revisão já foi realizada e que a apresentação e a orelha estão a cargo dos confrades: Armando Colacioppo e Claudemir Pedroso, respectivamente.
 - O acadêmico Mauro lembrou que a ata firmada nesta data é o primeiro registro da diretoria vigente que assumirá a forma de encadernação.
 - O confrade Martinez discorreu sobre a organização da biblioteca acadêmica, trabalho que vem realizando e solicitou que a diretoria e os demais membros forneçam dados para a elaboração deste mister.
 - A confrreira Antonia informou que no dia 16 de outubro, juntamente com a confrreira Aura Gold promoveu palestra na Faculdade Anhanguera, no evento “Sarau de Poesias”.





- Antonia registrou, também, que no dia 27 de setembro participou de reunião na Academia de Letras de Campos de Jordão, a convite de sua presidente, acadêmica Maria José Ávila.
- O confrade Valdir anunciou que a revista RG do mês de outubro trará em suas páginas uma entrevista com o acadêmico Ary Baddini Tavares.

A reunião que anuncio traz no bojo um capítulo com atos constitucionais, tratando, especialmente, de assuntos documentais, absolutamente necessários para consagrar a legalidade da instituição. Dá conta do registro do documento que oficializou a atual diretoria com mandato bienal, alertando o poder público para conhecimento dos regentes e administradores do Sodalício até ulterior modificação. Os próximos recortes evidenciam as ocorrências.

- Em 18/11/2014 - O presidente Baddini declarou abertos os trabalhos cumprimentando os pares e determinando que a confrreira Teresinha lesse a ata da última reunião.
- Informou, ainda, que a ata de eleição da atual diretoria foi devidamente registrada estando apta para as processualísticas necessárias.
- O acadêmico André recebeu o aval dos pares para concluir a transação da Revista 2014, informando que contará, aproximadamente com 400 páginas, ao custo de R\$ 10.000,00.
- O presidente submeteu à apreciação do Colégio a escolha de um nome para a Biblioteca da AGL, listando cinco





concorrentes, sendo que, por consenso, foi escolhido o confrade João Ranali.

A próxima passagem demonstra o zelo e a preocupação dos Confrades em alinhar comportamentos com aqueles que um dia sonharam com a imortalidade. Apresenta o local de trabalho que decide os caminhos da nossa entidade, trazendo para uma reunião ordinária os dois escritores escolhidos para ocupar a efetividade, cujas consagrações, se realizarão em breve tempo, observe.

- Compareceram como convidados, neste encontro, os dois candidatos aprovados na última reunião, a saber: Nelson Natalino e José Jerônimo. O presidente franqueou-lhes a tribuna e, cada um, de per si, demonstrou grande satisfação em pertencer ao Sodalício, prometendo empenho e assiduidade.

Nem só de erudição, de formalizações, de solenidades oficiais e de compromissos régios de quem se ocupa em vigiar o vernáculo, vive o Sodalício. Hoje é dia de festa. Em ambiente de ensino e de formação superior com agradabilíssimo condão de aprendizado e conhecimento, a AGL se reúne no Campus das FIG-Unimesp para uma confraternização ansiosamente esperada, não só pela seleta casta da imortalidade, mas, também, pelos amantes das letras que acompanham a caminhada acadêmica. A Academia recebe amigos, escritores, autoridades de vários seguimentos que são brindados com desempenho litero-musical, gentilmente capitaneado pelo Maestro Armando Colacioppo. Acadêmi-





cos apresentaram trabalhos visando o entretenimento dos presentes. O Sodalício anuncia os novos pares que cerram fileira aos efetivos na luta incessante de disseminar a cultura e o saber e, como ponto alto da solenidade, promove o lançamento da Revista 2014, evento que faz parte da grade cultural da literatura guarulhense. Observe as próximas notas.

- Em 12/12/2014 - Reunião ordinária realizada no Anfiteatro Abílio Baeta Neves, no Campus das Fig-Unimesp, em comemoração ao 36º aniversário de fundação do Sodalício e encerramento dos trabalhos acadêmicos do ano.
- O confrade Bosco atuou como mestre de cerimônias formalizando todos os atos atinentes ao encargo de anfitrião.
- O presidente Baddini saudou o público dando início a solenidade.
- O mestre de cerimônias convidou o acadêmico Maestro Colacioppo para que, ao piano, apresentasse os Hinos Nacional e de Guarulhos.
- A apresentação da parte litero musical ficou a cargo da acadêmica honorária Wilma Colacioppo.
- O acadêmico Lineu representou o Sodalício em brilhante discurso enaltecendo a figura do advogado criminalista.
- O confrade Ibrahim ocupou a tribuna para declamar a poesia autoral intitulada “Fim de Festa”.
- O escritor Jerônimo declamou uma poesia de sua lavra denominada “Minha cidade, cidade minha”.
- O presidente exibiu fotografia emoldurada do ex-presidente Clóvis Domingues, que será entronizada oportunamente.
- Tomaram posse os seguintes Membros efetivos:





Cadeira: 16

Patrono: Olavo Braz Martin dos Guimarães Bilac

Acadêmico: Nelson Antonio Natalino

Cadeira: 29

Patrono: Sylvio Ourique Fragoso

Acadêmico: José Roberto Jerônimo

- Lançamento da Revista 2014 da Academia Guarulhense de Letras – os presentes foram brindados com um exemplar.

Ano novo, muito trabalho, idéias novas, muitas esperanças. Esta reunião acentua a necessidade de se manter a prática que sempre norteou as atividades acadêmicas, ou seja, deliberar fatos sobre o bom andamento do sodalício em reuniões presenciais, porém, sem menosprezar a comunicação virtual que tanto facilita as relações entre as pessoas. Neste compasso, as reuniões virtuais servirão como atos preparatórios para antecipar pontos de vista sobre assuntos emergenciais que, posteriormente, serão decididos nos encontros mensais. Nestes debates fica visível a preocupação dos Acadêmicos em trazer a sociedade para dentro da Academia, buscando, principalmente, estreitar laços com os corpos docente e discente do ensino guarulhense, além de promover homenagens aos grandes vultos da literatura brasileira. Registro, também, a homenagem merecida ao Confrade Clovis Domingues quando da entronização do seu quadro na Galeria dos ex-presidentes. Note as informações abaixo.





- Em 27/01/2015 – Na abertura dos trabalhos, o presidente, cumprimentou os pares e discorreu sobre a atual situação do país, clamando pela paz na terra.
- O presidente teceu comentário sobre as reuniões virtuais, dizendo serem necessárias para estabelecer debates sobre assuntos que somente serão consumados nas reuniões presenciais.
- O confrade Clóvis manifestou-se para esclarecer que este tipo de relacionamento serve para tratar de assuntos emergenciais, cujas decisões imediatas serão justificadas na próxima reunião presencial.
- O acadêmico Gil asseverou que o Sodalício deve desenvolver empenho junto aos munícipes, especialmente, corpo discente e docente, estimulando a leitura, com a participação efetiva dos confrades nas escolas do Município.

O confrade Natalino participou aos pares o desejo de alguns professores em poder contar com o auxílio da AGL na condução de projetos sobre literatura.

- O presidente anunciou a presença da senhora Marta Pinho dos Santos Domingues e do neto Walter Paulino dos Santos Neto que vieram prestigiar a solenidade de entronização do quadro fotográfico do insigne Clóvis Domingues na galeria dos ex-presidentes.
- O acadêmico Bosco Maciel alertou que já se aproxima o tempo de homenagens para o poeta Castro Alves e que vai cuidar dos preparativos através da reunião virtual.





Sendo o Sodalício, objetivamente, entidade com a única obrigação de defender, preservar, zelar e difundir a cultura, o saber e a interação dos munícipes com as atividades literárias, não lhe cabe tomar partido político, porém, acolhe as autoridades, mormente, aquelas cuja pasta trilham o caminho da educação e da cultura. Neste diapasão, notamos que o mandatário Ary Baddini comunica visita ao Secretário de Cultura reiterando pleito de suma importância, consistente na concessão plena do prédio onde se localiza a sede da agremiação. Acerca deste sonho, manifestou-se o Confrade Plínio, emérito conhecedor deste assunto, emitindo opinião não muito alvissareira no que tange promover modificações estruturais naquele prédio. As homenagens aos escritores se sucedem, tanto aos desaparecidos, como aos presentes. O confrade novato lembra o escritor vetusto que deixou vasto legado ao passar para a imortalidade. O membro fundador, já mais amadurecido, teceu elogios ao Confrade presente, lembrando tratar-se do melhor jornalista da terra e grande poeta. Outro Confrade, Martinez, demonstra o zelo, o respeito e a preocupação em registrar, fidedignamente, as obras dos Acadêmicos que guardarão registros nos anais do Sodalício. Já, o Acadêmico Clovis Domingues rememorou feito do saudoso Laerte Romualdo de Souza, trazendo à baila a frase de sua autoria e que ilustra o brasão da AGL “Na Academia Existe Vida”, ressaltando a dedicação, a entrega e o amor que o magnífico Secretário Geral nutria pela nossa Instituição. Aprecie os próximos registros.

– Em 24/02/2015 – O presidente abriu os trabalhos cumprimentando os pares e adequando a disposição das cadeiras





na mesa com o objetivo de melhorar a acústica e facilitar a comunicação. – Anunciou que fez visita de cortesia ao confrade honorário Edmilson a fim de tratar de assunto referente a concessão total do prédio. Sonho antigo da Confraria. O confrade Edmilson descartou, momentaneamente, a realização do velho sonho.

- O confrade Plínio revelou que foi o engenheiro responsável pelo projeto desta edificação e ponderou que transformações são difíceis considerando que o local como um todo não pode ser modificado.
- O acadêmico Jerônimo prestou homenagem ao seu patrono Sylvio Ourique Fragoso lendo um texto, exaltando o membro que foi um dos fundadores do Sodalício.
- O presidente Baddini prestou reverência ao escritor Castelo Hanssen, lembrando tratar-se, de longe, do melhor jornalista de Guarulhos, além de poeta.
- O acadêmico Martinez discorreu sobre o tomo patrimonial das obras dos pares, trabalho metucioso, mas, que depende, também, da colaboração dos acadêmicos no fornecimento dos dados necessários e dos exemplares dos seus títulos.
- O confrade Clóvis Domingues, da tribuna, trouxe à baila a frase do saudoso acadêmico Laerte Romualdo de Souza, “Na Academia Existe Vida”, justificou a lembrança fazendo menção a inúmeras pessoas de vários seguimentos que se dedicam, de corpo e alma, às causas acadêmicas, disseminando o saber e a cultura. Esta entrega traduz-se no desempenho cultural que o confrade Laerte sempre apregoou.





O encontro mensal entre os Acadêmicos reveste-se, quase sempre, de matérias positivas. A reunião de hoje teve início na contramão desta verdade, pois, solenemente, sentimos-nos na obrigação de voltar ao passado, não distante, mas, de glória. O mês de março se encarregou de marcar o decesso de duas colunas gigantescas e fortes, o suficiente, para tornar a Academia uma realidade no mundo da literatura. Em datas diversas do terceiro mês, deixaram o nosso convívio os saudosos e inexcedíveis Dr. Noronha e Dr. Ranali, passando para a imortalidade traduzida pela magistral obra que ambos deixaram como legado. Mas, não tardou a se anunciar notícias de real valor, lembrando escritores do mais alto jaez e que, anualmente, festejamos e homenageamos ao realçar os seus trabalhos, conhecidíssimos da maioria dos brasileiros, a exemplo do “Poeta Negro”. Também de feliz lembrança, notas dando conta de saraus que, cada vez mais, proporciona entretenimento aos munícipes amantes das letras. Não faltam notícias de cunho histórico ,retratadas por especialistas no assunto, lembrando as preciosidades do nosso torrão. E há aqueles que longe da terra de origem, se preocupam com o grau de sabedoria de seus conterrâneos, procurando meios para instigá-los na procura da cultura, do saber e do conhecimento, alimentando a idéia de construir na distante Cazajeiras uma Casa de Cultura para semear, mais a miude, as letras para quem delas tem identidade. Outros tornam público os sonhos que trazem no coração, a materialização de promessas do poder público em proporcionar uma Academia de Letras pujante, representativa e merecedora de sede condizente com a portentosidade do nosso Município. Analise as informações abaixo.





- Em 31/03/2015 – O presidente abriu os trabalhos solicitando que a secretária Teresinha lesse a ata da última reunião, nominasse os aniversariantes do mês e em homenagem póstuma, anunciasse que, no mês de março de um passado recente, faleceram os acadêmicos fundadores: Adolfo Vasconcelos Noronha e João Ranali.
- O confrade Bosco abordou o evento “Semana Castro Alves”, informando que deste ano, sem sombras de dúvida, superou a edição passada, com participações dos pares em escolas, faculdades e pontos de cultura.
- O acadêmico Jerônimo discorreu sobre os saraus da Academia levados a efeito toda primeira sexta-feira útil de cada mês. Lembrou que os encontros foram recepcionados com número expressivo de participantes.
- O confrade Elmi, atual presidente do Conselho do Patrimônio Histórico de Guarulhos, comunicou que aguarda sugestões para possíveis “tombamentos” em nosso Município, citando, inclusive, para tal efeito o prédio da nossa Instituição que faz parte do complexo “Lago dos Patos”, já tombado.
- O confrade Bosco discorreu sobre a Academia Cajazeirense de Letras, cujo apoio do nosso Sodalício, traduziu-se no envio de uma missiva para a prefeita daquela cidade. Bosco leu a carta redigida pelo presidente Baddini convidando a alcaide de Cajazeiras a entusiasmar os escritores da conhecida cidade a instituir uma casa de ensino para eternizar as letras naquele rincão.
- Baddini rememorou antigo sonho reportando-se à possibilidade de a Academia ser subsidiada pelo Poder Público, citando como exemplo a ABL e APL. Conjecturou sobre





a remodelação, ampliação e maior arejamento da nossa Sede Social.

- O acadêmico Clóvis lembrou a incessante luta pelo melhoramento da nossa Casa durante os dois anos que presidiu o Sodalício.
- O confrade Bismael declarou que no Brasil quem ganha com a criminalidade é o grande empresário e a corrupção, distribuindo aos pares um trabalho intitulado “Cascata do Silêncio”.
- O acadêmico Bosco Maciel comunicou que promoverá uma apresentação na Casa dos Cordéis, com um artista tocador de Harpa, em homenagem ao saudoso confrade Gasparino, autor do livro “A Harpa Emudecida”.

O ano passa como num piscar de olhos e, ao Acadêmico que se preocupa com as causas que jurou defender, incumbe abordar o assunto que fechará o ano de trabalhos, incitando os pares para os atos preparatórios concernentes ao lançamento da Revista 2015. Algumas pinceladas foram dadas neste sentido, mantendo-se o comando das tratativas como no ano passado. O progresso nas apresentações dos saraus é ponto pacífico. O sucesso é tanto que o Confrade Jerônimo já está providenciando a realização dos saraus itinerantes e, para tanto, contatou escolas do Município que receberam a notícia de bom grado. Este movimento tem agregado inúmeros Confrades que unem forças para fortalecer mais ainda relevante missão. Nota-se, neste capítulo, que aqueles que se desdobram para ver crescer o Sodalício, estão sempre presentes e dispostos a defender as letras com as suas magníficas colaborações, exemplo que poderia ser imitado por alguns





que ocupam cadeira de imortal, sem dizer por que vieram para a confraria. O documento abaixo comprova o alegado.

- Em 28/04/2015 – O presidente iniciou os trabalhos dando conta da necessidade de se abreviar à processualística para a edição da Revista 2015, tendo o Colegiado decidido que tal encargo continuará sob o comando do confrade André.
- O acadêmico Jerônimo dissertou sobre o sarau mensal informando que a senhora Maria de Lima, da Secretaria de Cultura, sugeriu que o evento seja na forma itinerante, com apresentações nas escolas do Município e em pontos de cultura.
- O confrade Clóvis afirmou que o sarau itinerante proporciona maior visibilidade para a AGL, divulgando a literatura em todo o Município e atendendo aos anseios do público interessado.
- O acadêmico Valdir anuiu que ir as Escolas Públicas do Município e falar de cultura para os alunos redundaria no exercício da cidadania, demonstrando zelo pela Escola e incentivando o hábito da leitura.
- O presidente do Conselho, Clóvis Domingues, discorreu sobre o não comparecimento de determinados acadêmicos nas causas literárias, lembrando que há casos de ausências que perduram longos anos sem justificativa plausível. O fato constatado fere os Estatutos e requer providências. Sobre este assunto, o presidente Baddini, determinou que a secretaria providenciasse levantamento, ficando a discussão para a próxima reunião.





- O confrade Elmi solicitou a indicação de dois acadêmicos para integrarem o Conselho do Patrimônio Histórico de Guarulhos, tendo o Colégio indicado: Claudemir Pedroso e Silvio Ribeiro.

A tristeza ronda a seara acadêmica, um igual baixa ao hospital e luta contra doença perversa e, aos Confrades resta elevar o pensamento em oração, enviando bons fluidos ao Martinez e ao médico que dele trata, esperando o seu regresso em breve tempo. Volta á baila o assunto Revista 2015 que já esperada com ansiedade. Novamente o poeta corrobora a sua verve promovendo apresentação no ponto de cultura, para deleite dos presentes. E, quando a notícia é alvissareira, merece registro dobrado, pois, mais escolas se interessaram pelos saraus acadêmicos, o que nos conforta e incentiva na busca do esmero no entretenimento e na disseminação das letras. Vê-se a força do verdadeiro batalhador que não esquece as obrigações com a Confraria. Sempre a postos como um soldado a serviço da literatura, o incansável Clovis Domingues chama os ausentes para o cumprimento do mister a que se comprometeram desenvolver. Quanto mais unidos, mais fortes seremos para servir e defender o direito de provocar o interesse pela palavra e pela leitura. Vejam o exemplo da Confreira Jane Rossi frente aos alunos da escola onde ministra aulas. Verdadeira aula sobre Crise Hídrica foi atentamente assistida pelos Acadêmicos quando o confrade Plínio Tomaz dissertou sobre o problema. Com a aestria que lhe é peculiar, Plínio alertou para a situação, afirmando que o nosso Município já está à beira do caos e que devemos todos,





nos esforçar para economizar o líquido precioso. Confira as notas.

- Em 26/05/2015 – O presidente abriu os trabalhos determinando que a secretária Teresinha lesse a ata da última reunião. Na sequência passou a palavra para o 1º Secretário Mauro que informou aos pares a hospitalização do acadêmico Martinez, sendo ratificado pelo confrade Plínio, dando conta que o Martinez passa por maus momentos. Os pares elevam os pensamentos para que a sua melhora seja rápida.
- O confrade Natalino comunicou que no próximo dia 30 haverá, na Casa dos Cordéis, um sarau comandado pelo poeta Castelo Hanssen.
- O confrade André esclareceu que a Revista 2015 deverá respeitar as normas enviadas pelo e-mail e obedecer à data improrrogável de 10 de agosto para a entrega dos trabalhos.
- O escritor Valdir Carleto comunicou que entrou em contato com dirigentes de ensino Norte e Sul de Guarulhos, tendo a diretora do setor Sul enviado uma lista com 11 escolas interessadas ns apresentações de saraus. Jerônimo, coordenador dos saraus vai inteirar-se para, depois, anunciar o número de participantes para suprir tais compromissos.
- O acadêmico Clóvis, mais uma vez, trouxe a baila o assunto: acadêmicos ausentes contumazes, asseverando que os Estatutos devem ser cumpridos, lembrando que há acadêmicos ausentes há mais de 14 anos. Como sempre este assunto gerou calorosa discussão entre prós e contra a per-





- manência ou exclusão dos membros que não demonstram nenhum interesse pelas causas acadêmicas.
- O presidente determinou que este assunto fosse pautado na próxima reunião para os devidos desdobramentos.
 - A confrreira Jane Rossi anunciou o lançamento do Livro “Sementes da Paz” no dia 26 de junho de 2015, às 19 horas na Biblioteca Monteiro Lobato. Informou, ainda, que o escritor homenageado neste ano será o acadêmico A. Ibrahim Khouri.
 - O confrade Plínio, catedrático nos temas: Recursos Hídricos e Reaproveitamento das águas das chuvas promoveu um alerta para os pares vazado nas seguintes informações: A situação Hídrica no mundo carece de maior preocupação de seus habitantes. Em Guarulhos a situação é péssima tanto quanto a da Capital. Dentre as informações prestadas asseverou que para melhorar a relação da quantidade de água por habitante, Guarulhos promove estudos para colocar em prática o tratamento do esgoto transformando-o em água potável.
 - Silvio mencionou que o confrade Lineu, às fls. 234 da Revista 2014 registrou a importância do livro na vida dos cidadãos.

A Academia é uma entidade considerada, por decreto, como Órgão de Utilidade Pública. Nas mais de três décadas de existência prima por privilegiar a cultura e mantém, como regra geral, a promoção das letras através de publicações autorais de seus pares e de edições de Revistas anuais em forma de coletâneas, muito bem preparadas por seus participantes. A Revista é lançada nos finais de ano, quando o Sodalício encerra os trabalhos relativos ao período findo, em meio a uma festa de confr-





ternização entre a turma, amigos e parentes, num ambiente de luz, alegria e respeito às letras. Se o órgão público não entender que a cultura necessita ocupar o pódio na criação de um povo, e não destinar verba para privilegiar o conhecimento, a Confraria, à duras penas, conseguirá manter a tradição, consolidando o sonho de editar a Revista e, como todo ano, brindar os munícipes com a costumeira distribuição de seus exemplares. A edição da III FLEG será no mês de setembro, no andar térreo do prédio da nossa sede, para a alegria dos Confrades participantes e daqueles que, como nós, amam as letras. Já aqueles que não se obrigam a compartilhar o privilégio de comungar o saber com os amantes da cultura, lembramos que foram sempre esperados com alegria no nosso meio e que serão bem-vindos à nossa casa, onde serão recebidos com as honras da imortalidade. O advento dos saraus reveste-se de grande sucesso, tanto é verdade, que foram formadas três turmas para se revezarem nas apresentações, tamanha a demanda implementada por escolas de todos os níveis. Não há controvérsia que não permita direito de defesa, assim, o Colégio decidiu maior flexibilidade na composição da Revista 2.015 no que concerne ao desenvolvimento dos escritores participantes. Observe as novas informações.

- Em 30/06/2015 - O presidente abriu os trabalhos informando aos pares da possibilidade da Prefeitura de Guarulhos negar patrocínio para a próxima edição da Revista. Neste compasso a solução seria o rateio entre os integrantes desta publicação.
- Ainda, sugeriu a instalação da III FLEG no salão do andar térreo do prédio da nossa Sede, cuja permissão será solici-





tada ao senhor secretário de cultura, Edmilson, em reunião que será realizada em 07/07.

- Baddini sugeriu que se oficie aos acadêmicos faltantes contumazes, que, doravante, receberão a seguinte nomenclatura: Acadêmico Efetivo Remido, aos quais se concederá voz, porém, sem direito a voto, possibilitando, ainda, que as suas cadeiras sejam ocupadas por novos postulantes.
- O confrade Jerônimo lembrou que o membro faltante, na atual conjuntura, impede que outro pretendente possa ocupar a sua cadeira, consagrando a inoperância em detrimento de escritores que querem trabalhar para o progresso da Academia.
- Lembrou que 32 Escolas solicitaram a apresentação de saraus nas suas dependências e, para tanto, foram formadas três equipes compostas dos seguintes acadêmicos: 1ª equipe: Confrades Jerônimo, Natalino, Janethe e Silvio; 2ª equipe: Confrades Elmi, Castelo e Ibrahim; 3ª equipe: Confrades Bismael, Antonia e Aura Gold.
- O Mestre Bismael discorreu sobre as diretrizes transmitidas pelo confrade André sobre a Revista da Academia. Asseverou que as regras ditadas pelo acadêmico tolherão os direitos dos escritores, deixando-os sem liberdade, reivindicando maior flexibilização. O acadêmico Valdir esclareceu que as normas existem no sentido de entender o texto, informando o que pode e o que não pode dele constar.

O Sodalício guarda luto diante da perda irreparável de um componente de alto coturno. José Manuel Mateos Martinez, embora por curto espaço de tempo, se manteve sempre participativo, procurando colaborar nas diversas frentes de trabalho



que a Academia empreende. Não demorou revelar à que veio. Muito prestativo, tomava iniciativa para colaborar em prol de uma instituição cada vez melhor e produtora. Chamou para si a responsabilidade pela atualização e cadastro das obras editadas por seus pares, trabalho esmerado e profícuo que não conseguiu terminar, apartado que foi do nosso convívio pela via natural e mais dolorosa. Certamente, o amigo Martinez estará sempre presente nas atividades literárias que deveremos cumprir, pois, a AGL continua a sua jornada lembrando a celebre frase do inextinguível Confrade Laerte – “Na Academia existe vida”. Diante do advento morte, Martinez partiu para a eternidade e, doravante passa a integrar a galeria dos patronos do Sodalício. Passado o momento de reflexão e de grande tristeza, é hora de retomar o rumo da cultura e do entretenimento, incumbência muito bem desenvolvida pelo Acadêmico Bosco Maciel, quando anunciou a aproximação da realização do evento III FLEG. Comentou-se, ainda, sobre a Semana do Livro Nacional e sobre os saraus apresentados na forma itinerante e que têm obtido relevantes resultados, observe as próximas notas.

– Em 20/07/2015 – falecimento do acadêmico José Manuel Mateos Martinez.

Cadeira nº 24

Patrono: Ibrahim de Almeida Nobre

Acadêmico:

– Em 28/07/2015 – O presidente Ary abriu os trabalhos cumprimentando os pares. Nominou os aniversariantes do mês e determinou a leitura da ata da última reunião.



Lembrou ainda, os acadêmicos que faleceram neste mês, em anos diversos.

- O confrade Mauro propôs momento de reflexão acerca do passamento recente do Acadêmico José Manuel Mateos Martinez. Reputou como perda irreparável de um trabalhador incansável em favor do Sodalício. Sua trajetória em nosso convívio foi meteórica, porém, a sua marca restará indelével pelo muito que produziu em tão curto espaço de tempo. Nesta esteira de raciocínio, vários acadêmicos enaltecem a vida e a obra do confrade falecido.
- Mauro, ainda, recebeu a incumbência de registrar nota necrológica do imortal Martinez na revista 2015.
- O acadêmico Bosco Maciel confirmou o evento III FLEG para os dias 21, 22, 23 e 24 de setembro, no andar térreo do prédio da Academia.
- O confrade Valdir manifestou-se acerca da Semana do Livro Nacional, enaltecendo o esforço e a dedicação da congreira Janethe à frente daquele evento.
- O acadêmico Jerônimo dirimiu dúvidas acerca da processualística para a realização dos saraus nas Escolas do Município.

Compilação do núcleo extraído das reuniões ordinárias e extraordinárias implementadas entre os meses de agosto de 2.014 e julho de 2.015. Com este trabalho, ajusta-se, para conhecimento geral, a história da AGL, em cujos anais, se assentam todas as decisões necessárias para a continuidade da sua majestosa trajetória.







Ficha técnica

Formato 14 x 21 cm
Mancha 10,4 x 16,9 cm
Tipologia Minion Pro, Agency FB e Geometri231
Papel miolo: Pólen soft 70 g/m²
capa: Supremo 250 g/m²
Número de páginas 350
Tiragem 600 exemplares

